

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ALINE SPERONI

**RELIGIÕES AFRO-GAÚCHAS NO ENSINO DE HISTÓRIA:
BATUQUE, UMBANDA E LINHA CRUZADA**

CAXIAS DO SUL

2018

ALINE SPERONI

**RELIGIÕES AFRO-GAÚCHAS NO ENSINO DE HISTÓRIA:
BATUQUE, UMBANDA E LINHA CRUZADA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristine Fortes Lia

CAXIAS DO SUL

2018

ALINE SPERONI

**RELIGIÕES AFRO-GAÚCHAS NO ENSINO DE HISTÓRIA:
BATUQUE, UMBANDA E LINHA CRUZADA**

Trabalho de conclusão de Mestrado submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração: Ensino de História: Fontes e Linguagens. Fontes e Acervos na Pesquisa e Docência em História.

Caxias do Sul, 29 de maio de 2018.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Cristine Fortes Lia
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Roberto Radünz
Universidade de Caxias do Sul

Participação por videoconferência

Prof. Dr. Mauro Dillmann
FURG

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

S749r Speroni, Aline, 1990-
Religiões afro-gaúchas no ensino de história : batuque, umbanda e
linha cruzada / Aline Speroni. – 2018.
113 f. : il. ; 30 cm

Apresenta bibliografia.
Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de
Pós-Graduação em História, 2018.
Orientação: Profa. Dra. Cristine Fortes Lia.

1. História - Estudo e ensino. 2. Cultos afro-brasileiros - Rio Grande
do Sul - História. 3. Negros - Rio Grande do Sul - Religião. 4. Rio
Grande do Sul - Religião - Influências africanas. I Lia, Cristine Fortes,
orient. II Título.

CDU 2. ed.: 37.016:94

Índice para o catálogo sistemático:

1. História - Estudo e ensino	37.016:94
2. Cultos afro-brasileiros - Rio Grande do Sul - História	259.4(816.5)(091)
3. Negros - Rio Grande do Sul - Religião	2(=414)(816.5)
4. Rio Grande do Sul - Religião - Influências africanas	2(6:816.5)

Catálogo na fonte elaborada pela bibliotecária
Michele Fernanda Silveira da Silveira – CRB 10/2334

“Papai, então me explica para que serve a História’.
Assim, um garoto, de quem gosto muito, interrogava,
há poucos anos, um pai historiador”.

(Marc Bloch)

AGRADECIMENTOS

Quando iniciei meus agradecimentos visualizei, em frações de segundos, dois anos, nos quais conquistei e perdi muitas coisas. As que perdi, já nem me lembro mais, mas as que ganhei, ah, essas não posso enumerar, pois foram muitas. Entre as coisas que ganhei está a oportunidade de agradecer aqueles que sempre estiveram comigo durante essa jornada. É impossível listar todas as pessoas importantes, assim como, não posso dizer com palavras o quanto foram fundamentais durante minha jornada de estudos. Hoje posso afirmar que a presença de cada um em minha vida foi importante, tanto para a construção da pessoa que me tornei, como para a pessoa que sou a partir dessa experiência, a todos o meu muito obrigada!

Agradeço a todos os meus familiares, mas, em especial, aos meus amados pais, Gelson e Sueli, que perdoaram as minhas ausências, sem cobranças, e, ainda assim, sempre tiveram um colo e um abraço quando eu mais precisava. Não tenho palavras para expressar minha gratidão e amor por vocês, obrigada!!!

Ao meu querido irmão, Sidimar, que sempre se fazia presente com as palavras mais sábias, nas horas em que eu mais precisei, te amo!

Aos meus colegas de trabalho, que hoje não posso mais chamar de colegas, mas de amigos, peço desculpas pelas tantas vezes que os torturei fazendo “palestras”. Élviton Alves, Gustavo Correa, Luã da Silva e Vinicius Zatta e esse último, não menos importante, o meu obrigada mais profundo, pois entre trancos e barrancos tornou-se a pessoa que me segurou quando eu quase caí, obrigada Amor!

Aos meus estimados amigos, frutos da graduação e mestrado, Denise Ruaro Radaelli, Guilherme Griebler, Majô Schwingel, Daniel da Silva e Claudio da Costa, vocês foram as pessoas que sempre diminuía a angústia quando o medo e o sono batiam na porta, nossa amizade não terá pontos, mas inúmeras vírgulas.

Agradeço, também, a todos os professores do Mestrado em História pelos ensinamentos, dicas, e pela paciência ao escutar e sempre ter uma palavra de ânimo nas horas em que o cansaço assombrava... obrigada! Em especial, agradeço a maravilhosa pessoa e profissional, professora Dra. Marília Conforto, não foste apenas meu espelho, foste também minha inspiração como pessoa e profissional, obrigada!

A minha orientadora, professora Dra. Cristine Fortes Lia, deixei por último, pois esta é a pessoa mais sensível que pude conhecer, também é a pessoa mais forte, que não me deixou desistir quando eu propus desistir. Cris, você é uma pessoa maravilhosa, a quem eu nunca terei palavras suficientes para dizer o tamanho da minha gratidão e admiração. Construimos e

compartilhamos, durante esses dois anos, muitas experiências, as quais espero poder continuar a viver após o encerramento desse ciclo. Eu agradeço-lhe pelo tempo desprendido, não apenas em relação ao meu trabalho, mas também a vida, o meu mais sincero obrigada!!!

Por último, quero agradecer todo o time de amigos que compartilharam comigo essa experiência chamada de Mestrado. Infelizmente não tenho como citar aqui todos vocês, mas quero que saibam que guardo em meu coração e memória a participação de cada um, obrigada galera!

Aos meus amados Orixás, saravá! Mãe Oxum, Pai Ossanha, Pai Ogum, o meu Axé mais que sincero.

Que venham novos desafios!

DESTRANCA RUA

*Destranca rua,
Destranca os meus caminhos,
Que foi trancado,
Pelo Povo Pequenino.
Bará da Rua,
Bará o Exú,
Bará da Rua,
Saravá Destranca Rua,
Exú Bará da Rua,
Bará o Exú,
Bará da Rua,
Saravá Destranca Rua,
Mas eu não saio na rua,
Mas eu não volto da rua,
Sem cumprimentar,
O meu Bará da Rua,
Bará da Rua,
Bará o Exú,
Bará da Rua,
Saravá Destranca Rua,
Exú Bará da Rua,
Saravá Destranca Rua.*

(Red Rose Gipsy)

RESUMO

O ensino de temas ligados a cultura africana, por vezes, acaba restringido ao período onde inúmeras pessoas foram escravizadas e trazidas ao Brasil, no entanto, a história da África não começa e nem termina com a escravidão. O continente africano dispõe de uma pluralidade cultural abrangente e aqui propomos a discussão sobre a inclusão das religiões de matriz africana no ensino, com base na Lei nº 10.639, a qual determina o ensino da história e cultura africana nos currículos escolares. Em específico, abordamos as correntes de Batuque, Umbanda e Linha Cruzada, as quais destacam-se no estado do Rio Grande do Sul. Essa pesquisa acadêmica, aliada à pesquisa historiográfica, buscou, também, conhecer *in loco* a cultura pesquisada, permitindo assim, a análise dessas correntes religiosas e, também, a busca pela diminuição da intolerância religiosa e, de certa forma, da intolerância racial, já que, muitas vezes, ambas são associadas e, assim, ainda mais segregadas. Procuramos diminuir o abismo entre a produção acadêmica e o conhecimento escolar e, para isso, produzimos um compilado de informações, onde o conhecimento acadêmico foi didatizado, em forma de um manual paradidático. Esta publicação é destinada a alunos e professores do ensino fundamental e médio, como uma ferramenta de pesquisa, a qual idealizamos ser contribuidora na formação de estudantes conhecedores das raízes formadoras da cultura brasileira, tornando-os agentes de uma geração que promova atos contra as mais diversas formas de intolerância.

Palavras chave: Ensino de História. Religiões. Cultura Africana. Tolerância. Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

The teaching of themes related to African culture, sometimes, ends up restricted to the period when numerous people were enslaved and brought to Brazil, however, the history of Africa does not begin and end with slavery. The African continent has a broad cultural plurality and here we propose the discussion on the inclusion of the religions of African matrix in the education, based on the Law nº 10.639, which determines the teaching of African history and culture in the school curricula. Specifically, we approach the currents of Batuque, Umbanda and Linha Cruzada, which stand out in the state of Rio Grande do Sul. This academic research, allied to the historiographic research, also sought to know the culture in loco, thus allowing the analysis of these religious currents, and also the search for a decrease in religious intolerance and, to a certain extent, racial intolerance, since both are often associated and thus even more segregated. We try to reduce the chasm between academic production and scholastic knowledge and, for this, we produce a compilation of information, where academic knowledge was taught, in the form of a paradigmático manual. This publication is intended for students and teachers of elementary and secondary education, as a research tool, which we idealize to be a contributor in the training of students who are knowledgeable about the roots that form the Brazilian culture, making them agents of a generation that promotes acts against the most various forms of intolerance.

Keywords: Teaching of History. Religions. African Culture. Tolerance. Rio Grande do Sul.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O tráfico negreiro (séculos XVI – XIX) – Mapa das rotas de tráfico	24
Figura 2 – Mapa do continente africano	25
Figura 3 – Etnias africanas	26
Figura 4 – Tropeiros, Negros e Brancos	30
Figura 5 – Origem dos africanos escravizados introduzidos no Rio Grande do Sul (1802 – 1803)	32
Figura 6 – Debret e a representação do cotidiano escravo	34
Figura 7 – Número de estabelecimentos por bairro	36
Figura 8 – Detalhe distribuição das Casas de Religião de Matriz Africana nos bairros periféricos ao Rio Branco, em Porto Alegre	37
Figura 9 – Cosmovisão africana	44
Figura 10 – Orixá Bará	53
Figura 11 – Orixá Ogum	54
Figura 12 – Orixá Iansã	55
Figura 13 – Orixá Xangô	56
Figura 14 – Orixá Ibeji	57
Figura 15 – Orixá Obá	58
Figura 16 – Orixá Odé/Otim	59
Figura 17 – Orixá Ossanha	60
Figura 18 – Orixá Xapanã	61
Figura 19 – Orixá Oxum	62
Figura 20 – Orixá Iemanjá	63
Figura 21 – Orixá Oxalá	64
Figura 22 – Linhas da Umbanda	68
Figura 23 – Preto velho	71
Figura 24 – Caboclo Tupinambá	73
Figura 25 – Bejis	77
Figura 26 – Exu	84
Figura 27 – Pombagira	87
Figura 28 – Capa do manual paradidático	97
Figura 29 – Sumário do manual paradidático	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Desembarque africano no Brasil (1531 – 1855).....	23
Quadro 2 – Línguas Banto.....	27
Quadro 3 – Religiões Sudanesas, Bantos e Brasileiras	29
Quadro 4 – Quantidade de casas por nação.....	39
Quadro 5 – Orixás do Batuque do Rio Grande do Sul	51
Quadro 6 – Elementos de Bará.....	54
Quadro 7 – Elementos de Ogum.....	55
Quadro 8 – Elementos de Iansã	56
Quadro 9 – Elementos de Xangô.....	57
Quadro 10 – Elementos de Ibeji	58
Quadro 11 – Elementos de Obá.....	59
Quadro 12 – Elementos de Odé/Otim.....	60
Quadro 13 – Elementos de Ossanha	61
Quadro 14 – Elementos de Xapanã	61
Quadro 15 – Elementos de Oxum.....	63
Quadro 16 – Elementos de Iemanjá.....	64
Quadro 17 – Elementos de Oxalá.....	65
Quadro 18 – Entidades da Umbanda do Rio Grande do Sul	70
Quadro 19 – Pretos velhos e caboclos mais cultuados no Rio Grande do Sul	70
Quadro 20 – Elementos de Preto velho	73
Quadro 21 – Elementos de Caboclo	77
Quadro 22 – Elementos de Bejis	78
Quadro 23 – Exus celebrados na Linha Cruzada gaúcha	81
Quadro 24 – Elementos de Exu	86
Quadro 25 – Elementos de Pombagira	88

LISTA DE SIGLAS

AFROBRAS	Federação das Religiões Afro-Brasileiras
FAUERS	Federação Afro Umbandista e Espiritualista do Rio Grande do Sul
FBU	Federação Brasileira de Umbanda
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SMED	Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre/RS

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 UMA ABORDAGEM HISTÓRICA.....	23
2.1 RELIGIOSIDADE NO RIO GRANDE DO SUL.....	31
3 BATUQUE	39
3.1 BARÁ.....	53
3.2 OGUM.....	54
3.3 IANSÃ OU OIÁ.....	55
3.4 XANGÔ.....	56
3.5 IBEJI.....	57
3.6 OBÁ.....	58
3.7 ODÉ/OTIM.....	59
3.8 OSSANHA	60
3.9 XAPANÃ	61
3.10 OXUM.....	62
3.11 IEMANJÁ.....	63
3.12 OXALÁ	64
4 UMBANDA	66
4.1 PRETOS VELHOS	71
4.2 CABOCLOS.....	73
4.3 IBEJIS.....	77
5 LINHA CRUZADA	80
5.1 EXUS.....	84
5.2 POMBAGIRAS	87
6 RELIGIÕES AFRO-GAÚCHAS E O ENSINO DE HISTÓRIA	90
6.1 DESCRIÇÃO PRODUTO.....	96
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS	104

1 INTRODUÇÃO

A religião, desde os primórdios da humanidade, faz parte da vida do homem. Encontram-se vestígios de algum tipo de rito funerário em todas as civilizações, onde os mortos eram sepultados junto a utensílios, alimentos e, muitas vezes, algum animal de estimação, dessa forma, crenças em algum tipo de continuação após a morte era presente, bem como, a adoração há algum “ser supremo”. O ser humano necessita de algo para buscar amparo nas horas mais difíceis e, para isso, encontra na religião o conforto para suas dores, aceitação, ou ainda, respostas para acontecimentos de sua vida. As ciências da religião tentam dividir em três categorias as formas religiosas:

- a) **religiões primais:** são aquelas que os estudiosos costumavam chamar de “religiões primitivas” e que se encontram, ou se encontravam em culturas ágrafas, entre os povos tribais da África, Ásia, América do Norte e do Sul e a Polinésia;
- b) **religiões nacionais:** estas incluem grande número de religiões históricas que não são mais praticadas: germânica, grega, egípcia e assírio-babilônica;
- c) **religiões mundiais:** são as que pretendem ter uma validade mundial, ou, em outras palavras, uma validade para todas as pessoas. São para todos [...] foram criadas por profetas fundadores, cujos nomes são conhecidos: Moises, Buda, Lao-Tse, Jesus, Maomé. (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2005, p. 40-41).

Para sua consolação espiritual o ser humano cultiva uma crença e acredita em algo superior, crendo em um poder divino de salvação, algo que possa dar-lhe acolhimento nas horas mais difíceis. Algo que estabeleça uma ligação entre o plano espiritual e o plano material, assim como “o próprio termo de religião, *religio*, significa conjunto de regra que liga, organiza um determinado grupo, através de uma ideia de divino” (LIA, 2012, p. 553). Embora não haja um consenso sobre o conceito de religião, existe uma grande variedade de teorias religiosas, conforme nos mostra Hermann:

O termo religião, oriundo do latim “*religio*”, não tinha acepção moderna forjada ao longo da história da civilização ocidental, indicando simplesmente um conjunto de normas, observações, advertências e interdições, não necessariamente relacionadas à adoração de divindades, tradições míticas ou celebrações rituais. Estruturado num contexto de lenta e definitiva laicização, o conceito de religião conheceu vários significados, de Durkheim a Eliade, passando por Lévi-Strauss, Freud, Gramsci, entre outros [...] Para Durkheim toda a religião é uma cosmologia e, como fator essencial de organização e funcionamento das sociedades primitivas, seria a base de toda a vida social; para Weber, uma forma entre outras dos homens se organizarem socialmente; para Gramsci, um tipo determinado de visão de mundo que se situa entre a filosofia (religiosidade dos intelectuais) e o folclore (religiosidade popular),

não desligando-se, portanto, das estratégias de poder que organizaram diferentemente as sociedades; para Lévi-Strauss, baseando-se no “pensamento selvagem”, a religião pode ser definida como uma ‘humanização das leis naturais, um antropomorfismo da natureza’; para Freud, uma ilusão coletiva, cujo objetivo é dominar o sentimento de impotência que todo o homem experimenta frente às forças hostis; para Eliade, a referência primordial, o sistema de mundo das sociedades tradicionais, berço privilegiado do “*homos religiosus*” (HERMANN, 1997, p. 337-338).

Neste trabalho utilizamos o entendimento de religião como sendo “um sistema solidário de crenças e práticas relativas à coisa sagrada, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem”. (DURKHEIM, 1996, p. 32).

A formação da cultura religiosa do Brasil é a soma de três tipos de religiosidade¹, o catolicismo do colonizador, a religião dos povos indígenas que já habitavam as terras brasileiras e, por fim, dos povos africanos, que foram escravizados e trazidos para o Brasil, entre os séculos XVI e XIX. Ao debatermos a formação cultural afro-brasileira utilizamos o entendimento de cultura do antropólogo Edward Tylor, quando, em 1871, em seu *Primitive Culture*, a definiu como “conjunto complexo, que inclui crenças, arte, moral, lei, costumes e várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (BURKE, 2005, p. 43).

No Brasil, a cultura e os povos africanos passaram a ser objeto de estudo somente após a abolição da escravatura (1888). Entre os primeiros estudiosos deste tema podemos citar Raimundo Nina Rodrigues, Roger Bastide, Arthur Ramos e Edson Carneiro, os quais se debruçaram sobre a temática e iniciaram a discussão sobre a influência da cultura afro na formação cultural do Brasil. Atualmente esse tema levanta muitos questionamentos, a respeito dos quais pesquisadores de várias áreas do conhecimento contribuem.

Esta pesquisa aborda aspectos religiosos da cultura africana que foi incorporada à cultura brasileira, as religiões afro-brasileiras. Os africanos que foram escravizados e trazidos para o Brasil eram de diferentes regiões do continente africano, sendo que esses povos constituíam diversas etnias, as quais possuíam crenças e costumes próprios. Muito da cultura africana foi se desenvolvendo e incorporando, aos poucos, na formação cultural do Brasil, porém é impossível citarmos todas as contribuições advindas da África. Entre as marcas deixadas pelos africanos em nossa cultura podemos, sem dúvidas, citar a sua religiosidade, a qual foi passada de geração a geração, através da oralidade, sendo preservada e adaptada,

¹ Conforme Giovanetti, religiosidade é a “relação do ser humano com um ser transcendente”. (GIOVANETTI, 2005, p. 136).

conforme o local onde é praticada. Nascida pela composição e combinação de ritos e traços culturais as religiões afro-brasileiras apresentam elementos da cultura religiosa africana, indígena e católica. Assim,

Entendo como religiões de matrizes africanas no Brasil todas as expressões religiosas em que existe algum tipo de transe ou possessão mediúnica (de orixá, inquice, vodum ou ancestral) e rituais de iniciação, públicos ou privados envolvendo a comunidade com cânticos e danças, ao som de instrumentos de percussão, comandadas por um/a ou mais de um sacerdote ou sacerdotisa, amparado/a por um tipo de oráculo africano, bem como, mitos e histórias africanas (SANTOS, 2010, p. 52-53).

Hoje as religiões afro-brasileiras levantam muitas discussões, sendo, talvez, a intolerância religiosa² a mais debatida. Ao iniciarmos debates mais aprofundados sobre o tema, em uma sala de aula, os estudantes questionam sobre essas correntes religiosas derivadas da cultura africana, em alguns casos, pela curiosidade sobre o que seria a “macumba”, termo que, muitas vezes, é usado no sentido pejorativo, para designar as pessoas praticantes do culto afro-religioso e outras pela própria intolerância religiosa causada pela falta de conhecimento.

A macumba, ou canzá, é um instrumento de percussão que acompanhava as sessões religiosas realizadas em encruzilhadas. Canzá é um instrumento musical, feito de um espesso e longo pedaço de taquara fechada por um ou dois nós, com cortes transversais pouco profundos. Nesta superfície se raspa com uma vareta de madeira, chamada também de macumba, esse instrumento era tocado com duas varetas, sendo encostado na parede e apoiado na barriga do tocador, usado outrora em cultos religiosos afro-brasileiros, atualmente é profano, ou seja, que não pertence à religião. Com o passar do tempo fora denominado reco-reco, corruptela de ganzá. Do Iorubá ‘gún’ = reto e ‘as’ (xa) = cortado, retalhado. Outra definição, conforme o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa Houaiss e Villar, é: “antigo instrumento de percussão de origem africana, espécie de Canzá que consistia num tubo de taquaras com cortes transversais onde se friccionavam duas varetas, e que era outrora usada em terreiros de cultos afro-brasileiros” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1807).

Dessa forma, os rituais acompanhados do toque dos tambores ficaram conhecidos como macumba, que além de um instrumento é uma das expressões religiosas nascidas no

² Entende-se por “intolerância religiosa e discriminação baseadas na religião ou nas convicções” toda a distinção, exclusão, restrição ou preferência fundada na religião ou nas convicções e cujo fim ou efeito seja a abolição ou o fim do reconhecimento, o gozo, o exercício em igualdade dos direitos humanos e das liberdades fundamentais (Declaração das Nações Unidas para a Eliminação de Todas as Formas de Intolerância e Discriminação com Base em Religião ou Crença, a partir de seu artigo 2º, item 2). (OLIVEIRA, 2014, p. 29).

Brasil. “A Macumba carioca, filha direta da Cabula – culto Banto – configura um híbrido composto por elementos Iorubás presentes no Candomblé” (LEISTNER, 2010, p. 5). A denominação pejorativa de “macumbeiro”, ou ainda, “batuqueiro”, aos praticantes de religiões afro-brasileiras não é exclusividade de um ou outro estado, ocorre em todo o Brasil. O conflito com outras vertentes religiosas é um dos fatores que gera a formação deste estereótipo. No entanto, atualmente os praticantes das religiões afro começam a assumir suas crenças, contribuindo para uma legitimação social deste grupo religioso.

Essa legitimação social crescente é possível identificar no atual campo religioso do Brasil onde nota-se, a partir dos dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), um crescente aumento de evangélicos e uma redução de católicos. Já as religiões afro-brasileiras se mantêm com o mesmo índice entre os anos de 2000 e 2010, o que expressa 0,3% de pessoas declaradas, aproximadamente 588.977 pessoas (DUCCINI; RABELO, 2013). Analisando os dados do censo por estados, destaca-se, pela segunda vez consecutiva, o Rio Grande do Sul em primeiro lugar, com 1,47% dos adeptos declarados. No ano de 2000 o estado já liderava os índices. Em segundo lugar, vem o Rio de Janeiro, com 0,89%, seguido por Bahia e São Paulo, com 0,34% (DUCCINI; RABELO, 2013).

Conforme os dados do censo do IBGE (2000 e 2010³), o estado do Rio Grande do Sul compreende o maior número de praticantes declarados no país. De acordo com Oro, “não há uma explicação, mas um conjunto de elementos que podem ajudar a compreender a exteriorização gaúcha de pertencimento ao campo religioso afro-brasileiro” (ORO, 2012, p. 559).

De acordo com Prandi (2013), não se deve utilizar os dados obtidos pelos recenseadores para definir em que locais estão os maiores números de praticantes, pois muitas pessoas ainda se utilizam de outras denominações religiosas ao se declararem, impossibilitando assim, ser obtida a real quantidade de pessoas pertencentes às religiões afro-brasileiras. Assim, quando há um aumento pode-se considerar que um número maior de pessoas está assumindo a real crença. “Por tudo isso, é muito comum, mesmo atualmente, quando a liberdade de escolha

³ Os dados do censo realizado pelo IBGE nos anos de 2000 e 2010 consistem em uma pesquisa que abrange a coleta de dados para análise das características da população brasileira, bem como, as características de seus domicílios (residências), é realizada com toda a população do país. Uma das diferenças abordadas entre os dois censos está a mudança ocorrida na “vida religiosa” da população, percebe-se uma diminuição dos declarados católicos e aumento dos evangélicos. Entre as mudanças ocorridas destaca-se a permanência dos mesmos índices de 0,3% das pessoas declaradas como pertencentes às religiões de matriz africana.

religiosa já faz parte da vida brasileira, muitos seguidores das religiões afro-brasileiras ainda se declaram católicos” (PRANDI, 2003, p. 16).

Ainda, de acordo com Prandi (2013), atualmente algumas pessoas continuam se declarando católicas, mesmo sendo praticantes de outros credos religiosos, isto seria devido à grande intolerância religiosa que vivemos? Essa intolerância seria resultado do que, visto que vivemos em um país laico? São questões emblemáticas que resultam em um grande fervor quando discutidas em qualquer grupo, seja, escolar, de amigos ou de trabalho. A intolerância religiosa destrói, não apenas centros de religião, mas também a liberdade das pessoas, a identidade e, muitas vezes, uma cultura. Discutiremos a intolerância religiosa no capítulo onde iremos abordar o ensino de história.

No Brasil, as diferentes variações religiosas multiplicam-se todos os dias e são ressignificadas, sofrendo adaptações, de acordo com as necessidades do grupo que as pratica. Os povos africanos adaptaram inúmeros rituais para serem aceitos, porém, o estereótipo marginalizado, ainda, assombra a comunidade afro. Ariscamo-nos a dizer que nosso país, ainda, guarda heranças de certa colônia, onde ser católico era necessário para ser aceito. Hoje, muitas pessoas ainda não se sentem à vontade para expor abertamente suas crenças, e quando questionadas afirmam ser católicas, mas, também, simpatizantes de outros cultos, muitas vezes, melindradas pela intolerância religiosa.

As religiosidades africanas foram desenvolvendo-se por todo o território brasileiro, tornando-se um mecanismo de resistência a intolerância aos colonizadores, os quais acreditavam que a única maneira de salvar a alma de indígenas e escravos era convertendo-os a fé católica. Nesse sentido, percebe-se que certos resquícios intolerantes coloniais dificultam a aceitação e o respeito às religiões de matriz africana. A comunidade afro está buscando o seu espaço na sociedade e procurando meios para tornar sua cultura visível, lutando para que seja apagada a associação com práticas demoníacas, e ressaltando a sua importância e seriedade dentro do contexto social e cultural, para assim, poder receber o devido reconhecimento.

As religiões de matriz africana, e os temas derivados delas, vêm sendo trabalhados pelos historiadores nos últimos anos com maior intensidade. Portanto, considerando a expressividade e urgência para desmistificação do tema “religiões africanas”, bem como, os inúmeros questionamentos que se faz sobre o que são e como funcionam, esse trabalho realizou uma pesquisa que consiste na análise das correntes predominantes no estado do Rio Grande do Sul: Batuque, Umbanda e Linha Cruzada. Essa pesquisa foi realizada através de uma pesquisa bibliográfica da historiografia que é “feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos,

páginas de web sites” (FONSECA, 2002, p. 32). Para realização desse estudo parte-se da criação da Lei nº 10.639,

Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências (BRASIL, 2003).

A lei determina a inclusão nos currículos escolares do ensino de história e cultura afro-brasileira. Suprido a carência de materiais sobre a temática, surgida após a promulgação da lei, esse trabalho propôs a criação de um manual paradidático, o qual servirá de subsídio didático/teórico para alunos e professores, visando minorar a intolerância religiosa e desinformação a qual é causa também de muitos preconceitos.

O preconceito é fator poderoso na motivação da disputa religiosa. Dele se valem certos evangélicos, que atribuem a entidades sagradas afro-brasileiras a marca do diabo, atingindo, particularmente, a Umbanda, por seu culto aos Exus e Pombagiras – identificados erroneamente como figuras demoníacas. (PRANDI, 2013, p. 213).

Dessa forma, este trabalho busca diminuir a distância entre a produção acadêmica e o que está sendo ensinado na sala de aula, baseado na pesquisa bibliográfica da historiografia. Trabalhamos com as três vertentes religiosas afro-brasileiras presentes no Rio Grande do Sul, priorizando a análise dos dados históricos e entendimento sobre o que seriam as religiões afro-gaúchas.

Então, propomos a criação de um material paradidático sobre as correntes religiosas africanas presentes no estado do Rio Grande do Sul. Essa elaboração foi produzida com base nas produções acadêmicas e historiográficas disponíveis, ou seja, a realização de um compilado de informações, organizado por vertente religiosa (Batuque, Umbanda e Linha Cruzada). Esse material é destinado para alunos e professores do ensino fundamental e médio, visando ampliar o conhecimento e possibilitar aos estudantes uma reflexão sobre a contribuição desses povos na construção cultural de nosso país, bem como, na formação da identidade de seus praticantes, ou seja, pelo respeito e liberdade ao se expor como participante de uma das vertentes abordadas ou mesmo de qualquer religião a que a pessoa possa ser crente. A importância do estudo sobre a pluralidade religiosa é destacada por Silva (2010), onde afirma que “estudar a história das religiões significa identificar conjuntos de ideias, crenças, comportamentos, literatura, arte e instituições que hoje chamamos de religiosos” (SILVA, 2010, p. 208).

A criação de um material paradidático justifica-se pela necessidade de esclarecimento sobre o tema. A necessidade de criação deste manual, com base na historiografia, será um aporte teórico para condução de debates e discussões sobre o tema, contribuindo para a quebra de paradigmas e preconceitos religiosos. Conforme Bakke (2011), mesmo havendo grande quantidade de materiais de apoio disponíveis sobre o tema, e já passados onze anos (atualmente quatorze anos) da obrigatoriedade da lei, ainda existe muita resistência de algumas instituições escolares e professores para trabalharem com materiais digitais (neste caso, muitos materiais estão disponíveis na internet). Uma das justificativas é que nem sempre as escolas dispõem de acesso à internet e computadores disponíveis para todos os alunos, outro ponto, são os tantos materiais que são distribuídos com equívocos.

Para além da falta de material didático, ainda se encontra distribuído, na rede pública, material voltado para trabalhar com as questões étnico-raciais que não conseguiram reverter algumas posições estereotipadas. Por exemplo, em um curso de formação na SMESP, uma professora do ensino fundamental, ao ouvir o educador falar que uma das possibilidades de se trabalhar com a questão das religiões de matriz africana é introduzir o tema a partir das lendas e contos, ela levantou a mão e relatou que em sua escola havia um livro que falava desses deuses como se eles não fossem assim tão inteligentes, e terminou sua fala exclamando ‘Ainda tem livro que trabalha com essa questão!’ (BAKKE, 2011, p. 91).

Conforme Lima (2009) e Bakke (2011), ambas ressaltam a necessidade de formação dos professores, para que seja possível a compreensão e fortalecimento dos conhecimentos sobre os assuntos que se tornaram obrigatórios com a inclusão da lei. É necessário trabalhar tais temas de forma mais profunda e não apenas abordar o que o livro didático trata, ou mesmo, lembrar do movimento negro em datas específicas como 13 de maio, data em que foi decretado o fim da escravidão pela sanção da Lei Áurea, em 1888. Embora essa data seja uma conquista, o fim da escravidão, ela não é comemorada pela comunidade afro, já que o fim da escravidão não significou a inserção do negro na sociedade, aliás, os ex-escravos ficaram as margens da sociedade.

Outra data em que o movimento negro é lembrado é o dia 20 de novembro, “Dia da Consciência Negra”. Criada em 2003, mas oficialmente regularizada em 10 de novembro de 2011, através da Lei nº 12.519, essa data é dedicada para a reflexão da inserção do negro na sociedade brasileira, data, também, em que se atribui a morte de Zumbi dos Palmares, em 20 de novembro de 1695. Nesta data as escolas trabalham temas relacionados à comunidade negra com seus alunos, para “cumprir” o que a lei determina.

O cumprimento desta lei pode parecer tarefa fácil, mas trabalhar temas complexos e sensíveis requer conhecimento aprofundado. A necessidade de se trabalhar aspectos do continente africano e sua cultura, de uma forma mais incorporada ao currículo escolar, auxiliaria o papel do professor como responsável pela construção do saber e interlocutor do conhecimento acadêmico e, para isso, “a formação adequada de professores, a produção de material didático tem sido vista como fundamental para a real implantação da Lei nº 10.639, e sua falta um dos entraves a ser superado” (BAKKE, 2011, p. 91).

O estudo da África levanta questões amplas, pois é sabedor que a história deste continente não se inicia e nem se encerra com a escravidão, pelo contrário, ela é muito mais profunda e ampla, e, nesse sentido, trata-se de construir referências e recuperar a memória coletiva sobre o significado das relações com a nossa história. É bastante pertinente a afirmação de Lima, que afirma que “o peso do desconhecimento e das visões equivocadas da história da África e dos africanos no Brasil não deve ser esquecido – estamos diante de uma tarefa que exige esforço e determinação” (LIMA, 2009, p. 159).

Ao pensar novas possibilidades, Lima (2009) propõe o início da reformulação curricular, inserindo a história da África. A inserção pode ser a oportunidade de a academia também rever alguns paradigmas da área de conhecimento, o que geraria mudanças e contribuições, se houvesse a reformulação dos currículos escolares, incluindo a história da África e dos africanos no Brasil e, como se propõe a lei, a história dos indígenas. Essa inclusão deveria acontecer não de forma fragmentada ou trabalhada de forma isolada, mas, de forma pensada e aliada a historiografia. A autora propõe a produção de pesquisas voltadas ao tema e de forma mais ampla, onde fossem abordadas as Américas negras, com suas semelhanças e diferenças.

Entre tantos caminhos a serem seguidos, destacam-se os estudos aprofundados, novos métodos articulados com diferentes áreas de conhecimento, trabalhos aliados a historiografia e parceria de pesquisa com instituições voltadas as questões étnico-raciais. Estas são algumas das possíveis formas para enriquecer os estudos propostos pela incorporação da Lei nº 10.639 e minimizar os problemas.

Talvez o maior problema não seja a pouca produção de material didático, mas sua pouca visibilidade na rede, os desafios que nos prendem consistem na preparação dos professores e seleção dos conteúdos, os materiais disponíveis em meios virtuais sofrem certa resistência dos professores que insistentemente reclamam ser ruim ler na tela de um computador, por ser caro imprimir o material, por não saberem como achar esses materiais. (BAKKE, 2011, p. 93-94).

Lima (2009) ressalta, em seus apontamentos, o cuidado que se deve ter ao utilizar a historiografia, pois ela pode ser mal interpretada gerando efeito contrário ao que propõe a lei. Aponta as dificuldades que surgiram com a inclusão dos novos temas ao ensino, assim como a necessidade de se estudar essa cultura que sofre preconceito e pré-conceito diariamente. Ressalta-se assim, a necessidade de criação de um material paradidático, que compreenda uma cultura afro-religiosa que vem buscando legitimação social sobre suas crenças.

De acordo com a proposta do trabalho, o mesmo será apresentado em cinco capítulos, sendo que estes abordam aspectos históricos sobre o período escravista no Brasil e no estado do Rio Grande do Sul. Após, de forma isolada tratam cada vertente religiosa aqui citada, contando um pouco de sua história, elencando características e especificidades para melhor compreensão. Ao final, realizamos uma discussão sobre a religiosidade e o ensino de história, seguida da descrição do material proposto por esta pesquisa.

Assim, iniciamos nossa abordagem sobre as religiões de matriz africana, buscando promover o conhecimento sobre o tema, na constante busca por tolerância religiosa no Brasil por meio da educação.

2 UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

É impossível falar sobre as religiões de matriz africana no Brasil sem mencionar o tráfico transatlântico de africanos, que escravizou inúmeras pessoas, por vários séculos. Nas Américas, a vinda desses povos deu origem a novas expressões religiosas, as quais adotaram formas e práticas específicas com uma mesma matriz, a África. A exemplo disso, em Cuba surgiu a Santeria, que é uma religião afro-cubana com sincretismo na doutrina Cristã, sendo que a sua estruturação se deu com a chegada dos povos Iorubás, na primeira metade do século XIX, para o trabalho escravo nas plantações de açúcar e tabaco (SILVEIRA, 2014). No Brasil, surgiram os Candomblés, e no Haiti, o Vodou. Conforme Silveira, “o Vodou que é um culto religioso popular de caráter sincrético que incorpora aspectos do ritual católico-romano, datados da colonização francesa, assim como elementos religiosos e mágicos africanos”. (SILVEIRA, 2014, p. 56).

No Brasil, o tráfico de escravos, iniciado em meados do século XVI, trouxe pessoas de várias regiões da África, aproximadamente dez a vinte milhões de africanos para a América. Para o Brasil, segundo estimativas do historiador Klein, calcula-se cerca de quatro milhões de indivíduos entre os anos de 1531 e 1855, conforme podemos verificar no Quadro 1:

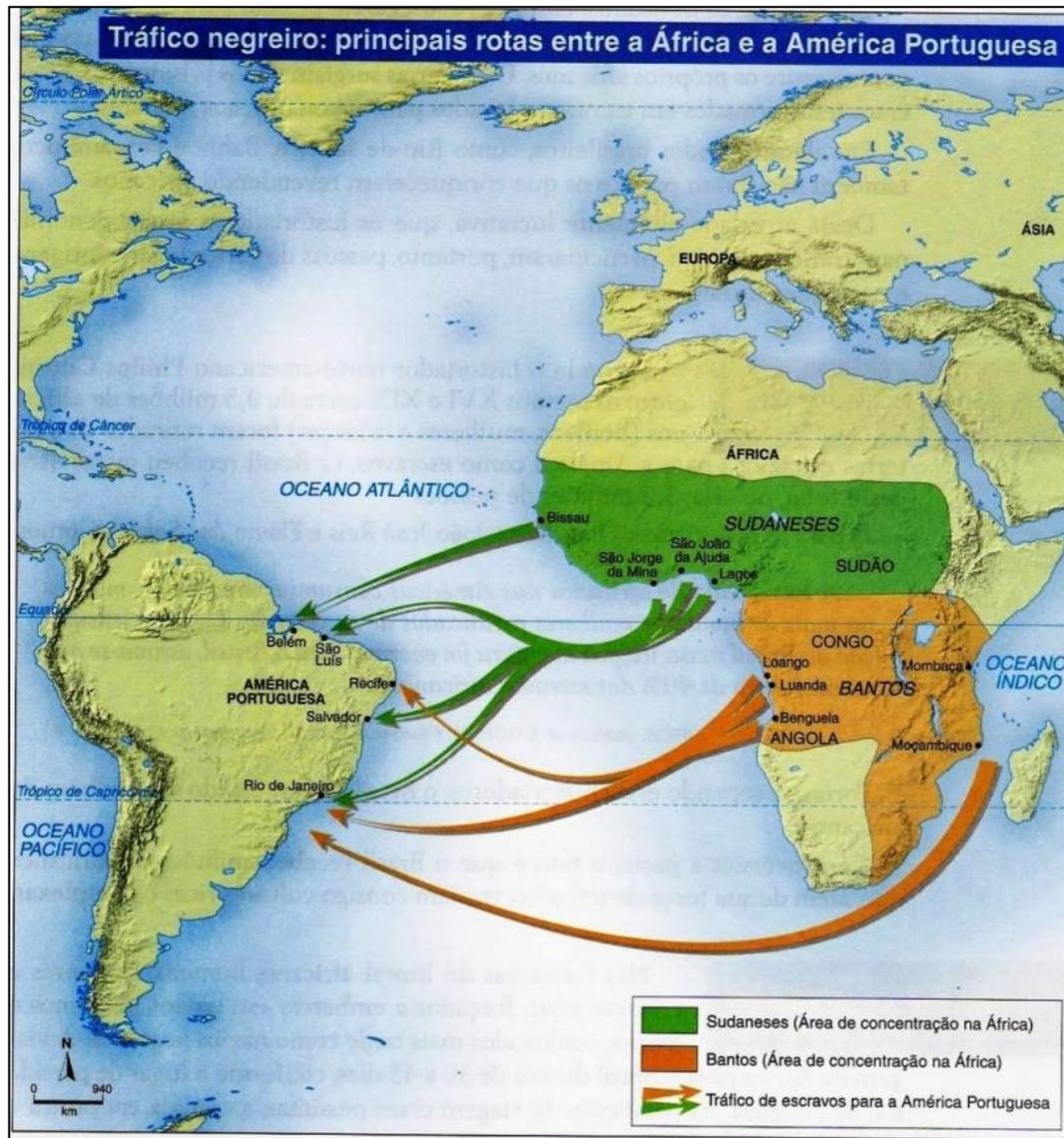
Quadro 1 – Desembarque africano no Brasil (1531 – 1855)

Período	Número de Africanos
1531 – 1600	50.000
1601 – 1700	560.000
1701 – 1800	1.680.100
1801 – 1855	1.719.300
Total	4.009.400

Fonte: organizado a partir de tabelas elaboradas por Herbert Klein. Tráfico de escravos. In: Estatísticas históricas do Brasil. Rio de Janeiro, IBGE (1987 apud COTRIM, 2002, p. 218).

Os dados expostos no Quadro 1 são estimados, pois os números reais, provavelmente, jamais serão conhecidos. Segundo Costa (2010), entre os anos de 1821–1823 eram registrados cerca de 20.000 mil africanos entrando no Brasil, já nos anos finais, entre 1840–1851, algo aproximado a 700.000 mil pessoas chegadas da África.

Figura 1 – O tráfico negreiro (séculos XVI – XIX) – Mapa das rotas de tráfico



Fonte: PROF. CLAUDIO GUIMARÃES (S.d.).

De acordo com o mapa, as principais rotas do tráfico⁴ negreiro estavam localizadas em três posições geográficas: África Ocidental, África Centro-Occidental e África Austral, sendo

⁴ Durante o período escravista além das muitas pessoas que foram trazidas da África, muitas leis foram criadas para determinar desde a repressão até o fim da escravidão. Entre elas estão:

- Lei nº 581, de 04 de setembro de 1850 – Também conhecida como Lei Eusébio de Queiróz – “Estabelece medidas para a repressão do tráfico de africanos neste Império”. (BRASIL, 1850);
- Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871 – “Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daquelles filhos menores e sobre a libertação annual de escravos...”. (BRASIL, 1870);
- Lei nº 3270, de 28 de setembro de 1885 – Mais conhecida como a Lei dos Sexagenários, libertava todos os escravos com mais de 60 anos de idade. (BRASIL, 1885);
- Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888 – “Declara extinta a escravidão no Brasil” (BRASIL, 1888).

do Saara conhecidos como povos Mina divididos em Haussás, Grúncis, Tapas, Mandingos, Fântis, Achântis Peuls, Fulas e, também, os chamados de Mina (PRANDI, 2000; SILVA, 1994).

Figura 3 – Etnias africanas



Fonte: TERREIRO DE GRIÔS (2015).

Os Bantos, conforme Ramos (1943), correspondem aos povos mais ocidentais, hoje correspondem aos países da Angola, Zâmbia, Namíbia, Botsuana, África do Sul, Lesoto, Congo, Malawi, Zimbábue, Moçambique e sul da Tanzânia. Espalharam-se por todo o litoral brasileiro, mas permaneceram em maior número em Minas Gerais e Goiás. Sua vinda teve início em fins do século XVI até o fim do século XIX, ou seja, foram os primeiros a chegar. Calcula-se que tenham vindo em maior número que os sudaneses e assim que chegaram deram os primeiros passos para reconstrução dos “quilombos”⁵ (PRANDI, 2000; SILVA, 1994).

Os povos Bantos eram considerados mais fortes fisicamente, mas pouco capazes para tarefas mais sofisticadas (CORREA, 2006; RODRIGUES, 1932). Assim, eram encaminhados para os trabalhos da agricultura, enquanto os sudaneses realizavam as tarefas em obras e centros urbanos. Os Bantos possuíam uma grande diversidade linguística, acredita-se que podiam falar aproximadamente de setecentas a duas mil línguas/dialetos. No Brasil, encontram-se resquícios

⁵ Em seu conteúdo, o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo afro-banto reconstruído pelos escravizados para se opor a estrutura escravocrata, pela implantação de outra estrutura política na qual se juntaram todos os oprimidos. (MUNANGA, 2012, p. 93).

das línguas quimbundo, quicongo e umbundo (PRANDI, 2000; SILVA, 1994). A respeito da diversidade linguística, conforme Lopes (1998), apresentamos o Quadro 2.

Quadro 2 – Línguas Banto

Ajauá	Moçambique, Malawi e Zimbabué.
Ganguela	Fronteira leste de Angola e oeste da Zâmbia.
Cuanhama	Sudoeste africano, Angola, Namíbia.
Iaco	Arango-casai, Zaire.
Macua	Moçambique.
Quicongo	Congo, Cabinda e Angola.
Quimbundo	Angola.
Quinguana	Zaire.
Quioco	Nordeste da Angola.
Ronga	Moçambique e Zimbabué.
Saile	Tanzânia, Zanzibar e Moçambique.
Suto	África do Sul.
Tonga	Moçambique e Zimbabué.
Xona	Moçambique, Zimbabué e Botsuana.
Umbundo	Angola abaixo do rio Cuanza e na região de Benguela.

Fonte: LOPES (1998).

Na África os povos mantinham-se divididos em tribos, com características e organização própria. Cada grupo possuía sua cultura e crença, e muitas vezes, até seu próprio dialeto. As cidades eram autônomas governadas por um Obá ou rei,

Entre os iorubás o último grande império foi o da cidade de Oió, a que estavam submetidas à maioria das demais cidades. Destas cidades, duas ocupam papel especial na memória da cultura religiosa que se reproduziu no Brasil: Oió, a cidade de Xangô, e Ketu, cidade de Oxóssi, além de Abeokutá, centro de culto a Iemanjá, e Ilexá, a capital da subetnia Ijexá, de onde são provenientes os cultos a Oxum e Logun-Edé. As inúmeras variantes culturais locais, tanto no caso dos Bantos como dos iorubás ou nagôs, não sobreviveram como unidades autônomas e muitas foram totalmente perdidas no Brasil. Diferenças específicas foram apagadas, amalgamando-se em grupos genéricos conhecidos como jejes, nagôs, angolas, etc. (PRANDI, 2000, p. 54).

Em terras brasileiras os povos africanos criaram um mundo afro-brasileiro com ressignificações e recriação de valores, variadas adaptações da religiosidade e resistências para

a perpetuação de sua cultura (FERREIRA FILHO, 2008). Sabe-se que nem todo o panteão religioso africano veio para o Brasil, aqui, passaram a serem cultuados apenas alguns orixás, muitas divindades do panteão são pouco conhecidas no Brasil ou nem mesmo são cultuadas, porém, são muito respeitadas, como é o caso do orixá Olocum que foi esquecida no Brasil, na África⁶ sua atribuição é como dona dos mares e oceanos, atribuição que passou a ser de Iemanjá no Brasil (PRANDI, 2001, p. 22).

No Brasil a forma encontrada para cultuar suas divindades sem a repressão dos seus senhores, os africanos passaram a adorar imagens do culto cristão para mera ilustração, ou seja, encontraram nos santos católicos um sincretismo⁷ pois,

Para se viver no Brasil, mesmo sendo escravo ou negro liberto, era indispensável antes de mais nada ser católico. Por isso, os negros que recriaram em solo brasileiro as religiões africanas diziam-se católicos e se comportavam como tais. Frequentavam os rituais de seus ancestrais e os ritos católicos. Continuaram se sentindo e se dizendo católicos, mesmo com o advento da República, quando o catolicismo perdeu a condição de religião oficial (PRANDI, 2013, p. 205).

Somente com a República que o Brasil passou a ser um estado laico, antes disso, a condição de ser católico era essencial para ser aceito. Os africanos já enfrentavam muitas dificuldades com a condição de escravos e a religião era um “conforto”, onde aos sons dos tambores podiam ter um pouco de diversão, recriavam altares com imagens de santos católicos para ludibriar seus senhores, que conforme Ferreira Filho, acreditavam que,

[...] no improvisado altar católico, os negros africanos podiam dançar sua religiosidade pelo fato dos senhores acreditarem que dançavam em homenagem a virgens ou a outros santos católicos, quando na verdade dançavam rituais cujos sentidos e significados escapavam aos controles dos senhores brancos (FERREIRA FILHO, 2008, S.p.).

As recriações religiosas foram acontecendo no decorrer do tempo e, assim, a cultura dos povos Bantos e Sudaneses foram deixando as suas marcas em nossa história. A herança religiosa que ainda é preservada originou variadas adaptações no Brasil, que englobam o que hoje chamamos de religiões de matriz africana. O Quadro 2 apresenta as religiões derivadas das

⁶ Os Orixás em sua maioria continuam com as mesmas atribuições que possuíam na África, porém alguns passaram a ter novas atribuições como é o caso de Iemanjá, citada acima.

⁷ Entendemos por sincretismo a definição de Prandi onde cita: “A Umbanda (religião afro-brasileira) é chamada de ‘a religião brasileira’ por excelência, num sincretismo que reúne o catolicismo branco, a tradição dos orixás da vertente negra e símbolos e os espíritos de inspiração indígena, contemplando as três fontes básicas do Brasil mestiço”. (PRANDI, 2003, p. 15).

culturas africanas e, também, as que surgiram a partir delas, ou seja, as de influência sudanesa, que tinham como seus deuses os orixás, e os povos Bantos, que cultuavam os Inquice (SILVA, 1994, p. 69).

Quadro 3 – Religiões Sudanesas, Bantos e Brasileiras

Sudanesas	Brasileiras	Bantos
Candomblé queto (BA, RJ, SP)	Candomblé Angola (BA, RJ, SP)	Pajelança (AM, PA, MA)
Xangô (PE)	Candomblé de Caboclo (BA)	Catimbó (PE, PB)
Batuque (RS)	Cabula (ES) (Sec. XIX)	Xambá (AL, PB, PE)
Candomblé jeje (BA)	Macumba (RJ e SP)	Toré (SE)
Tambor-de-mina (MA e PA)	Umbanda (Brasil)	
Babassuê (PA)		

Fonte: SILVA (1994, p. 98).

As chamadas religiões de matriz africana são as que preservam mais características africanas, enquanto, as afro-brasileiras nascem a partir de características e sincretismos de outras culturas religiosas da matriz, mas, também, com elementos do culto indígena⁸. Essas variações ocorreram pela união de conhecimento de diversas tribos, pois ao serem escravizadas foram espalhadas, divididas para que não houvesse revoltas, não podendo assim, praticar a sua religião materna. Com isto tornou-se necessário a criação de práticas acessíveis a variados credos de origem africana. As mais variadas etnias foram se adaptando e recriando formas para que elementos da cultura religiosa não se perdesse com o tempo (CORREA, 2006; PRANDI, 2000; SILVA, 1994).

Apesar da forma desumana em que os povos africanos chegaram ao Brasil eles trouxeram elementos de sua cultura e de suas vidas cotidianas, que aos poucos foram adaptando ao seu dia a dia na nova terra. Podemos afirmar, que contribuíram muito para a formação cultural de nosso país em diversas áreas,

⁸ De acordo com Silva, “hoje em dia é muito difícil reconstituir o que teriam sido as religiões originais desses índios. Pelas poucas informações que se tem, e comparando-as com as práticas atuais dos grupos que sobreviveram, podemos apenas ter uma ideia das características básicas dessa religiosidade. Seu ponto central era o culto a natureza deificada. O Pajé e o feiticeiro ou o xamã eram os que tinham acesso ao mundo dos mortos e dos espíritos da floresta, e geralmente a eles competia realizar rituais de cura de doenças, expulsar os maus espíritos que se alojavam nos corpos das pessoas e desfazer feitiços mandados pelos inimigos”. (SILVA, 1994, p. 24).

Os africanos provenientes da região do golfo do Benin puderam dar continuidade aos cultos dos antigos voduns e orixás, semelhantes aos dos atuais habitantes do sul do daome e sudeste da Nigéria. As especialidades culinárias da Bahia levam, ainda, nomes pertencentes ao vocabulário ioruba e daomeano. No resto do Brasil, por outro lado, são mais aparentes as influências banto do Congo e Angola.

A permanência visível de costumes africanos na cultura baiana pode ser explicada, em parte, pela concentração, o último século da escravidão, de africanos de uma mesma procedência da África nesta região do Brasil. Enquanto, no Rio de Janeiro desembarcavam africanos de todas as nações, muitas vezes, inimigos uns dos outros, na Bahia chegavam escravos jejes (daomeanos), ussás e nagôs provenientes da costa da mina, que mantinham identidades culturais e eram unidos entre si. (VERGER, 1987).

Ao serem espalhados pelo território brasileiro, muitos escravos chegaram ao Rio Grande do Sul, criando novas raízes e desenvolvendo meios para adaptar-se. Contribuíram de “forma significativa em todos os momentos da fundação e do desenvolvimento da sociedade sulina” (MAESTRI, 2012, p. 334).

Figura 4 – Tropeiros, Negros e Brancos



Fonte: GIRON (2012).

2.1 RELIGIOSIDADE NO RIO GRANDE DO SUL

No Rio Grande do Sul, os primeiros escravos chegaram antes de 1737, entre os séculos XVIII – XIX, data de ocupação oficial do Rio Grande do Sul, com a fundação do Forte⁹ Jesus-Maria-José na Barra, onde hoje é a cidade de Rio Grande pelo brigadeiro José da Silva Paes servindo inicialmente para construção e fortificação da mão de obra escrava. (ORO, 2002; MAESTRI, 1993; PESAVENTO, 2011; LEISTNER, 2014; SIVEIRA 2014). Assim,

A historiografia do Rio Grande do Sul ainda se debate em torno da questão de saber a procedência do negro escravo trazido para este estado. Há, no entanto, algum consenso de que essa população se dividia entre negros "crioulos", ou seja, indivíduos nascidos no Brasil e para aqui transferidos, "ladinos", isto é, indivíduos que já haviam trabalhado em outras regiões do país, e africanos, aqui chegados após terem passado por algumas regiões brasileiras, entre elas, Bahia, Pernambuco, São Paulo, Santa Catarina, e mesmo africanos que chegaram ao Rio Grande do Sul provenientes da Argentina e do Uruguai (ORO, 2002, p. 348).

A dificuldade em saber a procedência dos escravos se dá, em partes, pela ordem de Rui Barbosa quando, em 1890, mandou queimar todos os tipos de documentos relacionados à escravidão para colocar um fim as reivindicações dos ex-escravistas. (MAESTRI, 1993; KLOPPENBURG, 1961).

Os escravos chegados ao Rio Grande do Sul entre os séculos XVIII e XIX eram em maior proporção os chamados de “crioulos”¹⁰, isto é, os nascidos no Brasil. Os que haviam chegado recentemente da África eram chamados de novos ou de nação. Após viverem algum tempo no Brasil aprendiam a falar, com grandes dificuldades, o português e, então, passavam a ser chamados de ladinos. Conforme Maestri (1993), os africanos chegados no Rio Grande do Sul deviam ser provenientes da rota Rio-Angola já que o Rio de Janeiro era o porto negreiro mais próximo do território gaúcho, porém, isso não significa que não tenham chegado ao sul quantidades significativas de africanos de outras regiões advindas da África.

⁹ Presídio.

¹⁰ Segundo Moura, os escravos africanos dividiam-se em: Domésticos – realizavam as tarefas caseiras; De ganho – exerciam funções remuneradas o qual todo o pagamento recebido era entregue a seu patrão; De aluguel – eram alugados a terceiros e desempenhavam diversos tipos de trabalhos, estes ficavam sujeitos a todos os tipos de castigos; De eito – estes desenvolviam as atividades agrícolas. Além das divisões relacionadas ao local onde desenvolviam suas tarefas é necessário o entendimento sobre as formas com eram chamados após a sua chegada: Boçal – era considerado o recém-chegado da África; Ladino – o que já compreendia a língua e a rotina de trabalho, vindos de outras regiões do Brasil; Crioulos – Os que nasceram no Brasil. (MOURA, 2004).

Conforme apresentado na Figura 5, podemos perceber a grande população angolana e benguela que compunha os africanos escravizados neste estado. O grande percentual de escravos dessas origens nos leva a concluir uma maior população escrava de origem Banto, porém, encontramos, ainda, a incidência de povos mina no Rio Grande do Sul.

Figura 5 – Origem dos africanos escravizados introduzidos no Rio Grande do Sul (1802 – 1803)

Nacionalidade	Homens	Mulheres	Total	%
Ambaca	—	2	3	0
Angola	214	87	378	34
Benguela	259	150	410	37
Cabunda	17	1	18	2
Cassange	32	8	40	4
Congo	59	10	69	6
Ganguela	6	2	8	0
Manjolo	7	3	10	1
Messanbe	4	—	4	0
Mina	46	15	61	6
Mohumbe [4]	3	1	4	0
Quissama	4	6	10	1
Rebolo	58	25	83	8
Songo	3	3	6	1
Total	712	313	1.104	100

[1] Um ambaca de sexo indefinido; [2] 77 angolas de sexo indefinido; [3] um benguela de sexo indefinido; [4] um cativo sob o nome de magumbe. Fonte: AHRGS. Antigo Catálogo da Fazenda. Guias Diversos. 1802-1803.

Fonte: MAESTRI (1993, p. 33).

Mesmo com o grande percentual de escravos de origem Banto neste estado, conforme demonstrado na Figura 5,

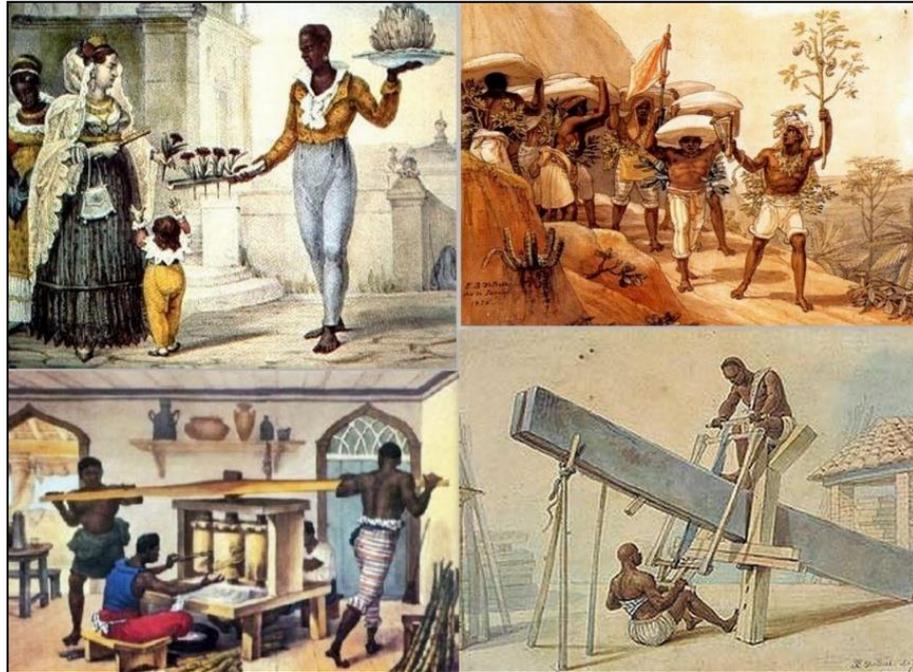
[...] a tradição Banto não chegou a se estruturar no Rio Grande do Sul, como as outras tradições, formando um espaço de atuação próprio (os terreiros) ou centrado no culto as divindades (Nkisi), como acontece com o Candomblé de Angola, na Bahia e no Rio de Janeiro. Mas deixou um legado civilizatório muito forte no cotidiano das famílias negras e, também, brancas do Rio Grande do Sul, além da expressiva agregação de palavras a língua portuguesa falada no Brasil. (SILVEIRA, 2014, p. 50).

Em 1780, com a produção de charque, solidificou-se um polo escravista no estado, registrando assim a vinda de um maior número de escravos (MAESTRI, 1993). Conforme Correa, “o negro construiu no mínimo as bases da economia rio-grandense. A grandeza e o luxo dos prédios de Pelotas são testemunho, ainda hoje, do volume de dinheiro que jorrava das charqueadas locais” (CORRÊA, 2006, p. 41). Na economia gaúcha, os escravos desempenharam importante contribuição para o desenvolvimento do estado. Realizavam desde trabalhos domésticos até os mais pesados nas charqueadas e agricultura. Conforme Maestri (2012, p. 344), as charqueadas eram quase penitenciárias, onde os cativos trabalhavam dezesseis horas, sob a ponta do chicote dos capatazes, nas pequenas interrupções para “descanso” recebiam pequenas canecas com água ardente.

A chegada de escravos deu início, também, ao processo de desenvolvimento afro-religioso do Rio Grande do Sul. O Batuque, ou nação, teria se desenvolvido entre anos de 1833 – 1859 na cidade de Rio Grande e posteriormente em Pelotas sendo a expressão mais africana das religiões afro-brasileiras que se solidificariam no estado. Acredita-se que o maior divulgador do Batuque tenha sido o príncipe Custódio¹¹ de Almeida da nação Jeje (ORO, 2002; CORREA, 2006). Enquanto na cidade de Porto Alegre, conforme Leistner (2014), o Batuque teria surgido devido ao declínio das produções de charque e crescente aumento de mão de obra nos centros urbanos, até 1884, quando os escravos gaúchos foram livres através das cartas de alforria, porém, os senhores tentaram prolongar a prestação de serviços através da exploração (MAESTRI, 1993, p. 29).

¹¹ Conforme Silva, o príncipe africano Custódio, ao que consta membro da família real de Ajudá (atual República de Benin), era herdeiro do trono de Benin Seu nome tribal era Osuanlele Okizi Erupê. Acredita-se que a data de seu nascimento tenha sido 1832, chegou ao Brasil já com aproximadamente 30 anos. Adotou o nome de Manoel Custodio de Almeida. Foi em Porto Alegre que montou sua casa de religião, onde teve vários filhos de santo. Vestia-se com muita elegância e convivia com a elite branca desfilava pela cidade em uma luxuosa carruagem branca e vivia em uma casa grande na cidade baixa com várias mulheres e filhos. Faleceu em 1936, em seu enterro a alta sociedade esteve presente. (SILVA, 1999; CORREA, 2006).

Figura 6 – Debret e a representação do cotidiano escravo



Fonte: BLOGSPOT (S.d.).

A Umbanda surge no estado em 1926 na cidade de Rio Grande, com o ferroviário Otacílio Charão, sendo a religião denominada mais brasileira. Já a Linha Cruzada iniciou-se por volta da década de 70, fase de maior consolidação do capitalismo.

O Batuque representa a expressão mais africana do complexo afro-religioso gaúcho, pois a linguagem litúrgica é Yorubana, os símbolos utilizados são os da tradição africana, as entidades veneradas são os orixás e há uma identificação as “nações” africanas. A Umbanda representa o lado mais “brasileiro” do complexo afro-religioso, pois se trata de uma religião nascida neste país, fruto de um importante sincretismo entre catolicismo popular, espírito kardecista, concepções religiosas indígenas e africanas. Seus rituais são celebrados em língua portuguesa e as entidades veneradas são, sobretudo, os “caboclos” (índios), “pretos velhos” e “bejis” (crianças), além das “falanges” africanas. Por fim, a Linha Cruzada, como sublinha Norton Correa, cultua todo universo de entidades das outras duas modalidades, a eles acrescentando as figuras do Exu e da Pombagira. (CORREA, 1992, p. 10 apud ORO, 2008, p. 12).

Ao chegarem a Porto Alegre os escravos se instalaram em locais como o antigo Areal da Baronesa, imediação da atual Lima e Silva, e nas chamadas colônias africanas e bacias, atuais bairros Bonfim, Mont’Serrat e Rio Branco, sendo neste período, os locais mais afastados da sociedade e que, também, tinham status de marginalidade. Hoje, são os bairros que detém maior poder aquisitivo. Essas mudanças foram ilustradas através de mapas, organizados por

Rech (2012), o qual trabalhou com os dados obtidos pelo censo de casas de religião, realizado pelo IBGE.

O censo foi realizado para atender uma reivindicação da comunidade afro-brasileira. Dessa forma, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre solicitou ao Centro de Pesquisa Histórica da Secretaria Municipal de Cultura, a realização de um Censo¹² das Casas de Religião Afro-Brasileiras na capital gaúcha, visando suprir a lacuna da ausência de estatísticas acerca das religiões afro-brasileiras no Rio Grande do Sul. Este foi realizado nos anos de 2006 e 2008, onde foi identificada a existência de 1.290 terreiros na cidade de Porto Alegre/RS e, aproximadamente, 30 mil casas de religião em funcionamento no estado, bem como, as transformações ocorridas na região metropolitana de Porto Alegre (ORO, 2008; ORO, 2012, p. 557-559).

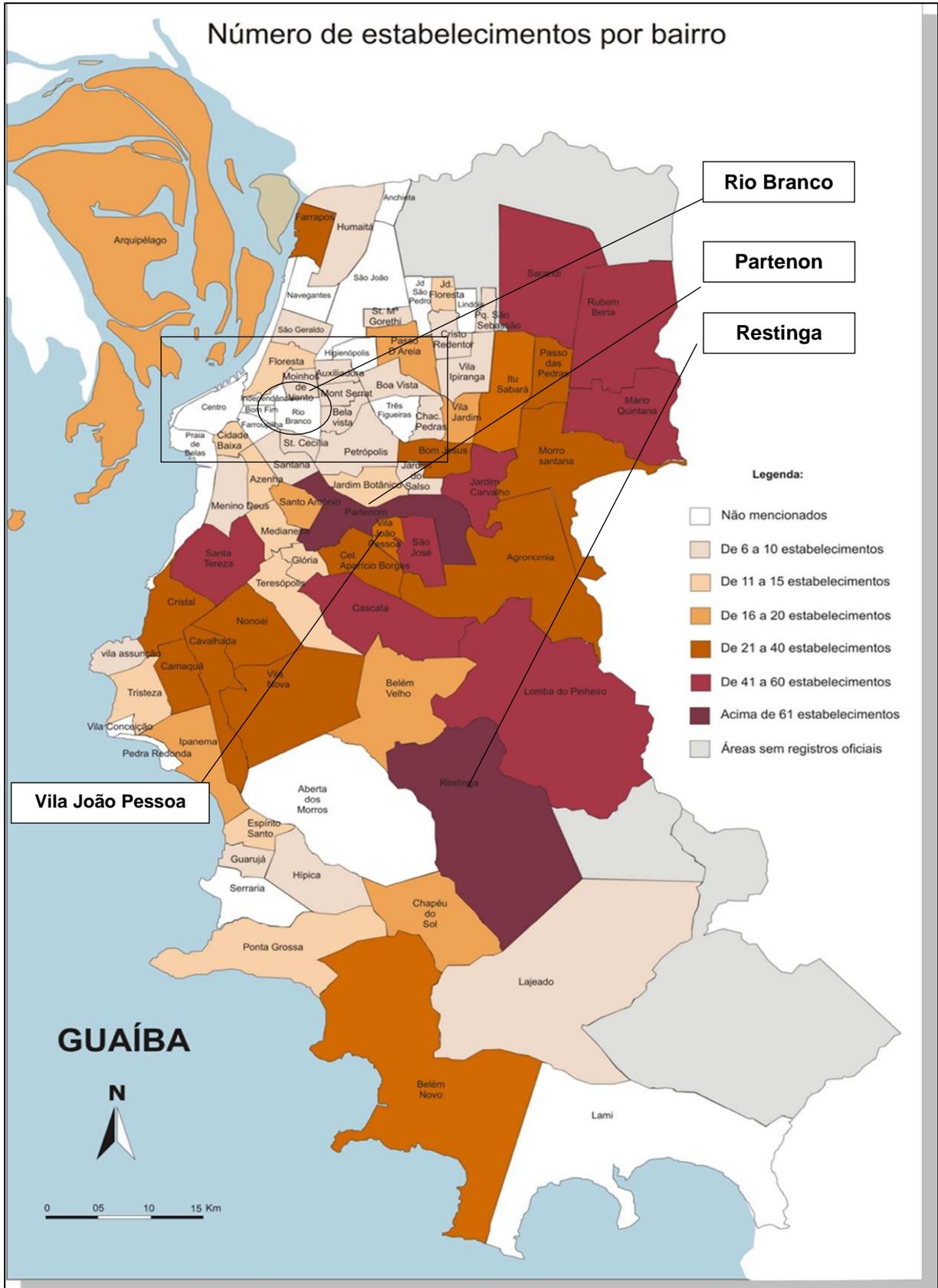
As Figuras 7 e 8 apresentam dois mapas, ilustrando o número de casas de religião por bairros que antes eram resididos por escravos e hoje detém grande poder aquisitivo, e outros que quase não registram existência de casas, como é o caso dos bairros Rio Branco, Moinhos de Ventos e Independência, considerados hoje uma das áreas mais nobres da cidade. Contraditoriamente ao seu histórico, o bairro Rio Branco é uma homenagem ao Barão do Rio Branco, que anteriormente era chamado de colônia africana, local onde os negros alforriados e libertos pela Lei Áurea residiam. A colônia africana compreendia ainda, além do bairro Rio Branco, parte do Mont'Serrat e parte do Auxiliadora (RECH, 2012).

Assim, podemos perceber as mudanças ocorridas na cidade de Porto Alegre. Os bairros que hoje detém maior poder aquisitivo foram, outrora, os locais com maior incidência de negros, e, também, de acordo com o censo das casas de religião, apresentam os menores números de casas de religião, ou quase nem apresentam. Conforme Rech,

Essa configuração não aconteceu repentinamente. Foi um processo gradual de permuta de moradores que saíam do bairro e o novo perfil dos que entravam para o mesmo, gerando dois tipos de territorialidades: a étnica, que se deu pelo agrupamento dos negros na colônia africana; e, a segunda, sociocultural, percebido pelos novos locais de residência que esses antigos moradores da colônia africana encontraram, uma vez que levaram consigo seus referenciais territoriais. (RECH, 2012, p. 19).

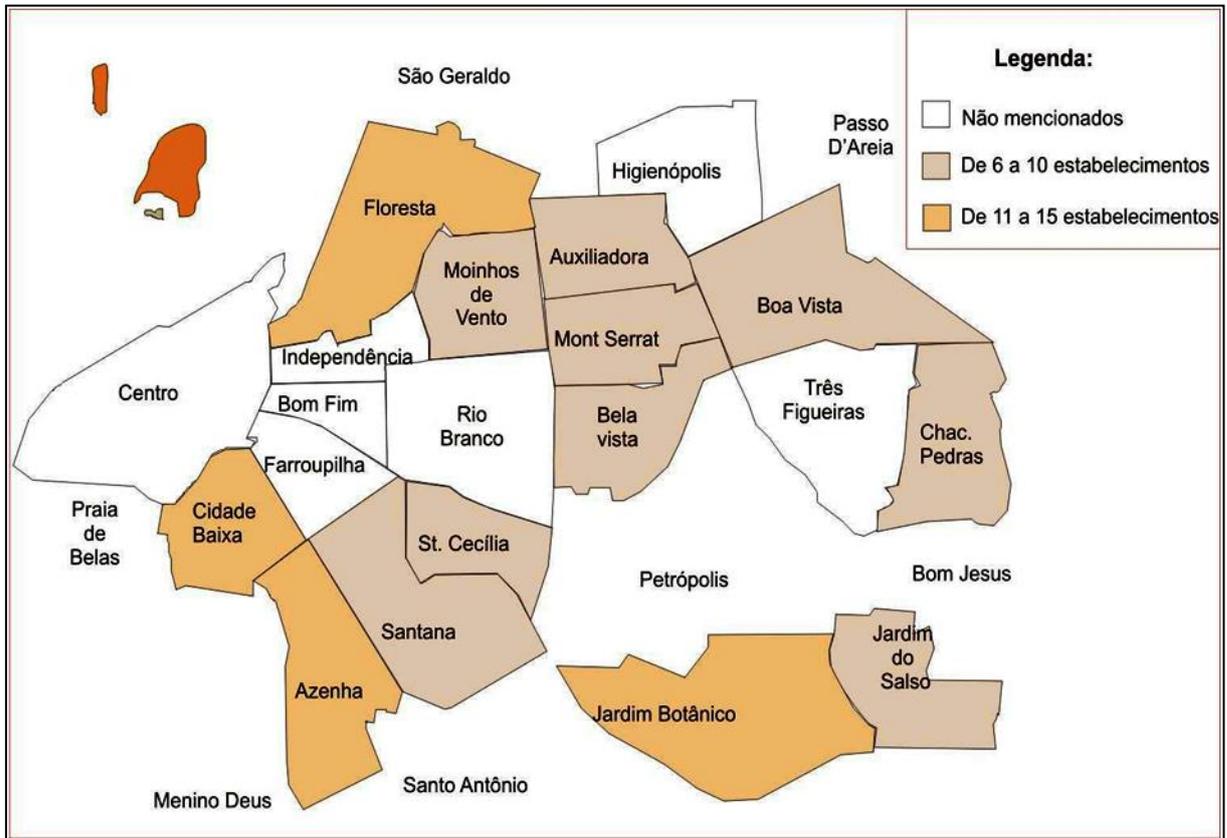
¹² Censo das Casas de Religiões Afro-Brasileiras em Porto Alegre: pesquisa inédita que trata do mapeamento e cadastramento das Casas de Religião Afro, em todos os bairros de Porto Alegre. Trabalho concluído em final de 2008.

Figura 7 – Número de estabelecimentos por bairro



Fonte: dados do Censo das Casas de Religião de Matriz Africana de Porto Alegre 2007/2008 – Organização: Tiago Bassani Rech (RECH, 2012).

Figura 8 – Detalhe distribuição das Casas de Religião de Matriz Africana nos bairros periféricos ao Rio Branco, em Porto Alegre



Fonte: dados do Censo das Casas de Religião de Matriz Africana de Porto Alegre 2007/2008 – Organização: Tiago Bassani Rech (RECH, 2012).

Acredita-se que foi com a chegada dos escravos em Porto Alegre, no século XIX, que se formaram as primeiras casas. A casa de religião mais antiga que se tem notícia é a de Mãe Rita, datada de 1800, na várzea, hoje Parque Farroupilha (CORREA, 2005, p. 113).

A história do Parque Farroupilha se mistura com a história da cidade de Porto Alegre. Foi palco de muitas manifestações, assim como recebeu vários nomes, e no caso 'Parque Farroupilha' talvez seja o menos conhecido, já que grande parte dos porto-alegrenses o conhece pelo seu antigo nome 'Parque da Redenção'.

Originalmente o local foi doado à cidade em 24 de outubro de 1807, pelo governador Paulo José da Silva Gama, 'para os utilíssimos e necessários fins de conservação de gados que matam nos açougues desta vila'. Uma cláusula do contrato estabelecia que a área não poderia ser alienada sem expressa autorização de Sua Alteza Real, Dom João VI. Essa cláusula foi que salvou o atual Parque Farroupilha, impedido por Dom Pedro I de ser loteado e vendido em 1826, por estar destinado a local para exercícios militares.

Em 1807, quando a área se localizava próxima ao portão de entrada da cidade, abrigava os carreteiros que comercializavam o gado da região. Era chamada de Campos da Várzea do Portão e, depois, Campo do Bom Fim face a

proximidade da Igreja do Nosso Senhor do Bom Fim (1867) e das festas que ali se realizavam.

Algum tempo depois a área ficou marcada para sempre: serviu de cenário ao importante movimento pela libertação dos escravos, sendo denominada de Campo da Redenção. Em 7 de setembro de 1884, a Câmara propõe a denominação de Campos da Redenção em homenagem a libertação dos escravos do terceiro distrito da Capital, registrando a significativa vitória da luta abolicionista local, que resultou na redenção de centenas de escravos um ano antes da libertação dos sexagenários e quatro antes da libertação geral do país. Esse nome permanece na memória dos Porto-alegrenses até hoje. (PARQUE DA REDENÇÃO, 2018).

A mudança do nome nos faz pensar se seria uma tentativa de apagar a memória dos tempos de escravidão, já que redenção está diretamente ligada à libertação dos escravos, antes mesmo da libertação dos sexagenários em 1884. O importante papel dos povos africanos que viveram no Rio Grande do Sul contribui muito na formação cultural do nosso estado e do nosso país, porém, muitas são as formas de tentativa de apagar uma memória dolorosa, como a escravidão, e diríamos que a participação dos povos africanos na construção do Rio Grande do Sul, pois,

No imaginário popular, o Rio Grande do Sul não é um estado que tem uma composição étnica a partir dos afrodescendentes, mas sim, do gaúcho, homem da lida do campo, que faz festas e se orgulha de suas guerras. Também, nesse imaginário, é visto a colonização alemã e italiana, majoritariamente. Nessa construção de uma paisagem do estado, a heterogeneidade não é recordada, majoritariamente, como sendo constituída pelo povo negro. (RECH, 2012, p. 11).

O “povo negro” deixou suas marcas na cultura gaúcha e as que vamos destacar agora são de ordem religiosa: Batuque, Umbanda e Linha Cruzada, ambas derivadas da cultura africana vinda com os povos escravizados.

3 BATUQUE

O desenvolvimento do Batuque no estado gaúcho ocorreu conforme já mencionado, entre os anos de 1833 – 1859, inicialmente na cidade de Rio Grande e posteriormente na cidade de Pelotas, mais tarde espalhando-se para outras regiões. De acordo com Oro (2002), há mais de uma versão para o surgimento do Batuque no Rio Grande do Sul,

Uma que afirma ter sido o mesmo trazido para esta região por uma escrava, vinda diretamente de Recife; e outra, que não associa a um personagem, mas às etnias africanas que o estruturaram enquanto espaço de resistência simbólica à escravidão (ORO, 2002, p. 349).

Durante muitos anos diversos estudiosos passaram pelo estado, realizando pesquisas sobre as casas de religião e as práticas religiosas do Rio Grande do Sul. Em 1951, Dante de Laytano estimou a existência de cerca de 71 casas de Batuque em Porto Alegre (LAYTANO, 1960). A quantidade de casas de religião distribuiu-se também entre as variadas nações, pois o Batuque, divide-se em “lados” ou “nações”, sendo as principais: Oyó, Jeje, Ijexá, Cabinda e Nagô. Essas variações do Batuque expandiram-se ao chegar à cidade de Porto Alegre, conforme demonstrado no Quadro 4:

Quadro 4 – Quantidade de casas por nação

Nação	Quantidade de casas
Nagô	24
Jeje	21
Oyo	13
Ijexa	08
Outros	05

Fonte: Adaptação de Laytano, elaborado pela autora (2018).

O Batuque é a vertente religiosa que abrange mais características da cultura africana, e que compõe a tríade das chamadas religiões afro-gaúchas, juntamente com a Umbanda, que seria a religião “mais brasileira”, desenvolvendo um misto da cultura afro e indígena. Por fim, a Linha Cruzada, que pode ser entendida de duas maneiras: uma por praticar elementos religiosos da Umbanda e Batuque e, a outra, por cultuar as suas principais entidades, Exus e Pombagiras.

Normalmente os praticantes denominam-se como de “nação, ou ainda, de religião”, já que, muitas vezes, o termo ‘batuque’ ou ‘batuqueiro’ é usado de forma pejorativa (HUBERT, 2010, p. 81) Esse termo ficou conhecido pelo toque dos tambores.

Os praticantes de Batuque, Umbanda e Linha Cruzada no Rio Grande do Sul conhecem e apontam as diferenças entre ambas as linhas religiosas. O que para uma pessoa leiga possa parecer tudo a mesma coisa, os praticantes diferenciam corretamente como práticas distintas. O culto a orixás pertence ao Batuque, o culto a Caboclos e Pretos velhos à Umbanda e a Linha Cruzada cultua Exus e Pombagiras (CORREA, 2006).

Norton Correa aponta como as principais características do Batuque:

- a) a predominância de elementos culturais Jeje-Nagô, sendo mínima a presença dos espíritos – kardecistas, de inspiração oriental e indígena;
- b) o iniciado só pode receber uma única divindade. O orixá “dono” de sua cabeça, não tem conhecimentos das ocupações;
- c) as entidades sobrenaturais são os orixás, deuses ou os eguns, os espíritos dos mortos;
- d) as cores das vestes variam de acordo com o orixá;
- e) cantos em língua Jeje / Nagô / Iorubá;
- f) inclusão necessária de sacrifício¹³ de animais;
- g) a iniciação implica no vínculo ad mortem;
- h) as sessões iniciam-se às 23:00–23:30 horas e duram até quase ao alvorecer;
- i) os deuses são fixados ritualmente em pedras “ocutás”, objetos de ferro ou estatuetas de madeira;
- j) realiza-se cerimônias para os mortos, a “missa-de-eguns” ou “aressum”;
- k) reúnem formalmente no ritual apenas elementos africanos e lusos brasileiros;
- l) denominação de pai-de-santo ou mãe-de-santo para os sacerdotes. A autoridade dos chefes é muito grande, inclusive em aspectos da vida não religiosa;
- m) os templos têm ampla liberdade de ação, não se submetendo a federações;
- n) bebidas alcoólicas e tabaco são rigorosamente proibidos nos rituais;
- o) espaço ritual do salão sem divisões;
- p) colares monocromáticos;

¹³ Mantemos a utilização da palavra “sacrifício” no texto por ser mencionada dessa forma pela historiografia, no entanto, as religiões tratam o sacrifício de animais como algo sagrado, ou seja, a “sacralização” dos animais oferecidos aos Orixás.

- q) não possui corpo teórico-filosófico expresso formalmente, não há bibliografia que sirva de orientação;
- r) promovem duas grandes solenidades por ano às “festas”, no caso de templos maiores cerimônias ocasionais chamadas de “quinzenas”. (CORREA, 2006).

Essas características são específicas do culto ao Batuque gaúcho, entretanto, podem existir variações, conforme a casa em que seu chefe foi “feito”, ou seja, de acordo com a nação em que ele foi iniciado. Segundo Oro (2002) e Correa (2006), as nações mais conhecidas são:

- a) **Oió/Oyó:** cultuada na cidade de Porto Alegre, inicialmente no bairro da Azenha, indo posteriormente para o bairro do Areial da Baronesa e, então, para o Mont’Serrat, onde se situam as principais casas de religião. Uma das principais características dessa nação está na ordem das rezas, onde se toca primeiro para os orixás masculinos e após para os femininos, encerrando-se com as rezas de Iansã, Xangô e Oxalá, rei e rainha (Iansã e Xangô) de Oió, nome da própria nação. Ao final das obrigações¹⁴ ambos os orixás dançam carregando em suas bocas as cabeças dos animais oferecidos em sacrifício já em estado de decomposição (essa dança faz parte também de um dia de rituais do Batuque). Outra característica refere-se aos Ocutás¹⁵, o qual ao invés de guardado em sua vasilha na prateleira é enterrado;
- b) **Ijexá/Jexá:** nação com maior predominância de casas e filhos. Nesta nação os deuses são os orixás na qual a rainha é a orixá Oxum. A liturgia e ritualística é em Iorubá. Em Porto Alegre a predominância das casas está nas “regiões negras”, no bairro Mont’Serrat e na colônia africana;
- c) **Jeje/Jêjo:** essa nação identificada pelo rápido toque dos tambores a qual obriga o tamboreiro a apoiar o tambor entra as pernas diferente de outras nações, utilizava-se ainda o “aguidavís” ou “oguidavís”, bem como, o “agogô”. Outra característica é a dança Jeje, praticada na grande roda (gira) onde todos executam a mesma coreográfica. Uma das figuras mais conhecidas e marcantes dessa nação teria sido o príncipe custodio o qual teve vários filhos de santo entre eles o governador do

¹⁴ Obrigações são rituais, ou seja, etapas que o filho deve cumprir dentro da religião, essas etapas marcam a vida religiosa, obrigações também podem ser entendidas como oferendas.

¹⁵ São pedras que representam os Orixás.

estado Borges de Medeiros¹⁶. Apesar do Jeje estar extinto como modalidade ritual exclusiva, praticamente todas as casas ainda executam cânticos dessa nação;

- d) **Nagô:** hoje essa forma religiosa está praticamente extinta, outrora, foi considerada a origem do culto no Rio Grande do Sul, bem como, pode ser considerada originária de cânticos de outras nações. Algumas características dessa nação estão relacionadas aos números míticos de alguns orixás. Outra característica é o local de homenagem aos mortos no templo (balé), sendo que para os nagôs é na frente da casa e, para os demais, aos fundos. Outra diferenciação do Nagô é que os ocutás são enterrados e não guardados em vasilhas na prateleira no quarto de santo¹⁷;
- e) **Cabinda/Cambíni ou Cambína:** trata-se de uma nação de origem Banto¹⁸ onde originalmente se fala Kimbundo¹⁹. A iniciação religiosa começa pelo cemitério, tendo outras características particulares como o número mítico de alguns orixás e, também, o ritmo dos tambores o qual lembra a luta de capoeira²⁰. Ademais, os elementos rituais são iguais aos da nação Ijexá;
- f) **Oiá/Maçambique:** esse “lado” pouco conhecido, descrito apenas por Correa (2006), o qual se baseou no relato de apenas um pai de santo onde o mesmo expõe algumas das características dessa corrente. As dificuldades de “tirar” – tocar tambor – para o lado de Maçambique se dão pela falta de conhecimento dos tamboreiros já que as linhas são mais apuradas outras características são em relação às comidas oferecidas em obrigações as quais são preparadas com muitas raízes, citou, também, que os Maçambiques e Oiá são mais sérios com mais fundamentos

¹⁶ Popularmente conhecido como Borges de Medeiros, Antonio Augusto Borges de Medeiros nasceu na cidade de Caçapava do Sul, em 19 de novembro de 1863. Em 1881 foi para São Paulo estudar Direito, iniciando-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, e concluindo seus estudos na Faculdade de Direito do Recife, para onde havia se transferido no ano anterior. Mais tarde volta ao seu estado de origem, passando por várias experiências como advogado e, também, como sucessor de Júlio de Castilhos no governo do estado do Rio Grande do Sul, tendo seu primeiro mandato em 1898-1903 e, após, reeleito para seu segundo mandato. Em 1918 concorreu a seu quarto mandato que durou até 1923. Anistiado em 1934, foi candidato da minoria nas eleições indiretas para presidente da República, mas foi derrotado. Borges de Medeiros faleceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no dia 25 de abril de 1961 (FRAZÃO, 2016).

¹⁷ É o local da casa considerado mais sagrado, onde estão os objetos sagrados e onde são realizadas as obrigações.

¹⁸ Denominação que abrange etnias africanas, bem como, um tronco linguístico.

¹⁹ Kimbundo é um dialeto do tronco linguístico Banto.

²⁰ Segundo Paiva, “a capoeira, inicialmente foi uma arma dos negros escravizados. Possivelmente, era praticada em senzalas e quilombos. Pesquisas sobre capoeira no século XIX fazem alusão de que ela era praticada, especialmente, nas ruas dos centros urbanos do Rio de Janeiro, Salvador, Recife, São Luiz e Pará. Nesse período, a capoeira era considerada um problema de segurança pública” (PAIVA, 2007, p. 50).

e são semelhantes. O autor levanta o questionamento sobre a mistura de fundamentos bantos e sudaneses. Devido à falta de fontes e um maior número de relatos não é possível dar mais detalhes sobre esse lado.

Analisando os principais lados do Batuque e considerando o passar dos anos, atualmente, as casas de Batuque cultuam os fundamentos “Jeje-Jexá”, uma miscigenação de fundamentos culturais, os quais, também, englobam elementos das culturas Cabinda, Nagô e Oió. Ou seja, existe sim a mescla de alguns ritos de origem Banto e Sudanesa, porém, os elementos que mais se destacam são dos povos Iorubás.

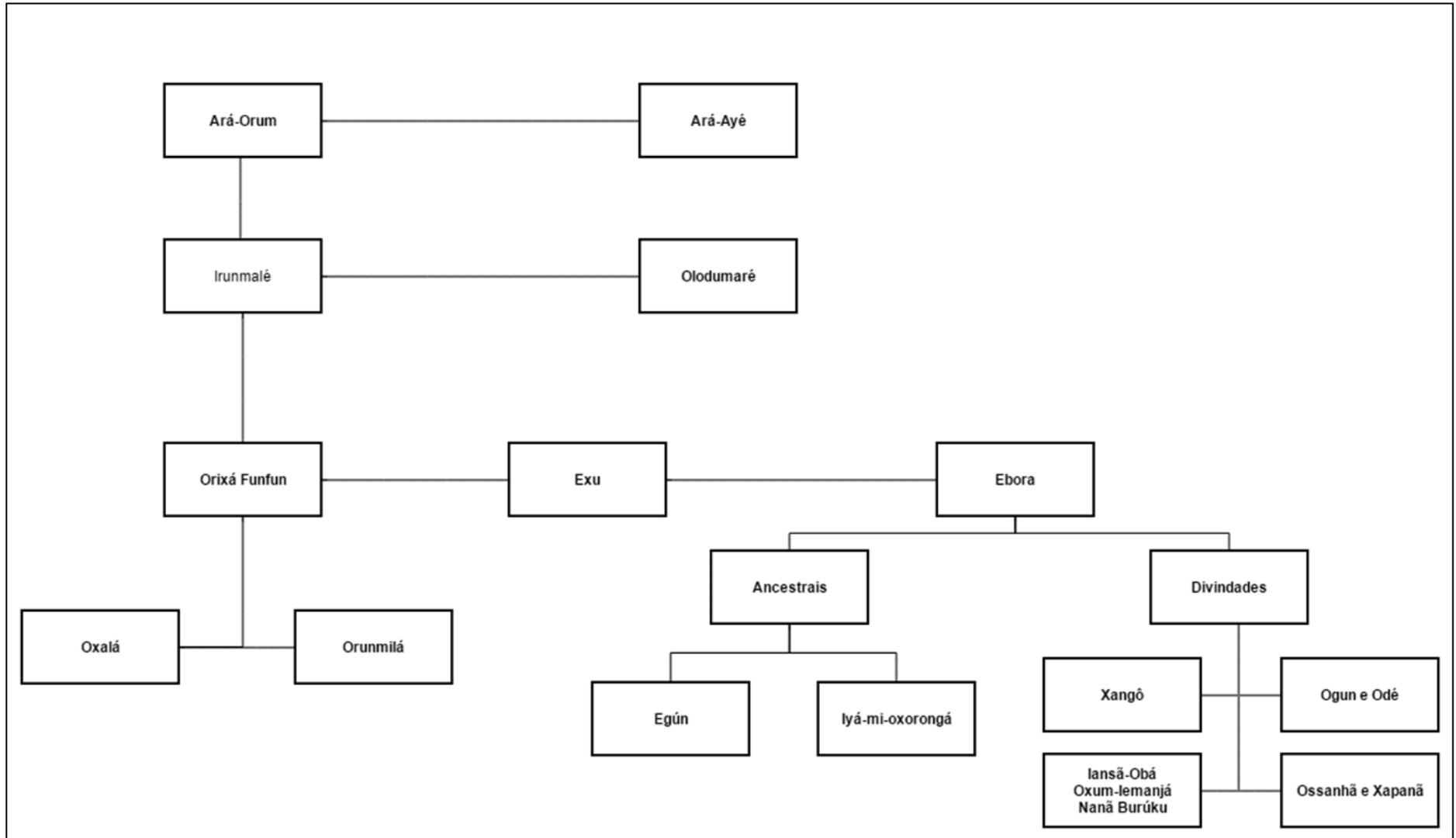
Na cosmovisão²¹ africana, os povos Iorubás acreditam que a existência se dá em dois planos: o Ayé, onde vivem os àra-Ayé que seriam os seres materiais; e o òrun, onde vivem os àra-òrun seres espirituais. No òrun²² é onde se encontra Olodumare, ser supremo dos Iorubás. (SILVEIRA, 2014, p. 22-39).

Quem detém todos os poderes da criação é Olodumare, que passa poderes para os Irunmalé (orixás), de acordo com suas funções. Os Irunmalés são divididos em dois grupos: Quatrocentos Irunmalés da direita (orixá Funfun) e os duzentos Irunmalés da esquerda (Ebora). Esses números não representam, de forma exata, o número a que se referem, apenas são expressões para significar um grande grupo e outro maior ainda (SILVEIRA, 2014, p. 22-39). Para melhor entendimento da cosmovisão africana, apresentamos a imagem destacada na Figura 9.

²¹ Cosmovisão seria “uma compreensão que diz respeito a tudo [...] que procura dar uma resposta as questões últimas do homem, no que diz respeito a sua origem e a sua meta final” (REHBEIN, 1985, p. 21).

²² De acordo com Santos, “o espaço òrun compreende, simultaneamente, todo o do àiyè, terra e céu inclusos e, conseqüentemente, todas as entidades sobrenaturais, quer elas sejam associadas ao ar, à terra ou às águas, e que todas são invocadas e surgem da terra. É assim que os àra-òrun são também chamados de Irúnmalé”. (SANTOS, 2002, p. 264).

Figura 9 – Cosmvisão africana



Fonte: Elaborada pela autora (2018), baseado na obra de Silveira (2014).

Conforme o organograma apresentado na Figura 9 (baseado no trabalho de Silveira, 2014), temos as divisões que se acreditam ser da cosmovisão africana²³. Explicando essa imagem, temos os dois planos òrun, onde estão os seres espirituais, e o ayè, onde vivem os homens. Logo abaixo aparecem os Irunmalés (divindades), ligados à Olodumaré, que é o ser supremo da criação. Após entramos na divisão das divindades: os orixás Funfun, que são os orixás do branco e estão relacionados a criação do homem e do mundo, sendo que estes estão divididos em duas categorias: Oxalá, que seria o criador, e Orunmilá, que seria o detentor da história e do destino, pai da magia, conhecimento e futuro, em outras palavras, aquele se manifesta apenas através do jogo de búzios.

Entre os orixás Funfun e os Eborás temos a figura de Exu²⁴ que é representada como o guardião, aquele que liga o plano espiritual do plano material, esse orixá é sempre o primeiro a ser homenageado e a receber oferendas, pois é o responsável pela ligação entre humanos e deuses.

Os Eborás também seguem uma divisão, que seria a das divindades. Os orixás da cultura material são representados por Ogum, que nos primórdios era considerado o orixá da agricultura e mais tarde lhe foi agregado a atribuições da guerra e trabalho com ferro. Junto a Ogum está o orixá Odé deus da caça aquele que busca o alimento. Em seguida temos os orixás da saúde representados por Ossanha considerado o orixá médico, possui o conhecimento das plantas e suas combinações. Outro orixá da Saúde é Xapanã, porém este detém os segredos da vida e da morte, temido por ser o dono das doenças de pele, assim como traz pode levar embora todos os males relacionados à saúde. Por fim, está Xangô o dono da justiça, aquele que “mantém” a ordem, orixá do trovão, aquele que castiga os mentirosos, infratores.

Ainda, entre as divindades temos as figuras femininas, responsáveis pelos rios, pela fertilidade. Entre essas divindades temos Oyá ou Iansã, “dona” do rio Níger, que é também a dona dos espíritos, senhora dos raios e tempestades. Obá e Oxum são as orixás donas de rios que, quando se encontram, formam ondas, lembrando da disputa que tiveram pelo amor de seu marido Xangô. Oxum é a dona da beleza, da riqueza, assim como da maternidade. Iemanjá é a dona do mar, uma das orixás mais conhecidas. Completando as divindades femininas, temos Nàná Buruku, aquela que representa a memória ancestral da humanidade, a ela pertencem as águas paradas dos pântanos, o que faz referência a criação.

²³ O detalhamento do organograma apresentado foi escrito com base no trabalho de Silveira (2014).

²⁴ Exu é o Orixá mensageiro, as descrições de Exu irão aparecer na Linha Cruzada.

E para completar os Eborás, temos a “categoria” dos ancestrais. Essa categoria está dividida em Eguns, que seriam os espíritos dos mortos (homens), que são cultuados em cerimônias chamadas de Egúngún. Do outro lado temos a Iyá-mi-Oxorongá, representada pelos espíritos femininos, cultuados na sociedade Gèlèdè. De forma bem sucinta, temos a explicação de como se organizaria a cosmovisão Iorubá, no entanto, ainda conforme Silveira (2014) o estudo de divindade da esquerda ou da direita é bastante complexo e extenso.

No Rio Grande do Sul o Batuque cultua os orixás (os quais veremos mais a seguir), onde seus ensinamentos são passados de forma oral. Conforme Correa (2006), todos os rituais realizados (iniciação) no Batuque só poderão ocorrer se o indivíduo já for batizado na Igreja Católica²⁵. Os filhos do Batuque vão aprendendo os fundamentos da religião com a prática e observando os mais velhos de religião, porém, a idade dentro do Batuque nem sempre representa mais conhecimento. Guiados pelo pai ou mãe de santo, também chamados de babalorixá ou Ialorixá²⁶, o qual é o dirigente do terreiro/terreira ou Ilê (casa de Batuque), outra figura importante da casa é o cambono, o auxiliar do médium ocupado.

O terreiro contém algumas “repartições” físicas como o salão principal, onde ocorre a festa, o quarto de santo-Pejí, onde, normalmente, está o assentamento, local onde ficam os objetos que representam o orixá da casa e dos filhos e, por fim, a cozinha, onde são preparadas as comidas sagradas. A estrutura física da casa pode variar de acordo com o local onde está inserida, bem como, o tamanho.

Voltando a iniciação religiosa, a mesma pode ser realizada após os doze anos de idade, antes disso, caso seja necessário algum ritual, a criança é entregue aos Bêjis, entidades também crianças, as quais irão “tomar conta” até a idade da iniciação, quando o indivíduo, então, poderá ser consagrado aos seus orixás, firmando laços. A estrutura da iniciação no Batuque pode ser dividida em três partes, de acordo com Correa: “primeiro, em que o indivíduo se recolhe a casa de culto; segundo, representado pelas condições e práticas do período de recolhimento; e, terceiro, a festa pública em que termina o recolhimento” (CORREA 2006, p. 91). Os passos da iniciação, conforme Correa (2006) e Leistner (2009), consistem basicamente em²⁷ :

²⁵ Quanto ao batismo na Igreja Católica, não encontramos referência a batismos em outras religiões.

²⁶ Babalorixá é o pai de santo; Ialorixá é a mãe de santo.

²⁷ As descrições são baseadas em partes das obras dos autores citados.

- a) **Lavagem de cabeça e contas:** ritual que consiste em lavar a cabeça e pernas do filho com ervas tornando-o filho de santo, e a lavagem de contas “guias”²⁸ de seu orixá as quais poderão ser usadas como proteção;
- b) **Segurança, aribibó ou oribibó:** é um ritual feito para crianças com menos de doze anos quando há necessidade de uma proteção mais forte, esse ritual não envolve quantidade de sangue que estabeleça laços com o orixá, apenas uma pequena quantidade para marcar;
- c) **Borí ou Borído:** é uma cerimônia que não precisa ser feito necessariamente antes do apronte, no entanto, é necessário que a pessoa tenha sido batizada na igreja católica. Esse ritual tem a ver com o cérebro e consiste em colocar em uma cremeira²⁹ pequenos búzios com o número correspondente ao seu orixá, joias verdadeiras e de fantasia, pedrinhas e moedas, seria a representação da “cabeça”. Finaliza-se esse ritual sacrificando sobre a cabeça do filho o animal oferecido ao seu orixá;
- d) **Aprontamento:** é a consagração do filho (cabeça, corpo e pernas) aos seus orixás e, também, a Bará. Esse ritual corresponde ao pacto oficial entre orixá e o filho. O aprontamento sempre ocorre na cerimônia da “matança”³⁰, e segue alguns “passos”:
- No quarto de santo o Ocutá³¹ e seu alguidar³² são retirados da prateleira e colocados em uma bacia para ser, então, consagrados. Junto com ele são colocadas joias, guias, bilhetes com pedidos, dependendo do orixá é colocado uma colher de azeite de dendê (quando orixá do seco) ou mel (se for do mar) e, então batendo um adjá³³, chama-se a divindade, ao mesmo tempo em que se fazem os pedidos;

²⁸ As guias têm suas cores, de acordo com cada Orixá. As contas das guias são confeccionadas pela pessoa que irá usá-la, com peças de vidro e/ou porcelana, e são cruzadas pelo pai ou mãe de santo, só podem ser usadas pelo seu dono, pois contém energias da pessoa.

²⁹ Espécie de vaso de barro.

³⁰ Obrigação ou matança é chamado o ritual onde cada adepto oferece comida a seu orixá, para todos aqueles que serão iniciados ou irão atualizar seu ritual. Essas cerimônias são de caráter privado, com raras exceções para público.

³¹ Objeto sagrado.

³² Pote de barro.

³³ Sineta.

- Após, é trazido para dentro da casa o animal³⁴ que será sacrificado, porém, o animal não pode berrar, caso isso ocorra não poderá ser sacrificado. O animal é levado para o quarto de santo para comer (Ihe oferecem comidas), se ele não comer o que lhe foi oferecido significa que o orixá recusou a oferenda. Caso corra tudo dentro do protocolo ele é sacrificado tendo seu sangue escorrido primeiro sobre o ocutá e após na cabeça do iniciado, neste momento pode haver a manifestação do orixá (incorporação). Os filhos só podem ser ocupados pelo orixá dono de sua cabeça. Cada pessoa possui três orixás (cabeça, corpo e pernas), o da cabeça se for “mulher” terá um juntó com o orixá do corpo “homem”, no entanto, os filhos não sabem que são ocupados pelo seu orixá nem o que acontece durante essa ocupação;
- Durante os dias de retiro não podem se ver no espelho pois somado a tudo que está ocorrendo poderia causar demência ao filho. Depois do Axorô (sangue), o animal tem as vísceras separadas do corpo, a cabeça do animal sacrificado é colocada em um prato no chão à frente da vasilha com seu ocutá e o corpo carregado por outro orixá que dança no salão, colocado no centro e coberto, mais tarde é levado para fora e coureado onde o couro pode ser utilizado para confeccionar tambores. O animal é assado ou cozido para consumo, a exceção é para os cabritos de ogum que devem ser churrasqueados³⁵;
- Após todos esses procedimentos o orixá do iniciado vai para o salão e pode dançar a volta da mesa, em sinal de agradecimento. Encerrada a matança cobrem-se os alguídares com um “alá branco”³⁶ e o quarto de santo será reservado para as comidas sagradas. Para os que foram para o chão segue o período de reclusão que pode variar de acordo com a tradição da casa, a “soltura” se dá no dia imediato ao ritual da confirmação do peixe³⁷;

³⁴ Orixás masculinos recebem animais machos, exceto oxalá, que “come” com as mulheres, ou seja, recebe animais fêmeas.

³⁵ Churrasqueado vem de churrasco, comida típica do Rio Grande do Sul. É o ato de assar no fogo a carne para comer.

³⁶ Espécie de pano branco que cobre o médium quando incorporado pelo Orixá Oxalá.

³⁷ A confirmação do peixe designa o momento derradeiro, no qual se sacralizam peixes como forma de encerramento da obrigação. A partir de então, os filhos que cumpriram os preceitos religiosos são liberados para sair do terreiro e voltar as suas atividades cotidianas (LEISTNER, 2009).

- e) **Axé³⁸ (força) de faca e Axé de búzios:** consiste no ritual onde o pai ou mãe de santo passa a um ou mais filhos tais Axés, ambos os axés são dados aos filhos prontos completos ou aos que pretendem seguir como chefes (ter seu próprio terreiro). O Axé de facas pode ser dado ao filho pronto ou ao que irá ajudar na matança, o que é algo bastante glorioso dentro de um terreiro, já que essa atribuição é exclusiva do pai de santo da casa. O Axé de búzios é dado ao filho que irá seguir como chefe, neste lhes são dados um par de olhos de vidro, sinal de que receberá “visão” para ler o que dizem os orixás, porém, esse Axé é recebido apenas com dez ou doze anos dentro da religião, tempo em que possa ter acumulado conhecimento suficiente. Ambos os Axés, recebem sangue para purificar e selar o ritual. (LEISTNER, 2009).

Já os ciclos rituais variam de acordo com a tradição da casa, conforme Correa,

Cada templo de Batuque, ao longo do ano, cumpre um sem-número de rituais menores e maiores. Incluem-se nisto os pequenos rituais da rotina diária, certas cerimônias realizadas em determinadas épocas do ano e que acompanham o calendário católico, as “festas” menores (“quinzenas”), e as maiores, chamadas “festas grandes”. Em geral, todos suspendem as festividades na quaresma. (CORREA, 2006, p. 101).

Outro importante ritual do Batuque é o “aressum”, ritual funerário, também chamado de “missa de eguns” ou, simplesmente, “missa”. Segundo Correa (2006, p. 149), “é um conjunto de cerimônias, feitos no sexto e sétimo dia após a morte de alguém de religião, ou anualmente, na grande maioria dos templos para homenagear os respectivos ancestrais de culto”. Esse ritual é por alguns muito temido já que os eguns são muito perigosos, eles causam brigas, fofocas e até mesmo doenças naqueles em quem se agarram, buscam levar consigo os irmãos de religião pois sentem a falta de sua vida e amigos. Antes dos sete anos de morte nada se pede aos eguns, pelo contrário, evita-se falar o nome do falecido, ou quando referido se deixa claro “o outro” ou o “falecido”, definindo assim o seu lugar. Após os sete anos de sua morte, eles tornam-se espíritos ilustres.

Na cosmovisão africana o espírito dos Eguns está associado a espíritos ilustres (os ancestrais) os quais só poderão se tornar eguns pessoas velhas falecidas, as quais adquiriram durante sua vida grande experiência e que também tenham seguido corretamente os

³⁸ Axé “refere-se àquela energia inerente aos seres que faz configurar o ser-força, não havendo separação possível entre duas instancias, que, dessa forma, constituem uma única realidade”. (LEITE, 1995-1996).

fundamentos³⁹ da religião. No Batuque, os Eguns são os espíritos dos mortos, assim como, também são conhecidos no espiritismo⁴⁰, neste, no entanto, possuem caráter de obsessores.

O ritual compreende inúmeros pequenos rituais, com características específicas, que são seguidos com muito cuidado, desde o preparo das comidas, as vestes ou pontos tocados. Todos os pequenos rituais do Aressum⁴¹ visam deixar claro o lugar dos eguns, começando pela perda do nome o qual passa a usar “egun” o mínimo erro e o egun leva consigo a pessoa que cometeu o erro. Outra característica marcante do Aressum é a oposição de alguns símbolos como, por exemplo, na dança dos orixás, onde se dança descalço, para os eguns se usa os sapatos. A coreografia dos orixás é rápida, enquanto dos eguns é lenta e quase não se levanta os pés com medo de pisar no pé da pessoa que está ao lado, sob pena do egun levar os dois consigo. Na roda dos orixás mulher que esteja no período menstrual não participa, por estar “impura” na roda, e eguns elas estão autorizadas, assim,

A atribuição de alta periculosidade ao egun converte-o em objeto de ódio e repulsa. Entretanto ele corresponde, no caso dos chefes, a alma de alguém praticamente idolatrado em vida, por seus seguidores... Em outras palavras, a transformação de um ser amado em odiado pode ser entendido como uma solução para atenuar o sofrimento causado pela ruptura violenta, via morte, do vínculo chefe/filho-de-santo. (CORREA, 2006, p. 174).

A religiosidade batuqueira tem como seus “santos” os orixás,

Para os iorubás tradicionais e os seguidores de sua religião nas Américas, os orixás são deuses que receberam de Olodumare ou Olorum, também o chamado Olofin em Cuba, ser supremo, a incumbência de criar e governar o mundo, ficando cada um deles responsável por alguns aspectos da natureza e certas dimensões da vida em sociedade e da condição humana. (PRANDI, 2001, p. 20).

Ao falar sobre os orixás, conseqüentemente, vamos falar de mito. A religiosidade africana vê na religião uma “forma de explicação para a vida”, onde os orixás protagonizam muitas histórias/mitos envolvendo deuses e homens, plantas e animais, elementos da natureza e vida em sociedade. “É pelo mito que se alcança o passado e se explica a origem de tudo, é

³⁹ Fundamentos seriam os ensinamentos passados de geração a geração.

⁴⁰ “O espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosófica, compreende todas as conseqüências morais que dimanam dessas mesmas relações. (...) O espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como, de suas relações com o mundo corporal”. (KARDEC, 1997).

⁴¹ Ritual.

pelo mito que se interpreta o presente e se prediz o futuro, nesta e na outra vida” (PRANDI, 2001, p. 24).

A compilação de mitos sobre orixás que a literatura disponibiliza é esforço de muitos pesquisadores já que a cultura era transmitida oralmente, alguns babalaôs cubanos desenvolveram o hábito de registrar em cadernos os odus do oráculo, mitos dos orixás, os quais passaram a ser fonte primária de pesquisa para muitos estudiosos. No Brasil a figura dos babalaôs (quem tinha o poder de ler os búzios) foi desaparecendo com o tempo já que o jogo de búzios, também, passou a ser atividade dos pais e mães de santos, no entanto, comentam os pesquisadores sobre a existência de cadernos mantidos a sete chaves pelo povo de religião como meio de preservar e perpetuar os conhecimentos e fundamentos, rituais, míticos e mágicos das religiões afro. (PRANDI, 2001, p. 25).

Conforme Prandi,

Os iorubás acreditam que homens e mulheres descendem dos orixás, não tendo, pois, uma origem única e comum, como no cristianismo. Cada um herda do orixá de que provem suas marcas e características, propensões e desejos, tudo que está relatado nos mitos, os orixás vivem em luta uns contra os outros, defendem seus governos e procuram ampliar seus domínios, valendo-se de todos os artifícios e artimanhas, da intriga a dissimulada a guerra aberta e sangrenta, da conquista amorosa a traição. Os orixás alegram-se e sofrem, vencem e perdem, conquistam e são conquistados, amam e odeiam. Os humanos são apenas cópias esmaecidas dos orixás dos quais descendem. (PRANDI, 2001, p. 24).

O Batuque gaúcho cultua doze orixás, de ambos os sexos, entre eles há uma hierarquia por idade que vai do “Bará, o primeiro, a Oxalá, o último. Há duas grandes classes básicas de idade: ‘os jovens’, do Bará até Obá, e os ‘velhos’ que são principalmente Oxum, a Iemanjá e o Oxalá” (CORREA, 2006, p. 176). O Quadro 5 apresenta os orixás, em sua hierarquia.

Quadro 5 – Orixás do Batuque do Rio Grande do Sul

(continua)

Orixás	Animais sacrificados	Comidas oferecidas	Sincretismo⁴² católico
Bará	Bode, galo vermelho	Milho torrado e batatas assadas, pipoca	Santo Antônio, São Pedro e São Benedito
Ogum	Bode escuro, galo vermelho.	Churrasco com farofa (mamiá)	São Jorge do Sul, Santo Antônio na Bahia

⁴² Sincretismo com os santos católicos é a associação dos Orixás com os santos católicos, como podemos perceber no Quadro 5.

(conclusão)

Orixás	Animais sacrificados	Comidas oferecidas	Sincretismo⁴³ católico
Iansã	Cabra cor de laranja, galinha vermelha	Acarajé, pipocas, batata doce frita	Santa Bárbara
Xangô	Carneiro, galo e pombos brancos	Amalá	Jovem: São Miguel Arcanjo. Velho: São Jerônimo
Ibeji	Não recebem sacrifício	Somente doces e balas	São Cosme e São Damião
Obá	Galinha cinza, cabra marrom, mocha e não coberta	Canjica amarela, abacaxi.	Santa Catarina
Odé/Otim	Porco, galo carijó	Farinha de mandioca e mel, costela de porco frita.	Odé: São Sebastião Otim: Santa Efigênia.
Xapanã	Bode com aspas de qualquer cor menos preto, galo prateado	Amendoim, milho torrado, pipoca	Jovem: São Lázaro Velho: Cristo das chagas
Ossanha	Bode, galo arrepiado	Batata cozida (apeté)	São José, Santo Onofre
Oxum	Cabra, galinha amarela	Canjica amarela, doces, quindins	Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora Aparecida
Iemanjá	Ovelha, cabra e galinha branca	Canjica, merengue e cocada	Nossa Senhora dos Navegantes
Oxalá	Cabra, galinha branca	Canjica	Cristo. Espírito Santo

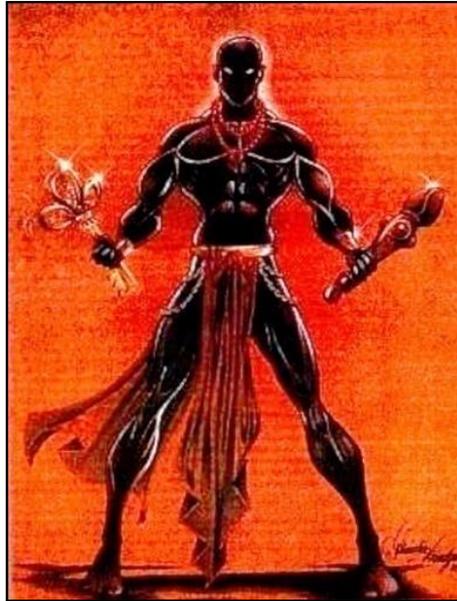
Fonte: adaptado de ORO (2002, p. 376-377).

Apresentados os orixás cultuados no Rio Grande do Sul, trazemos uma breve descrição de cada um deles. Para realizar essa descrição, utilizamos os trabalhos de Correa (2006), Silveira (2014), Pradi (2001), Silva (1994) e, também, as páginas da internet de Ilê de Xangô, Umbanda de Caridade, Sereia de Aruanda, Batuque dos Orixás e da Federação das Religiões Afro-Brasileiras (AFROBRAS). Todos estes apresentam, de forma clara e compreensível, o arquétipo de cada orixá, onde retiramos as informações que agora apresentamos.

⁴³ Sincretismo com os santos católicos é a associação dos Orixás com os santos católicos, como podemos perceber no Quadro 5.

3.1 BARÁ

Figura 10 – Orixá Bará



Fonte: BLOGSPOT (S.d.).

Bará é quem tem o privilégio de receber as obrigações por primeiro, nada começa sem saudar Bará, já que também é considerado a linha de frente dos orixás. Considerado o orixá mensageiro, aquele que faz a ligação entre o plano espiritual e o plano material. É quem tem a chave de tudo, o que tranca e destranca.

Entre os Barás, os mais conhecidos e chamados são:

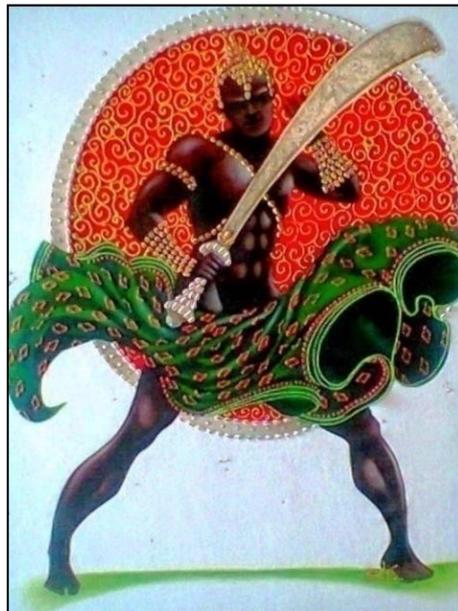
- a) **Bará Lodê:** assentado fora do terreiro é responsável pela segurança do mesmo. É o orixá que mantém a estrutura do templo;
- b) **Bará Adague:** assentado dentro do terreiro e recebe suas oferendas na encruzilhada. É o mais chamado;
- c) **Bará Agelu:** é o Bará que faz frente para os orixás das águas assim como Oxun, Iemanjá e Oxalá. Em suas oferendas, usa-se, além do azeite de dendê, o mel;
- d) **Bará Lanã:** tem as mesmas atribuições do Bará Adague;
- e) **Legba ou Elegba:** assentado fora dos templos é responsável pela comunicação entre os mundos, a tradição de Benin antigo Daomé, mas é cultuado somente na Nação Cabinda. (ILÊ DE XANGÔ, 2018).

Quadro 6 – Elementos de Bará

Símbolo	Chave, foice, corrente de ferro
Cor	Vermelho
Colar	Corrente de ferro
Saudação	Alú-pô
Números	03 e 07 (múltiplos de 07)
Barás mais conhecidos	Lodê, Jelú, Lanã, Adague, Adanadá, Bi, Bô

Fonte: elaborado pela autora (2018).

3.2 OGUM

Figura 11 – Orixá Ogum

Fonte: ARMAZÉM DA ENERGIA (2014).

Ogum é o Deus da guerra. Orixá de demanda é representado sempre empunhando sua espada. Protetor dos trabalhadores é dono de todas as ferramentas de trabalho. Senhor dos metais, domina o aço, o ferro e tudo o que neles é forjado. Irmão de Bará, também é dono dos caminhos, das estradas, dos trilhos de ferro por onde passam os trens. Protege a porta das entradas das casas e templos. É senhor dos exércitos, das armas de corte e das armas bélicas. Protetor da polícia, dos soldados, militares, ferreiros e agricultores. (AFROBRAS, 2017).

Às vezes é considerado um orixá impiedoso, cruel e severo, ele poderá passar essa imagem, mas sabe ser dócil, amável, apaixonado e compreensível quando é cultuado com fé.

Quadro 7 – Elementos de Ogum

Símbolo	Espada e lança instrumentos do ferreiro: martelo e bigorna, esquadro, compasso, tenazes. Implementos de cavalo: ferraduras e cravos
Cor	Vermelho e verde
Colar	Vermelho e verde
Saudação	Ogú-nhê!
Números	07 ou 14 (múltiplos de 07)

Fonte: elaborado pela autora (2018).

3.3 IANSÃ OU OIÁ

Figura 12 – Orixá Iansã

Fonte: ELO7 (S.d.).

Oiá é a deusa dos ventos, também chamada de Iansã, nome recebido de seu marido Xangô que faz referências ao entardecer, a tradução é mãe do céu rosado ou mãe do entardecer. Iansã tem o domínio dos raios e tempestades. É uma mulher guerreira, radiante e linda, Deusa da espada, mas, também, dona das paixões. É irrequieta, autoritária, sensual, de temperamento muito forte, dominadora, impetuosa e dona dos movimentos.

Também é a dona dos eguns, guia dos espíritos, orixá do fogo. Como orientadora dos mortos, carrega consigo o eruexin, feito com rabo de boi ou cavalo, para impor respeito perante aos eguns. (ILÊ DE XANGÔ, 2018).

Quadro 8 – Elementos de Iansã

Símbolo	Espada, taca
Cor	Vermelho e branco
Colar	Vermelho
Saudação	Êpa-êio!
Números	07

Fonte: elaborado pela autora (2018).

3.4 XANGÔ

Figura 13 – Orixá Xangô

Fonte: BLOGSPOT (S.d.).

Nos mitos, Xangô teria sido rei de Oió, uma das principais cidades da cultura iorubana, é um orixá poderoso, bravo, que se irrita facilmente. É o senhor do trovão, conhecido também como patrono da justiça.

Existem doze Xangôs, que se dividem em dois grupos: o jovem – Aganjú, e o velho – Godô. O primeiro é o dono da justiça, comanda também os cemitérios, seria o “comandante dos Eguns”. O Xangô velho – Godô, é o da lei e das escritas, padroeiro dos intelectuais.

Seu arquétipo mostra a capacidade de organizar, em ter habilidade no trato das relações humanas, governos, progresso cultural e social, a voz do povo, levante e a vontade de vencer. Tomando decisões sábias, hábeis, ponderadas e corretas, é o orixá que decide sobre o bem e o mal. Sua característica é nascer do poder e morrer em nome do poder. Percebemos que a imagem do poder está sempre ligada ao Xangô. (ILÊ DE XANGÔ, 2018).

Quadro 9 – Elementos de Xangô

Símbolo	Machado e balança
Cor	Vermelho e branco
Colar	Vermelho e branco
Saudação	Cauô
Números	06 e 12 (múltiplos de 06)

Fonte: elaborado pela autora (2018).

3.5 IBEJI

Figura 14 – Orixá Ibeji

Fonte: PINIMG (S.d.).

Os Ibeji seriam os orixás crianças (São Cosme e São Damião são a sincretização com os santos católicos) protetores das crianças. É a divindade das brincadeiras e alegria. Sua regência está ligada à infância. Por serem crianças, são ligados a tudo que tem início ou que brota, assim como as nascentes dos rios, nascimentos dos seres humano, dos animais, das plantas e outros.

Os fundamentos destes orixás ainda são discutidos dentro dos terreiros, pois se trata de divindade raríssima por serem gêmeos. Estão presentes em todos os rituais de Batuque, assim como os Barás. Esses orixás crianças, quando não são bem cuidados nas casas de religiões, podem atrapalhar os andamentos dos trabalhos, dispersando a concentração dos membros da casa com suas brincadeiras. (ILÊ DE XANGÔ, 2018).

No continente africano as crianças representam a certeza da continuidade da vida, diante disto, seus pais lhe consideram como a sua maior riqueza. A palavra Igbji, em Yorubá, significa gêmeos que são formados por duas entidades coexistentes, respeitando assim o princípio da dualidade. Esta divindade africana indica a contradição, ou seja, que os opostos

podem caminhar juntos. A dualidade mostra que as coisas, em todas as circunstâncias, possuem dois lados e justiça só pode ser feita diante desta premissa, ouvindo-se os dois lados. (ILÊ DE XANGÔ, 2018).

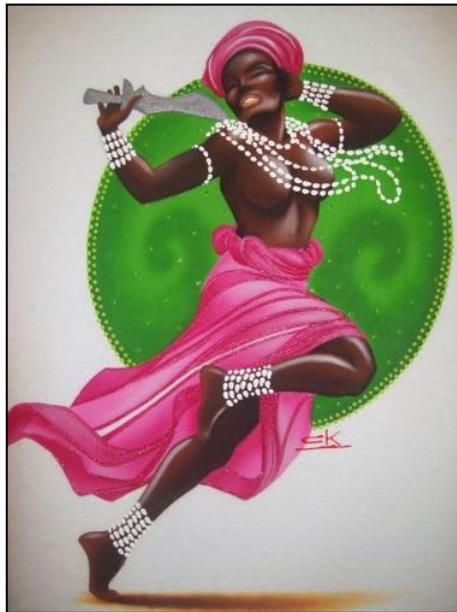
Quadro 10 – Elementos de Ibeji

Símbolo	Dois bonecos gêmeos
Cor	Azul, rosa e verde
Colar	Rosa
Saudação	Oni Ibejis
Números	06 e múltiplos

Fonte: elaborado pela autora (2018).

3.6 OBÁ

Figura 15 – Orixá Obá



Fonte: BLOGSPOT (S.d.).

Senhora do rio Obá, na Nigéria, patrocinadora de conflitos, energia que se desenvolve nos coriscos⁴⁴ dizem que esse poder foi lhe dado por Xangô. Guerreira, considerada até como se fosse uma Iansã velha, mais forte que muitos orixás masculinos. Na natureza, ela é a regente das enchentes, cheias dos rios, inundações, coriscos, tem ligação com energia elétrica. É poderosa, sábia, madura e realista. (ILÊ DE XANGÔ, 2018).

⁴⁴ Faísca elétrica.

Com os seres humanos, Obá comanda a desilusão amorosa, os sentimentos de perda, ciúmes e a incapacidade do ser humano em ter aquilo que ama e deseja. Embora a lenda diga que o orixá Obá é uma guerreira, vencedora, ela consegue seu encantamento nas desilusões e frustrações, na derrota. Ela age em cima da raiva, da solidão, depressão, é o sentimento de abandono, a frustração dos homens. (ILÊ DE XANGÔ, 2018).

Quadro 11 – Elementos de Obá

Símbolo	Facão e navalha
Cor	Rosa
Colar	Rosa
Saudação	Êxo-ínho
Números	07

Fonte: elaborado pela autora (2018).

3.7 ODÉ/OTIM

Figura 16 – Orixá Odé/Otim



Fonte: BLOGSPOT (S.d.).

Orixás da fartura, da caça e que vivem na floresta, Odé (homem) e Otim (mulher) são inseparáveis.

Suas principais características são a rapidez, astúcia, sabedoria e o jeito ardiloso para faturar sua caça, regem também às lavouras, os plantios, permitindo boas colheitas é o provedor da nossa alimentação. É um orixá de contemplação, amante das artes e das coisas belas ligado

às artes, pintura, esculturas, música, nos passos das danças e está presente no canto dos pássaros e das cigarras. (ILÊ DE XANGÔ, 2018).

Quadro 12 – Elementos de Odé/Otim

Símbolo	Odé: coqueiro de ferro; arco e flecha; Otim: Cântaro
Cor	Azul marinho e branco; preto e branco
Colar	Azul marinho e branco; preto e branco
Saudação	Ô-quê
Números	07 ou 14

Fonte: elaborado pela autora (2018).

3.8 OSSANHA

Figura 17 – Orixá Ossanha



Fonte: PINIMG (S.d.).

Ossanha é o orixá das plantas medicinais e litúrgicas. É fundamental sua importância porque detém o reino e poder das plantas e folhas, matérias-primas do mioró, imprescindível nos rituais e obrigações de cabeça e assentamento de todos orixás. É Ossanha quem detém o segredo de todas as folhas, e assim a cura de todas as doenças. Também a ele pertencem os ossos, nervos e músculos. As pessoas com defeitos físicos nas pernas e pés, ou que não possuem uma das pernas, quase sempre estão ligadas de alguma forma a esse orixá, pois ele se apresenta sem uma das pernas, seja simbolicamente, sincreticamente, assim como em transe. Dança sempre com uma das pernas encolhidas como se não a possuísse. (AFROBRAS, 2017).

Quadro 13 – Elementos de Ossanha

Símbolo	Muleta e folha
Cor	Verde e amarelo
Colar	Verde e amarelo
Saudação	Êu-êu
Números	7 ou 14

Fonte: elaborado pela autora (2018).

3.9 XAPANÃ

Figura 18 – Orixá Xapanã

Fonte: TUMBLR (S.d.).

Xapanã, também conhecido como Omolu ou Obaluaiê é o orixá regente das pestes, das moléstias contagiosas, tanto como doença ou cura. É o rei das profundezas da terra. cobre o seu rosto com filá “palha da costa”, porque fica proibido de mostrar o seu rosto para os humanos, devido à deformação feita pela sua doença de pele, e pelo respeito que se deve ao orixá. Ele e Iansã são responsáveis pelos cemitérios, pois é o orixá que é o emissário de oxalá no princípio ativo da morte. (ILÊ DE XANGÔ, 2018).

Quadro 14 – Elementos de Xapanã

Símbolo	Vassoura e pilão
Cor	Preto combinado com vermelho, lilás, bordô, solferino, grená ou rosa
Colar	Preto combinado com vermelho, lilás, bordô, solferino, grená ou rosa
Saudação	Abáu
Números	07

Fonte: elaborado pela autora (2018).

3.10 OXUM

Figura 19 – Orixá Oxum



Fonte: BLOGSPOT (S.d.).

Oxum é protótipo da beleza e da meiguice, dona das cachoeiras, mãe das águas doces e dona do ouro, pois seu nome de origem ao rio ao que corre na região nigeriana de Ijexá e Ijebu, Oxum é a rainha no Ijexá. O templo de Oxum está localizado na cidade de Osogbo na Nigéria, responde pela prosperidade, da riqueza, pelo desenvolvimento da criança, ainda no ventre materno. Ela exerce grande influência na raça humana, principalmente no comportamento no lado teimoso, manhoso, na esperteza maquiavélica de cada um, ciumenta e chorosa. (ILÊ DE XANGÔ, 2018).

Oxum é o charme, pose, dengue, sutileza, cochicho, segredinho, comentários até intrigas. E tudo que está ligado à sensualidade. Esta é força que desenvolve tais sentimentos e comportamentos nos indivíduos, sendo o sexo feminino o mais influenciado. Ela é também o amor puro, real, maduro, sincero, calmo e romântico, aquele que dura a toda a vida, é a paz no coração, mas com certeza através de Oxum, não terá paixão. É a energia pura do amor. (ILÊ DE XANGÔ, 2018).

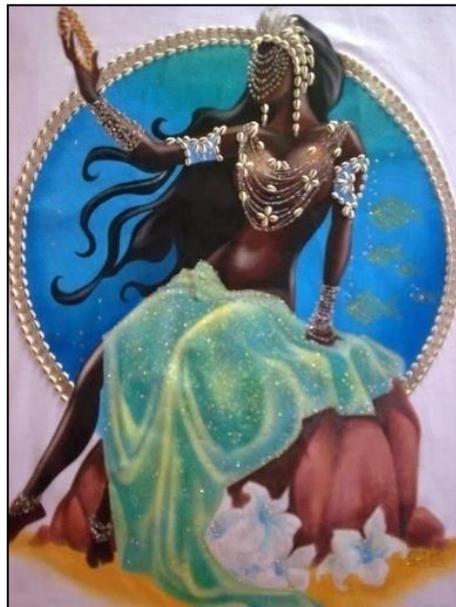
Os filhos de Oxum estão muito ligados as feitiçarias e bruxarias, por o orixá, ter uma ligação com Yámi Osorongá, Oxum e Bará (Exu) são responsáveis pela fecundação, pois fazem a multiplicação das células mãe, que vai gerar o bebê no útero materno. Como Oxum é a rainha das águas ela vai reger a gestação do bebe em bolsa de água na barriga da mãe, Sem dúvida, é um dos fenômenos da natureza mais fascinantes, pois é o início da formação da vida. Tomando conta até os nascimentos depois entregando para Iemanjá. É carinhosamente chamada de Mamãe por ser a padroeira da gestação e fecundidade. (ILÊ DE XANGÔ, 2018).

Quadro 15 – Elementos de Oxum

Símbolo	Leque, espelho, ouro e dinheiro, barco
Cor	Amarelo, amarelo e branco
Colar	Pandá: amarelo claro opaco; Ademum: amarelo escuro opaco; Docô: amarelo translúcido (vidro)
Saudação	Iê-iêu
Números	08, 16 e 32

Fonte: elaborado pela autora (2018).

3.11 IEMANJÁ

Figura 20 – Orixá Iemanjá

Fonte: BLOGSPOT (S.d.).

Como mencionado anteriormente no Brasil Iemanjá recebeu a atribuição de dona do mar, considerada a mãe dos orixás é, também, regente dos lares, protetora da família e dona dos pensamentos, raciocínio e inteligência. É considerada a Deusa das Pérolas, Iemanjá é quem apara a cabeça dos recém-nascidos. (ILÊ DE XANGÔ, 2018).

É a força da natureza, também tem um papel muito importante, pois é ela que vai cuidar dos lares e casas das pessoas. É Iemanjá que dará o sentido de “família” para a humanidade que vive debaixo de um mesmo teto. Ela gera personalidade das famílias, pai, mãe e filhos. É à base da formação de uma família. (ILÊ DE XANGÔ, 2018).

Dentro dos cultos, nos templos ou terreiros, Iemanjá atua organizando e dando sentido ao grupo, e comunidade religiosa ali reunida e transformando essa convivência num

ato familiar, fazendo criar raízes e dependências entre si, proporcionando o sentimento de irmandade entre pessoas que se conhecem há pouco tempo. Iemanjá é quem não deixa morrer dentro de nós o sentido de amor. (ILÊ DE XANGÔ, 2018).

Se Exu fecunda e Oxum cuida da gestação, é Iemanjá quem vai receber aquela nova vida no nascimento, pois é ela que vai amparar a cabeça do recém-nascido neste mundo e entregá-la ao seu regente, que inclusive pode ser até ela mesma. É natural que até os doze anos os orixás que cuidam dos rebentos são Xangô e Oxum. Ela é a protetora dos pescadores é quem proporciona boas pescarias, também rege os seres aquáticos e prove o alimento vindo de seu reino. (ILÊ DE XANGÔ, 2018).

Quadro 16 – Elementos de Iemanjá

Símbolo	Âncora, barco, peixe, remo
Cor	Azul, azul e branco
Colar	Moca: azul e branco opaco; velha: contas de vidro
Saudação	Omí-ô
Números	08, 16 e 32

Fonte: elaborado pela autora (2018).

3.12 OXALÁ

Figura 21 – Orixá Oxalá



Fonte: WP (2015).

Oxalá é o orixá da paz, união e fraternidade, entre os povos da terra e do cosmo. Coordenador e, muitas vezes, responsável pelos orixás é, também, considerado o fim pacífico da vida. É o orixá da compreensão e da amizade, entendimento e do fim dos mal-entendidos. Ele é o pai da brancura, por isso essa cor simboliza a paz, a transparência, embora na religião e nos cultos afro-brasileiros o branco tenha a ver também com a morte, pois é o orixá que também determina o fim da vida. É o momento de desligamento espiritual do material. (ILÊ DE XANGÔ, 2018).

Na religião começamos com Exu ou Bara, que representa o iniciou de tudo, a roda da vida, portanto se Oxalá termina ele é o orixá do que comanda do fim da vida. Devemos encarar a ocorrência da morte como um fator natural como os demais assuntos que fazem parte da natureza, tudo tem um início e um fim. Entendemos que a regência desta força é determinada pela energia que é chamada de Oxalá. Ele é o princípio do fim da vida. (ILÊ DE XANGÔ, 2018).

Oxalá é que tem a responsabilidade do equilíbrio das coisas, para se manter suavemente estabilizada em posição de espera ou definição, dependendo do caso, estabelecendo um acordo com a situação. Sendo uma organização terminal de maneira mais pacífica possível. (ILÊ DE XANGÔ, 2018).

Quadro 17 – Elementos de Oxalá

Símbolo	Bastão, velho, olho, pomba
Cor	Branca
Colar	branco
Saudação	Êpa-ô
Números	08, 16 e 32

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Esses são os doze orixás cultuados no Batuque, com seus arquétipos e simbologias. As descrições apresentadas são dos orixás em sua forma “genérica”, pois eles podem se desdobrar em vários, como é o caso do Bará, bem como, podem aparecer como jovens e velhos, cada pessoa tem o seu orixá que é único.

4 UMBANDA

“Umbanda é um vocábulo de língua umbundo falada pela tribo do mesmo nome” (KLOPPENBURG, 1961, p. 47). O mito fundador mais conhecido sobre o nascimento da Umbanda seria do médium Zélio de Moraes, o qual foi incorporado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas para anunciar a nova religião, fato que teria ocorrido em 15 de novembro de 1908, em São Gonçalo/RJ (OLIVEIRA, 2009). Neste momento, a Umbanda se tornaria uma nova religião, a qual também era chamada de baixo espiritismo já que muitas das características da Umbanda se assemelham ao espírito Kardecista. Entre os estudiosos, existem controvérsias sobre o seu surgimento. Segundo Brown:

Zélio de Moraes, que no relato da sua doença, da posterior cura e da revelação de sua missão especial, para fundar uma nova religião chamada Umbanda, fornece aquilo que considero um mito de origem da Umbanda. Não posso estar totalmente certa de que Zélio foi o fundador da Umbanda, ou mesmo que a Umbanda tenha tido um único fundador, muito embora o Centro de Zélio, e aqueles fundados por seus companheiros, tenham sido os primeiros que encontrei em todo o Brasil que se identificavam, conscientemente, como praticantes de Umbanda (...). Muitos integrantes deste grupo de fundadores eram, como Zélio, kardecistas insatisfeitos, que empreenderam visitas a diversos centros de “macumba” localizados nas favelas dos arredores do Rio de Janeiro e de Niterói (BROWN, 1985, p. 10-11).

Ainda, segundo o mito do Caboclo das Sete Encruzilhadas, deveriam ser criados sete templos para propagação da nova religião os responsáveis, também, foram indicados pela entidade,

Tenda Nossa Senhora da Guia, com Durval de Souza; Tenda Nossa Senhora da Conceição, com Leal de Souza; Tenda Santa Bárbara, com João Aguiar; Tenda São Pedro, com José Meireles; Tenda Oxalá, com Paulo Lavois; Tenda São Jorge, com João Severino Ramos; e Tenda São Jerônimo, com José Álvares Pessoa (OLIVEIRA, 2009, p. 65).

A Umbanda seria a religião mais brasileira entre as chamadas religiões afro-gaúchas, englobando elementos do catolicismo popular, do espírito kardecista e das religiosidades indígenas e africanas. O primeiro templo no estado do Rio Grande do Sul⁴⁵ teria sido fundado

⁴⁵ No Rio Grande do Sul, a Umbanda é regida pela Federação Afro Umbandista e Espiritualista do Rio Grande do Sul (FAUERS). É uma entidade sem fins lucrativos a qual orienta e auxilia na regularização de atividades, promove e auxilia projetos para a comunidade. (FAUERS, 2017). No âmbito nacional a Umbanda é regida pela Federação Brasileira de Umbanda (FBU). Essa entidade age na legalização dos templos assim como promove cursos de aperfeiçoamento dos sacerdotes. Essa entidade, ainda, determina o cumprimento do código ético litúrgico da Umbanda. (FBU, 2018).

em 1926, na cidade de Rio Grande, chamado de Templo Espírita de Umbanda Reino de São Jorge, pelo ferroviário Otacílio Charão. Em 1932 a Umbanda chega a Porto Alegre, sendo o primeiro centro criado pelo tenente da Marinha, Laudelino de Souza Gomes, chamada de Congregação Espírita dos Franciscanos de Umbanda (ORO, 2002; LEISTNER, 2014).

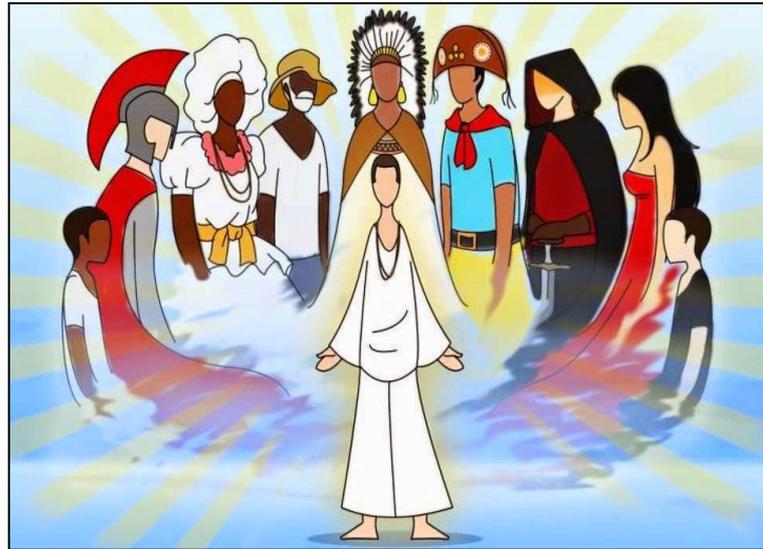
Conforme Silva, as entidades da Umbanda situam-se entre as concepções dos deuses africanos, os orixás, espíritos de muita luz e que são cultuados com características específicas e os espíritos dos mortos de influência kardecista (SILVA, 1994, p. 121). Devido à grande quantidade de entidades que são cultuadas na Umbanda a religião foi organizando-se em linhas, falanges ou legiões, todas guiadas por um orixá principal. Dessa forma, criaram-se as sete linhas⁴⁶, dentro de cada linha pode haver diversas divisões, porém, seguindo sempre a numerologia de sete. Entretanto, não existe um consenso entre os terreiros a respeito da composição das sete linhas. Abaixo citamos as mais encontradas, de acordo com site Estudo da Umbanda (2009):

- a) **1ª – Linha de Oxalá:** representa a fé, a religiosidade;
- b) **2ª – Linha de Iemanjá ou Linha do Povo D'água:** representa o Amor e a Geração. Também trabalham nesta Linha os orixás Oxum e Nanã. Falange que governa a maternidade;
- c) **3ª – Linha de Oxóssi (caboclos):** representa o Conhecimento, a Fatura e o Trabalho. Estimulam o raciocínio. Falange que trabalha com a cura através das ervas;
- d) **4ª – Linha de Xangô:** representa a Justiça. Falange que estimula a justiça e a razão;
- e) **5ª – Linha de Ogum:** representa a Lei. Trabalha com as demandas da fé as dificuldades da vida e mantém a ordem;
- f) **6ª – Crianças:** essas entidades, altamente evoluídas, externam pelos seus cavalos, maneiras e vozes infantis de modo sereno, às vezes um pouco vivas. Quando no plano de protetores, gostam de sentar no chão e comer coisas doces, mas sem desmandos. Seus pontos cantados são melodias alegres e algumas vezes tristes, falando muito em Papai e Mamãe de céu e em mantos sagrados;
- g) **7ª – Também chamada de Linha das Almas (Pretos velhos):** essa linha é composta dos primeiros espíritos que foram ordenados a combater o mal em todas as suas manifestações. São os Orixás Velhos, verdadeiros magos que velando suas

⁴⁶ Embora não haja um consenso entre as linhas as mais citadas são as que estão expostas acima, de acordo com vários autores (NEGRÃO, 1996; BROWN, 1985; ORTIZ, 1991).

formas cárnicas, revestem-se das roupagens de Pretos velhos ensinando e praticando as verdadeiras "mirongas". Eles são a doutrina, a filosofia, o mestrado da magia, em fundamentos e ensinamentos. Geralmente gostam de trabalhar e consultar sentados, fumando cachimbo, sempre numa ação de fixação e eliminação através de sua fumaça. (ESTUDO DA UMBANDA, 2009).

Figura 22 – Linhas da Umbanda



Fonte: PAI RAFAEL DE OXALÁ (2017).

Conforme Correa (2006), as principais características da Umbanda são:

- a) a predominância dos elementos africanos de cultura banto;
- b) o iniciado pode ser possuído por várias divindades alternadamente, sabe de sua possessão;
- c) as entidades espirituais podem ser os “espíritos obscuros”, ou os “guias”, os caboclos, pretos velhos e orixás, esse orixás pertencem a uma categoria chamada de “orixás da Umbanda” semelhantes aos do Candomblé baiano;
- d) a cor das vestes do ritual é o branco;
- e) cantos em português com inserção de algumas palavras africanas, de origem banto;
- f) inexistência do sacrifício de animais;
- g) a iniciação não implica em estabelecimento de vínculo indissociável;
- h) as sessões rituais iniciam-se por volta das 20:00–20:30 horas e raramente ultrapassam a meia noite;
- i) as divindades não têm “assentos”, objetos ritualmente consagrados, mas sim imagens industrializadas de gesso;

- j) não há cerimônia para os mortos;
- k) reúnem formalmente, no ritual, elementos culturais: africanos (banto e Jeje-Nagô, luso-brasileiros, inspiração indígena oriental, kardecista);
- l) denominação de “irmã” e “irmão” para os sacerdotes. A autoridade dos chefes é pouco rigorosa. Os chefes estão consideravelmente submetidos a fiscalização de federações do culto;
- m) bebidas alcoólicas e tabaco fazem parte do ritual;
- n) o salão é dividido em dois espaços limitados, um para os trabalhos e outro para os assistentes;
- o) colares rituais com geralmente três cores;
- p) possui corpo doutrinário estabelecido e expresso com ampla bibliografia onde buscam conhecimento (embasado no Kardecismo);
- q) promove uma ou mais sessões rituais por semana.

Outra importante característica da Umbanda é o fato de o médium incorporar mais de uma entidade e neste caso podendo incorporar uma entidade de cada falange.

A religião umbandista cultua entidades que tiveram experiência de vida na terra como é o caso dos “Pretos velhos” que são os espíritos de antigos escravos, cultua-se, também, o espírito dos índios na linha de “caboclos”. Além desses, cultua-se ainda os “Bejis”, os quais são espíritos das crianças, que no sincretismo com a religião católica seriam São Cosme e São Damião. Além desses cultuados as falanges africanas dos orixás e a “falange” dos povos do oriente mais conhecida como o “povo cigano” que foi transformado mais tarde na linha de Exu⁴⁷ (ORO, 2008).

De acordo com Oro (2008), a linha do povo cigano não constitui especificamente uma falange, mas é bastante respeitada conforme Brumana e Martinez (1991 apud MACEDO, 2014, p. 20). “Existem algumas linhas, como a linha do Oriente, a respeito da qual não há muita informação. Apesar de não pertencer às sete linhas, ela ocupa uma função simbólica tão significativa quanto elas, no universo umbandista. Não se sabe quando, iniciou a linha do oriente”.

A Umbanda gaúcha cultua, entre as suas divindades de linha africana, oito orixás, conforme demonstrado no Quadro 18.

⁴⁷ Os Exus serão abordados dentro da temática de Linha Cruzada.

Quadro 18 – Entidades da Umbanda do Rio Grande do Sul

Falange Africana	Entidades	Comidas	Sincretismo
Ogum	Beira mar, Das Matas, Da Rua, Tira-Teima, Rompe-mato, Tibiri	Churrasco e cerveja	São Jorge
Iansã	Mata e Cachoeira	Pipoca e frutas	Santa Bárbara
Xangô	Pedreira	Amalá e frutas	São Jerônimo
Oxóssi	Mata	Costela de porco	São Sebastião
Xapanã	Mata	Frutas	São Lázaro
Oxum	Cachoeira, Água Doce	Canjica amarela	Nossa Senhora
Iemanjá	Água	Canjica branca	Nossa Senhora dos Navegantes
Oxalá	Ar	Canjica branca	Jesus Cristo

Fonte: adaptado de ORO (2002, p. 378).

As falanges africanas cultuadas dentro da Umbanda seguem as características dos orixás do Batuque sempre respeitando suas peculiaridades. Já os Pretos velhos e caboclos cultuados no Rio Grande do Sul são entidades não sincretizadas com a religião católica, tendo nomes próprios e formas de atuação distintas.

Quadro 19 – Pretos velhos e caboclos mais cultuados no Rio Grande do Sul
(continua)

Pretos velhos	Caboclos
Pai Antônio	Pena verde
Pai Matias	Folha verde
Pai Cipriano	Iara
Pai Joaquim	Jupira
Pai João	Jurema
Pai Jacó	Arranca-toco
Pai Antônio do Congo	Sete flechas
Pai Moçambique	Rompe-mato
Pai Thomas	Ventania
Pai Miguel das almas	Jussara
Pai João de Angola	Pena branca
Pai Benedito	Ubirajara peito de aço
Mãe Maria	Tupi
Mãe Maria Conga	Tupã

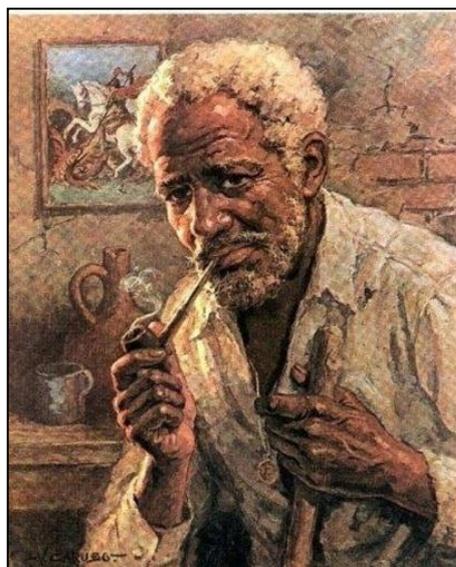
(conclusão)

Pretos velhos	Caboclos
Mãe Joaquina	Ubirajara
Mãe Benedita	Ubiratã
Tia Chica de Angola	Aimoré
Vovó Sebastiana	Guaraci
Vovó Benedita	Água branca
Vovó Catarina	Tamoio
Vovó Cabinda	Guarani
Vovó Luiza	Estrela do mar
	Sereia do mar
	Jandira
	Jacira
	Cabocla da praia
	Cabocla das sete ondas
	Estrela D'Alva
	Estrela Itayara

Fonte: adaptado de ORO (2002, p. 378-381).

4.1 PRETOS VELHOS

Figura 23 – Preto velho



Fonte: PINIMG (S.d.).

Dentro dos terreiros os Pretos velhos são muito queridos e homenageados em seu dia festivo, o dia 13 de maio. Não por coincidência esta é a data de em que foi assinada a Lei Áurea

e, também, foi decretada a abolição da escravatura no Brasil. Neste dia os terreiros se mobilizam e prestam as suas carinhosas homenagens aos chamados “Pretos velhos”, de acordo com Silva:

O Preto velho, quando incorporado nos médiuns, apresenta-se como o espírito de um negro escravo muito idoso que, por isso, anda todo curvado, com muita dificuldade, o que faz permanecer a maior parte do tempo sentado num banquinho fumando, pacientemente, seu cachimbo. Esse estereotipo representa a idealização do escravo brasileiro que, mesmo tendo sido submetido a mais tratos da escravidão, foi capaz de voltar à terra para ajudar a todos, inclusive aos brancos, dando exemplo de humildade e resignação. (SILVA, 1994, p. 121).

Dentro da religião umbandista a falange de Pretos velhos é muito respeitada, são guias espirituais de grande sabedoria, emanam muito amor e atenção a todos aqueles que recorrem aos seus serviços pedindo orientação espiritual. Sempre sentadinhos em seus banquinhos benzem os consulentes com ramos de arruda e defumam com seus cachimbos os filhos, receitam remédios e tratamentos caseiros para os males do corpo e da alma. São chamados de “mandingueiros”⁴⁸, pois manipulam com grande maestria o conhecimento das ervas e elementos da natureza.

Todos os Pretos velhos possuem nomes próprios, muitas vezes fazendo referência ao local de onde eram ou são, o que permite aos simpatizantes e praticantes da religião identificar a sua atuação (falange e especialidade), de acordo com identificação pessoal, por exemplo:

- a) **Congo (Pai Francisco do Congo)**: refere-se a Pretos velhos ativos na linha de Iansã;
- b) **Aruanda (Pai Francisco de Aruanda)**: refere-se a Pretos velhos ativos na linha de oxalá (Aruanda quer dizer céu);
- c) **D´Angola (Pai Francisco D´Angola)**: refere-se a Pretos velhos ativos na linha de Ogum;
- d) **Matas (Pai Francisco das Matas)**: refere-se a Pretos velhos ativos na linha de Oxóssi;
- e) **Calunga, Cemitério ou das Almas (Pai Francisco da Calunga, Pai Francisco do Cemitério ou Pai Francisco das Almas)**: refere-se a Pretos velhos ativos na linha de Omolu/Obaluaiê. (ESTUDO DA UMBANDA, 2009; UMBANDA DE DEUS, 2017; RAÍZES ESPIRITUAIS, 2017).

⁴⁸ Feiticeiro.

Essas entidades podem aparecer também com a identificação de tio, tia, vovó ou vovô, no entanto, todos pertencem à linha de pretos velhos. O Quadro 20 apresenta algumas características da linha de Preto velho. (ESTUDO DA UMBANDA, 2009; CENTRO PAI JOÃO DE ANGOLA, 2017).

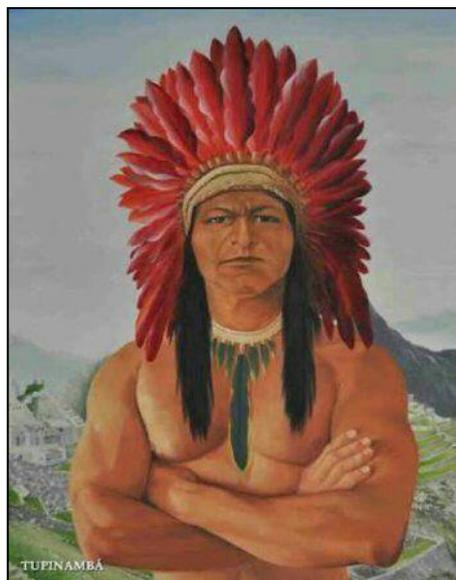
Quadro 20 – Elementos de Preto velho

Dia da semana	Segunda feira
Linha de trabalho	Evolução, transmutação e transformação.
Cor	Rosa, preto e branco.
Elementos de trabalho	Ervas (alecrim, arruda, guiné, manjerição, boldo, folha de fumo, louro, manjerona, sálvia, quebra demanda levante); Palha da costa cruces de madeira, pipocas, pomba branca, terços de lágrimas de Nossa Senhora; Fumo.
Pedra	Turmalinas negras, cristal, ônix branco ou preto e quartzo branco.
Comidas	Feijão mexido, couve refogada, farofa, pé-de-moleque, paçoca de amendoim, rapadura, cocada, bergamota, banana, coco, bolo de milho, merengue rosa. No Rio Grande do Sul pode ser oferecida paçoca de pinhão, pipoca.
Flores	Flores rosa e flores do campo.
Velas	Branca, branca e preta, roxo, lilás, violeta.

Fonte: elaborado pela autora (2018).

4.2 CABOCLOS

Figura 24 – Caboclo Tupinambá



Fonte: GOOGLE (S.d.).

A linha de caboclos⁴⁹ cultuadas na Umbanda é outra falange de importante destaque. Tem seu dia comemorado no dia 20 de janeiro, data do orixá Oxóssi, que é o patrono das matas. Muitas vezes confunde-se a entidade de caboclo com a do orixá, no entanto os caboclos pertencem à linha de Oxóssi, muito embora possam existir caboclos de “vários orixás”, como por exemplo: Caboclo Pena Branca: de Oxóssi e Oxalá; Caboclo Pena Dourada: de Oxóssi e Oxum; Cabocla do Mar: de Iemanjá; Caboclo Sete Montanhas: de Oxalá e Xangô. Conforme Silva.

Os caboclos são os espíritos “donos da terra” e representam os índios que aqui viviam antes da chegada dos brancos e negros. Quando baixam nos terreiros, vestem-se com cocar de pena, dançam com arco e flecha, fuma charutos e bebem vinho, geralmente falam um português antigo e quase incompreensível. Muitos deles são extremamente católicos e suas preces e louvações lembram os tempos coloniais de sua catequese. Por serem conhecedores da medicina local e dos segredos da mata, são famosos como curandeiros e feiticeiros. (SILVA, 1994, p. 87).

Os caboclos estão organizados em várias linhas, entre elas a dos guerreiros, caçadores, curandeiros, etc. Assim como os Pretos velhos, os caboclos trabalham para o desenvolvimento espiritual, são espíritos de muita luz, possuem grande conhecimento nas ervas e, também, manipulam seus ativos sabiamente utilizando os elementos da natureza para resolução de problemas de saúde. Além das ervas, eles utilizam pembas⁵⁰, velas, essências, flores, pedras, frutas, vinho, sumo de ervas, raízes, cipós e sementes para realização de seus trabalhos. Nos terreiros de Umbanda caboclos são, muitas vezes, requeridos para auxiliar no desenvolvimento mediúnico dos médiuns. (UMBANDA DE CARIDADE, 2017).

Usam charutos e fumos à base de ervas para defumar o ambiente e as pessoas presentes, recolhendo e neutralizando as cargas densas que os envolvam. (o que é muito comum em qualquer sessão de Umbanda a chamada defumação⁵¹, no entanto, neste caso cada linha pode fazer à sua maneira). As sessões de caboclos são sempre muito alegres, cantam e dançam

⁴⁹ A descrição dos caboclos foi pesquisada em páginas virtuais. (UMBANDA ESOTÉRICA, 2017; RAÍZES ESPIRITUAIS, 2017; UMBANDA DE DEUS, 2017; CENTRO PAI JOÃO DE ANGOLA, 2017).

⁵⁰ É uma espécie de giz, utilizado para riscar o “ponto” (ponto significa, em palavras mais simples, a assinatura da entidade). É utilizada nos terreiros antes do início das sessões ou quando alguma entidade solicita. Pemba é, também, o nome de uma Ilha que faz parte do arquipélago de Zamzibar ao largo da Costa da Tanzânia no Oceano Índico

⁵¹ A defumação faz parte do ritual. Normalmente ocorre no início das sessões e, também, quando necessária em algum ritual. No cinzeiro, onde está o carvão em forma de brasa, também são colocadas algumas ervas para ajudar na purificação dos médiuns, aquela fumaça é “passada” em todo o corpo, inclusiva na palma das mãos e sola dos pés para “limpar”.

remetendo as festas tribais, quando incorporados em seus filhos possuem algumas características perceptíveis e distintas como o estalar dos dedos, bater no peito e dar bravos, assim como esticar os braços em direção ao altar em sinal de respeito aos deuses. (UMBANDA DE CARIDADE, 2017).

O ato de estalar os dedos age de forma a reequilibrar a rotação dos chakras⁵² do corpo e descarregar as energias negativas, a mão esquerda absorve as negatividades do consulente e da direita passa boas energias. Bater no peito ativa o chakra cardíaco do médium e equilibra suas emoções, possibilitando uma sintonia mais apurada com o medianeiro para a efetivação de um bom trabalho espiritual. O gesto de estender os braços (ou um braço) para o altar simboliza que o caboclo está lançando uma “flecha energética” que ativa os poderes e forças assentados e firmados no terreiro, conforme a necessidade do trabalho espiritual a realizar. Assim, todos os atos de um caboclo possuem um sentido agindo como uma espécie de mantra que acalma e ajuda a equilibrar as energias. (UMBANDA DE CARIDADE, 2017).

Quase sempre os caboclos vêm na mesma linha do orixá masculino da coroa do médium valendo a mesma regra para as caboclas, porém, eles(as) podem vir, também, na frequência do seu próprio orixá de quando encarnados e até mesmo na frequência do povo do Oriente (diferenças com o Batuque, onde o médium por ser ocupado apenas pelo orixá dono de sua cabeça). (CENTRO PAI JOÃO DE ANGOLA, 2017).

Outra possível organização dos caboclos é de acordo com a sua especialidade de cura, reza, guerra e a personalidade que tem relação com o orixá chefe. Conforme já citado anteriormente, podem haver caboclos em várias linhas de orixás, abaixo citamos alguns⁵³:

- a) **Caboclos de Oxum:** geralmente são suaves e costumam rodar. Trabalham mais para ajudar na cura de doenças psíquicas, como: depressão, desânimo entre outras. Dão bastante passe, tanto de dispersão quanto de energização. Aconselham muito, tendem a dar consultas que façam pensar. Seus passes quase sempre são de alívio emocional;
- b) **Caboclos de Ogum:** sua incorporação é mais rápida e mais compactada ao chão, não rodam. Consultas diretas, geralmente gostam de trabalhos de ajuda

⁵² Chakras do sânscrito: são os centros de força situados no corpo energético e que têm como função principal a absorção de energia-prana, chi-do meio ambiente para o interior do campo energético e do corpo físico. Além disso, servem de ponte energética entre o corpo espiritual e o corpo físico. Os principais chakras são sete – que estão conectados com as sete glândulas que compõem o sistema endócrino: coronário, frontal, laríngeo, cardíaco, umbilical, sexual e básico. (BORGES, 2015).

⁵³ Centro Pai João de Angola (2017).

profissional. Seus passes são na maioria das vezes para doar força física, para dar ânimo;

- c) **Caboclos de Iemanjá:** incorporam de forma suave, porém mais rápidos do que os de Oxum, rodam muito, chegando a deixar o médium tonto. Trabalham geralmente para desmanchar trabalhos, com passes, limpeza espiritual, conduzindo essa energia para o mar;
- d) **Caboclos de Xangô:** são guias de incorporações rápidas e contidas, geralmente arriando o médium no chão. Trabalham para emprego, causas na justiça, imóveis e realização profissional. Dão, também, muitos passes de dispersão. São diretos para falar;
- e) **Caboclos de Nanã:** assim como os Pretos velhos, também são mais raros, porém, geralmente, trabalham aconselhando, mostrando o karma e como ter resignação. Dão passes onde levam eguns que estão próximos. Sua incorporação igualmente é contida e pouco dançam;
- f) **Caboclos de Iansã:** são rápidos e deslocam muito o médium. São diretos para falar e rápidos também, muitas das vezes pegam a pessoa de surpresa. Geralmente trabalham para empregos e assuntos de prosperidade, pois Iansã tem grande ligação com Xangô. No entanto sua maior função é o passe de dispersão (descarrego). Podem ainda trabalhar para várias finalidades, dependendo da necessidade;
- g) **Caboclos de Oxalá:** quase não trabalham dando consultas, geralmente dão passe de energização. São "compactados" para incorporar e se mantém localizado em um ponto do terreiro sem deslocar-se muito. Sua principal função é dirigir e instruir os demais Caboclos;
- h) **Caboclos de Oxóssi:** são os que mais se locomovem, são rápidos e dançam muito. Trabalham com banhos e defumadores, não possuem trabalhos definidos, podem trabalhar para diversas finalidades. Esses caboclos geralmente são chefes de linha;
- i) **Caboclos de Obaluaiê:** são espíritos dos antigos "pajés" das tribos indígenas. Raramente trabalham incorporados, e quando o fazem, escolhem médiuns que tenham Obaluaiê como primeiro orixá. Sua incorporação parece um Preto velho, em algumas casas locomovem-se apoiados em cajados. Movimentam-se pouco. Fazem trabalhos de magia, para vários fins. O Quadro 21 traz algumas especificidades dos Caboclos. (CENTRO PAI JOÃO DE ANGOLA, 2017).

Quadro 21 – Elementos de Caboclo

Dia de semana	Quinta-feira, também dia do orixá Oxóssi.
Linha de trabalho	Conhecimento, comunicação, expansão do ser pelo aprendizado; prosperidade em todos os setores; fartura; cura espiritual e material.
Oferendas	É a mata, onde recebem oferendas.
Cor	Sua cor preferencial é o verde. Na confecção das guias ou colares, alguns Terreiros usam contas de cor verde transparente para as Caboclas e verde leitoso para os Caboclos. Outros utilizam contas brancas e verdes, bem como, sementes.
Pedra	Quartzo verde; as Pedras verdes em geral (Amazonita, Crisopázio, Jade, Esmeralda, Turmalina Verde, relacionadas ao orixá Oxóssi).
Flores	Todas, principalmente flores do campo; samambaia.
Velas	Verdes; ou bicolors branca/verde.
Saudação	Okê, Caboclo!

Fonte: elaborado pela autora (2018).

4.3 IBEJIS

Figura 25 – Bejis

Fonte: IQUILÍBRIO (2017).

Os Bejis são os orixás crianças e todas as homenagens são oferecidas a eles no dia 27 de setembro. São crianças gêmeas, sincretizadas com são Cosme e são Damião, protetores das crianças e adolescências, ou seja, até os doze anos de idade. Relacionados a tudo que “brota” que se “inicia” tudo que é novo, que nasce. Os Bejis ajudam a quem os recorre sem pedir nada em troca, no entanto, se lhes for prometido algo é necessário cumprir, pois não se pode enganar um beji sob pena de perder o gosto pela vida. (UMBANDA FILHOS DE FÉ, 2007; UMBANDA DE CARIDADE, 2011).

A Gira das “Crianças” é considerada pelos Umbandistas um momento de grande alegria, onde as vibrações de esperança e descontração reafirmam a certeza de que a vida há de ser sempre bela e alegre. É importante saber que o orixá beji não “incorpora” na Umbanda, pois são representados pelas “crianças” que se manifestam nos médiuns e gostam de ganhar doces, brinquedos, frutas, etc. (UMBANDA DE CARIDADE, 2017).

A Falange das Crianças é uma das poucas falanges que consegue dominar a magia. Embora as crianças brinquem, dançam e cantem, exigem respeito para o seu trabalho, pois atrás dessa vibração infantil, se escondem espíritos de extraordinários conhecimentos. (UMBANDA DE CARIDADE, 2017).

Quadro 22 – Elementos de Bejis

Dia	27 de setembro
Cores	Azul e rosa
Comidas	Doces, suco de frutas e refrigerante
Domínios	Parques e jardins
Atuação	Proteção das crianças, doenças e feitiços
Saudação	Oni-beijada
Elemento	Terra

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Assim temos uma grande quantidade de entidades que vem para dar ajuda aos que recorrem aos seus trabalhos,

O sistema umbandista é aberto, ou seja, linhas e classes surgem, unem ou subdividem a religião conforme a necessidade de espelhar as cicatrizes desprezadas e esquecidas no cenário social e político do país. Um processo de ‘recriação’ provavelmente interminável, no qual a aparente finalidade é atender as necessidades dos espíritos em consonância com algumas demandas dos fiéis que compreenda as lacunas da humanidade. atenta ao sofrimento alheio, a Umbanda tenta reparar danos históricos subjetivos e sociais. (MACEDO, 2014, p. 20).

A Umbanda acolhe todos que a procuram na tentativa de minimizar as dores espirituais e ajudar seus consulentes a encontrar o seu caminho,

A própria ideia de religião implica essa noção de trabalho mágico, pois sem a atuação direta dos espíritos na vida dos devotos a religião não se completa, mas todas as entidades só trabalham para o bem. Qualquer demanda, qualquer solução de dificuldades, qualquer procura de realização de anseios e fantasias, é tudo filtrado pelo código do bem. Se a ação benéfica da interferência das entidades espirituais for capaz de produzir prejuízos a terceiros, ela não pode

ser posta em movimento. O bem só pode levar ao bem e nada justifica a produção do mal. O mal deve ser combatido e evitado, mesmo quando possa trazer para uma das partes envolvidas numa relação alguma de sorte de vantagem. (PRANDI, 2005, p. 79).

Dessa forma, a Umbanda é uma religião nascida no Brasil, que busca diminuir as diferenças sociais que a sociedade cria, é uma religião que acolhe todas as pessoas independente de sua cor ou posição social. Tem seu foco voltado para ajudar o próximo.

5 LINHA CRUZADA

Das correntes afro-gaúchas, a Linha Cruzada ou Quimbanda (ORO, 2002) foi a última aparecer, desenvolveu-se no estado em “fins da década de 1950 e início da década de 1960, época em que começa a aparecer um grande número de sacerdotes identificados com os terreiros cruzados” (LEISTNER 2014, p. 139). Hoje a Linha Cruzada é mencionada como a corrente mais expressiva no Rio Grande do Sul, estima-se que cerca de 80% das casas de religião sejam de Linha Cruzada (ORO, 2002; ORO, 2008; CORREA, 2006) esse aumento expressivo, se dá em virtude de causas sócio econômicas, ou seja, as obrigações e os aprontes são mais acessíveis com menos exigências além de ocorrerem em menor tempo do que no Batuque e na Umbanda (CORREA, 2006). Conforme Leistner,

A Linha Cruzada surge de uma aproximação entre o Batuque e a Umbanda motivada pelas trajetórias de determinados agentes religiosos que, após a iniciação em uma dessas vertentes, aderiram à segunda passando a arregimentar em seus templos ambas as práticas. Na maioria dos templos *cruzados* surgidos no estado é detectável uma nítida separação das atividades práticas de cada denominação (LEISTNER, 2014, p. 133).

A maior característica da Linha Cruzada é cultuar em seus templos o Batuque e a Umbanda, no entanto, de acordo com Leistner (2014), as práticas ocorrem de forma isolada, separadas, ou seja, quando a sessão é de Batuque não se pratica ritual de Umbanda e vice-versa. “O Batuque cultua apenas orixás e a Umbanda caboclos e Pretos velhos. A Linha Cruzada reúne-os no mesmo templo, cultuando além deles, também os exus e suas mulheres míticas, as Pombagiras” (CORREA, 1998, p. 48), entretanto o culto aos Exus não acontece em sessão de Batuque o que na sessão de Umbanda pode ocorrer, porém não tem a mesma “prioridade” como as entidades específicas da corrente.

O culto com destaque as entidades cultuadas na Linha Cruzada (Exus e Pombagiras) ocorre nos terreiros de Quimbanda que surge,

Somente após a inserção na Linha Cruzada, via sua presença tímida na Umbanda, que o culto àquelas divindades sofrerá profundas alterações. São essas mudanças que irão engendrar uma nova forma religiosa, que a partir de então será auto referenciada como Quimbanda, com ritos e sistema de crenças próprios, bem como, com uma visão de mundo e um ethos particulares. Esse processo será favorecido, inicialmente, pelas próprias características de composição da Linha Cruzada. Uma vez que esse arranjo de vertentes se distinguiu por um apartamento simbólico preciso das denominações agregadas (Batuque e Umbanda), é justamente a partir de uma espécie de espaço neutro compreendido entre essas duas vertentes que se desenvolverá um novo sistema religioso. Nessa perspectiva, o que está sendo chamado neste trabalho de Quimbanda (gaúcha) surgirá como uma ressignificação da

presença tímida ou dissimulada dos Exus e Pombagiras na Umbanda, a partir de uma relativa continuidade estabelecida com elementos simbólicos umbandistas e da agregação de novos signos fornecidos e influenciados pelo Batuque. A Quimbanda, que se desenvolverá a partir de então. (LEISTNER, 2014, p. 141-142).

Assim, as entidades cultuadas na Quimbanda “são os exus e suas mulheres míticas, as Pombagiras” (ORO, 2008). As sessões de Quimbanda eram “realizadas nas avançadas horas da noite, em sessões fechadas do terreiro de Umbanda” (PRANDI, 2005, p. 85). Conforme Prandi, a Quimbanda também pode ser entendida como uma linha da Umbanda, a qual, devido a sua expressividade, ganhou uma denominação própria, a Linha Cruzada, com um culto próprio aos Exus e Giras, onde podem trabalhar com todo o seu esplendor e, assim como na Umbanda, realizar trabalhos de caridade (PRANDI, 2005). Assim como na Umbanda,

Na Quimbanda gaúcha as referências aos “reinos” ou “linhas” variam, não apenas entre um terreiro e outro, mas, na opinião dos próprios médiuns, de um mesmo templo. O que se demonstra como recorrente é que cada reino se relaciona com os domínios espaciais dos Exus, sendo referidos na soma de sete. Alguns falam em reino das almas, da calunga, do cruzeiro, da encruzilhada, da praia, da mata e dos ciganos. Outros podem sugerir alternâncias, retirando alguns reinos citados e inserindo novas linhagens ou povos, como povo do morro, do cabaré, da estrada, da praça e do inferno. Seja qual for a quantidade ou nome dos reinos mencionados, o fato é que cada uma das identidades genéricas dos Exus pode estar subdividida de acordo com cada um desses múltiplos reinos. (LEISTNER, 2014, p. 218).

Na cultura praticada no Rio Grande do Sul, e neste trabalho, vamos restringir a análise aos Exus e Pombagiras⁵⁴, cultuados na Linha Cruzada gaúcha, conforme o Quadro 23.

Quadro 23 – Exus celebrados na Linha Cruzada gaúcha

(continua)

	Exus	Pombagiras
Cruzeiro	Tíri	Da Estrada
	Marabô	Das Almas
	Sete Cruzeiros	Rainha das Sete Encruzilhadas
	Destranca Ruas	Das Sete Saias
	Rei das Sete Encruzilhadas	Maria Padilha
	Tranca Ruas	Cigana do Acampamento
	Da Porteira	Menina

⁵⁴ Fonte: Menez (2012), Rei do Vudu (2017) e Diego de Oxossi (2017).

(conclusão)

	Exus	Pombagiras
	Zé Pelintra, Pantera Negra	Do Oriente, Rosa Vermelha
	Da Capa Preta, Quebra Galho, Ventania, Sete Pedras, Sete Chaves, Sete Portas, Tranca Tudo	
Cemitério	Exu Pagão	Das Almas
	Exu do Cemitério	Do Forno
	Pinga Fogo	Maria Quitéria
	Caveira	Maria Mulambo
	Tata Caveira	
	Da Meia-noite	
	Exu Lanan	
	Quilombo	
Praia	Do Lodo, Maré	Da Praia, Cigana da Praia
Mata	Pantera Negra	Tucuará

Fonte: adaptado de ORO (2002, p. 381-384).

As entidades específicas da Linha Cruzada – Quimbanda, citadas neste trabalho, são divididas em cruzeiro, cemitério, praia e mata, baseadas na pesquisa e bibliografia do professor Ari Pedro Oro (ORO, 2002; ORO, 2008). Tais entidades compreendem os desejos humanos por já terem usufruído da vida terrena, assim, é comum verificar nos despachos em encruzilhadas, bebidas e cigarros, os quais normalmente são oferecidos, além claro, de animais. As entidades relativas ao cruzeiro simbolizam a vida, a festa, a alegria, contrário obviamente ao do cemitério, onde estão às entidades responsáveis pelas almas dos desencarnados. Outro ponto importante a ser citado são os tipos de encruza, as que tem formato “X” são dos Exus e as que tem formato “T” das Pombagiras.

O surgimento da Linha Cruzada trouxe consigo algumas polêmicas⁵⁵ entre os “mais velhos” já que algumas práticas que seriam “fundamento” estariam se perdendo. Para alguns

⁵⁵ Um livro publicado em 2009 por Alves (2009, p. 10-63 apud ORO, 2012, p. 560-561), intitulado “Adeus aos orixás”, faz eco e explicita de forma cristalina as críticas mais contundentes que são repetidas no meio afro-religioso rio-grandense contra o forte avanço da Quimbanda e do culto aos Exus e Pombagiras. De fato, o escritor afro-religioso Lindomar Alves expressa nesse livro o seu desabafo, revolta e denúncia contra o que considera o menosprezo e a marginalização do Batuque e da Umbanda em favor da Quimbanda. Afirma esse autor que respeita “os Exus, as Pombagiras,

estudiosos, a Linha Cruzada seria a incorporação de elementos do Batuque e da Umbanda, tornando assim mais poderosa e resistente sua fé. No entanto, a Linha Cruzada também é considerada o lado obscuro da Umbanda, cultuando apenas Exus e Pombagiras.

O pré-conceito de ser o lado obscuro da Umbanda se dá pela mentalidade egoísta do ser humano o qual visto em uma situação de desespero deseja o mal de outrem, no entanto, a entidade de luz a qual está sendo solicitada não irá trabalhar em tal demanda. Entretanto, não se pode negar a existência de casas e entidades que trabalhem em prol do que lhes for pedido, trocando seus serviços por migalhas e deixando toda a responsabilidade de seus atos para aqueles que lhe pediram “o mal quando acontece, é sempre interpretado como consequência perversa da prática do bem”. (PRANDI, 2005, p. 85).

caboclos, pretos velhos, orixás e todo o plano espiritual. Só não aceito tanta safadeza e imoralidade em nome dos Exus” (ALVES, 2009, p. 52). Mais enfaticamente, sustenta que os que levam avante a Quimbanda são “aproveitadores, mentirosos e aventureiros” e que em seus rituais predominam “alcoolismo, prostituição e vícios os mais diversos” (ALVES, 2009, p. 10); “belos visuais, muita festa com bebidas e profanação, quando não até imoral” (ALVES, 2009, p. 33). Lamenta que “hoje impera a mentira e a mistificação” (ALVES, 2009, p. 39). Resta, segundo ele, “a ira dos orixás, nesta revolta dos deuses com tantas patifarias que chamam de religião” (ALVES, 2009, p. 40). Além disso, invoca as autoridades para assumirem uma atitude, estarem de alerta, fazerem a sua parte, diante da “vigarice e safadeza que extrapolou demais: alcoolismo, prostituição e drogas não tem nada a ver com religião” (ALVES, 2009, p. 41). Toda esta deturpação, segundo ele, conduziu a um só resultado: “a revolta, a ira dos orixás, os santos estão fugindo dos Ilês [...] os santos as abandonaram e se continuar assim podem dar “Adeus aos Orixás” (ALVES, 2009, p. 61). E arremata: “não enlouqueci não; a verdade tem que ser dita [...]. A continuar assim podemos dar ‘adeus aos orixás’ e será o fim do Batuque, aliás, está aí o fim” (ALVES, 2009, p. 63). “Lindomar Alves é jornalista e radialista, primeiro escritor a publicar livros sobre cultos afros no Rio Grande do Sul. É autor de 59 livros e fundador da primeira federação de Babalorixás e Yalorixás do Rio Grande do Sul, a Afro-Bras, em 1973” (ORO, 2012, p. 560).

5.1 EXUS

Figura 26 – Exu



Fonte: PINIMG (S.d.).

A figura de Exu poderíamos dizer que passa a ser quase que “folclórica” usada em muitos momentos, é conhecido de norte a sul do Brasil. Com a diáspora africana para as Américas, a figura do Exu assumiu diversas facetas, mas a mais perturbadora e, diga-se de passagem, mais injusta, seria a sincretização com o demônio, por manipular forças das trevas. Entretanto, isso não significa que são entidades malignas, apenas que sabem como proteger seus filhos do mal. Exu, também, é aquele que se saúda primeiro, o que come primeiro, é o dono e senhor das encruzilhadas.

Exu ganha o poder sobre as encruzilhadas
 Exu não tinha riqueza, não tinha fazenda, não tinha rio, não tinha profissão,
 nem artes, nem missão.
 Exu vagabundeava pelo mundo sem paradeiro.
 Então um dia, Exu passou a ir à casa de Oxalá.
 Ia à casa de Oxalá todos os dias.
 Na casa de Oxalá, Exu se distraía, vendo o velho fabricando os seres humanos.
 Muitos e muitos também vinham visitar Oxalá, mas ali ficavam pouco, quatro
 dias, oito dias, e nada aprendiam.
 Traziam oferendas, viam o velho orixá, apreciavam a sua obra e partiam.
 Exu ficou na casa de Oxalá dezesseis anos.
 Exu prestava muita atenção na modelagem e aprendeu como Oxalá fabricava
 as mãos, os pés, a boca, os olhos, o pênis dos homens, as mãos, os pés, a boca,
 os olhos, a vagina das mulheres.
 Durante dezesseis anos ali ficou ajudando o velho orixá.
 Exu não perguntava.
 Exu observava.
 Exu prestava atenção.
 Exu aprendeu tudo.

Um dia Oxalá disse a Exu para ir postar-se na encruzilhada por onde passavam os que vinham à sua casa.
 Para ficar ali e não deixar passar quem não trouxesse uma oferenda a Oxalá. Cada vez mais havia e mais humanos para oxalá fazer.
 Oxalá não queria perder tempo recolhendo os presentes que todos ofereciam. Oxalá nem tinha tempo para as visitas.
 Exu tinha aprendido tudo e agora podia ajudar Oxalá.
 Exu coletava os *ebós* para Oxalá.
 Exu recebia as oferendas e as entregava a Oxalá.
 Exu fazia bem o seu trabalho e oxalá decidiu recompensá-lo.
 Assim, quem viesse à Casa de Oxalá teria que pagar também alguma coisa a Exu.
 Quem estivesse voltando da casa de oxalá também teria que pagar alguma coisa a Exu.
 Exu mantinha-se sempre a postos guardando a casa de Oxalá.
 Armado de um ogó, poderoso porrete, afastava os indesejáveis e punia quem tentasse burlar sua vigilância.
 Exu trabalhava demais e fez ali a sua casa, ali na encruzilhada.
 Ganhou uma rendosa profissão, ganhou seu lugar, sua casa.
 Exu ficou rico e poderoso.
 Ninguém pode mais passar pela encruzilhada sem pagar alguma coisa a Exu. (PRANDI, 2001, p. 40-41).

Exu, na sua essência africana, seria o orixá mensageiro, aquele que faz a ligação entre o plano dos homens e dos deuses, é também o orixá que negocia. Muitas das expressões religiosas que o cultuam tem variação de acordo com a região, local e cerimônia praticada. Por exemplo, na Umbanda ele é cultuado, mas não com o mesmo destaque que na Quimbanda onde tem o seu culto, e assume seu papel e posição de maneira forte.

Nas palavras de Pierre Verger:

Exu tem um caráter suscetível, violento, irascível, astucioso, grosseiro, vaidoso, indecente, de modo que os primeiros missionários, espantados com tal conjunto, assimilaram-no ao Diabo e fizeram dele o símbolo de tudo o que é maldade, perversidade, abjeção e ódio, em oposição a bondade, pureza, elevação e amor a Deus. (VERGER, 1999, p. 119 apud PRANDI, 2005, p. 68).

A figura do Exu é caracterizada pela sua força, pela masculinidade e conhecimentos míticos. Considerado como o mensageiro e, também, aquele que protege, normalmente efetua as limpezas espirituais (poderíamos de uma forma ilustrativa dizer que o orixá Bará seja o chefe dos Exus), sendo, também, aquele que trabalha rápido. No entanto, ainda existe muito desconhecimento a respeito de sua figura e como já mencionado, fora sincretizada com a figura demoníaca do diabo.

Quando incorporado no transe ritual, Exu veste-se com capa preta e vermelha e leva na mão o tridente medieval do capeta, distorce mãos e pés imitando os

cascos do diabo em forma de bode, dá gargalhadas soturnas que se imagina próprias do senhor das trevas, bebe, fuma e fala palavrões, Nada ver com o traquinas, trapaceiro e brincalhão mensageiro dos deuses iorubás. (PRANDI, 2005, p. 82-83).

Segundo Prandi (2005), os primeiros estudiosos que tiveram contato com a figura de Exu, ainda na África, atribuíram a esta divindade duas identidades opostas, uma associada ao deus fálico Greco-romano Príapo, devido aos altares, símbolos e representações materiais, a outra está ligada ao diabo dos judeus cristãos devido as qualidades morais narradas pela mitologia a qual o mostra como um orixá que contraria as regras. Os viajantes que estiveram no território Ioruba entre os séculos XVIII e XIX, normalmente cristãos e quando não cristão descreveram Exu a partir da visão ocidental enfatizando aspectos sexuais e demoníacos. Ainda conforme Prandi (2005), “nunca mais Exu se livraria de imputação dessa dupla pecha, condenado a ser o orixá mais incompreendido e caluniado do panteão afro-brasileiro”, como bem lembrado por Bastide (1978, p. 175 apud PRANDI, 2005, p. 72) “que, na década de 1950, se referiu a Exu como essa ‘divindade caluniada’”.

Quadro 24 – Elementos de Exu

	Cor	Comida	Bebida	Animal
Cruzeiro	Vermelho e preto; preto.	Milho torrado, sete batatas, farofa de farinha de mandioca torrada com dendê.	Cachaça, licores.	Galos vermelhos ou pretos, pomba, bodes escuros.
Cemitério	Vermelho e preto; preto.			
Praia	Preto; vermelho e preto.			
Mata	Preto			

Fonte: adaptado de ORO (2002, p. 381-384).

Após séculos, alguns estudiosos ainda buscam a recuperação das características africanas de Exu, de acordo com Prandi (2005). Juana Elbein dos Santos, praticamente a primeira pesquisadora brasileira a se deter ao resgate das características originais de Exu, já que elas foram “amplamente encobertas pelas características que lhes foram impostas pelas reinterpretções católicas na formação do modelo sincrético que gabaritou a religião dos orixás no Brasil” (SANTOS, 1976, p. 130 apud PRANDI, 2005, p. 72).

Dessa forma,

Exu vai perdendo, dentro do mundo afro-brasileiro, a condição de diabo que a visão maniqueísta do catolicismo a respeito do bem e do mal a ele impingiu, uma vez que foi exatamente a cristianização dos orixás que transformou oxalá

em Jesus Cristo, iemanjá em nossa senhora, outros orixás em santos, e exu no diabo. (PRANDI, 2005, p. 99).

Entretanto, não se pode negar a associação do Exu da Linha Cruzada com antepassados marginais (bandidos, malandros, foras da lei), segundo explica Leistner:

Ao contrário da Pombagira, divindade mais restrita ao universo da Quimbanda, deve-se considerar a presença de Exu em outros sistemas religiosos afro-brasileiros, especialmente os de cunho mais africanizado, conforme será retomado adiante. Nesses casos, trata-se de sua versão africana, inserida junto aos outros orixás dos panteões de origem Jeje-Nagô, com os quais Exu compõe uma totalidade cosmológica. Ao contrário do Exu quimbandeiro, espírito associado aos antepassados marginais, o Exu orixá designa uma divindade mítica relacionada à mediação entre os universos sagrado e profano. (LEISTNER, 2014, p. 15).

Enfim, arriscamo-nos a dizer que a figura de Exu vai adaptar-se de acordo com a casa em que estiver sendo cultuado, com o médium e o Pai ou Mãe de santo que estará “formando” a entidade.

5.2 POMBAGIRAS

Figura 27 – Pombagira



Fonte: CULTURA MIX (2017).

Ao falarmos das Pombagiras adentramos também no imaginário da cultura popular, onde se deixa de estar somente no âmbito religioso, “podendo ser percebido nas telenovelas, no cancionero popular e nas conversas cotidianas efetuadas entre indivíduos pertencentes aos mais diversificados estratos sociais” (LEISTNER, 2014, p. 14). Para iniciarmos a “apresentação” de tais entidades selecionamos o relato de um pesquisador já citado aqui, Leistner.

‘Bem-vindo à casa de Maria Padilha, seu moço’. Essa era uma frase de recepção, as boas-vindas que recebi ao chegar a uma sessão de Quimbanda – vertente das religiões afro-brasileiras na qual se cultuam categorias de entidades espirituais específicas, Exus e Pombagiras – em uma de minhas primeiras incursões etnográficas realizadas nos terreiros afro-religiosos do Rio Grande do Sul. O enunciado receptivo era entoado por uma voz estridente, com tom de embriaguez, vinda de um mulato alto, de cabelos compridos e longas unhas vermelhas, envolvido num vestido negro de um cetim qualquer. Em seu rosto, parcialmente encoberto pelo véu acoplado ao chapéu suntuoso, revelava-se um malicioso sorriso. Tratava-se de um médium, veículo corporal de um espírito cuja identidade correspondia à divindade líder das práticas quimbandeiras executadas naquele terreiro: Pombagira Maria Padilha das Almas, minha anfitriã. Ao oferecer-me um drinque, o champanhe servido numa sofisticada taça de cristal reiterava o convite para que eu adentrasse o templo e participasse da festividade religiosa: ‘bebe comigo, que hoje é dia de festa no cabaré!’ (LEISTNER, 2014, p. 8).

Em seu trabalho, Leistner (2014) explica o motivo da festividade o qual se tratava do “banquete ritual”, ritual onde são imolados animais a Exus e Pombagiras são ritualmente alimentados, estabelecendo e fortalecendo os laços místicos entre entidade e médium. Neste relato podemos perceber inúmeras características das giras e sua apreciação por champanhe. Abaixo, no Quadro 25, apresentamos os elementos das Pombagiras.

Quadro 25 – Elementos de Pombagira

	Cor	Comida	Bebida	Animal
Cruzeiro	Vermelho e preto; preto	Pipoca, Sete batatas assadas.	Champanhe, licores.	Galinhas vermelhas ou pretas, pombas, cabras pretas, marrons
Cemitério	Vermelho e preto; preto			
Praia	Preto; vermelho e preto			
Mata	Preto			

Fonte: adaptado de ORO (2002, p. 381-384).

As mulheres míticas são chamadas de Pombagiras ou, carinhosamente, “Giras”. Essas entidades representam toda a feminilidade e graciosidade da mulher, tendo também desfrutado da vida terrena. São a elas que recorrem as mulheres em busca de consolo para seus desamores, é bastante comum escutarmos que as giras são,

Prostitutas, cortesãs, companheiras bandidas dos bandidos amantes, alcoviteiras e cafetinas, jogadoras de cassinos e artistas de cabaré, atrizes de vida fácil, mulheres dissolutas, criaturas sem família e sem honra (PRANDI, 2005, p. 82).

Apesar de sua descrição como mulheres desregradas mitos caídos no conhecimento comum, às giras são mulheres que sofreram em suas vidas e agora buscam formas de ajudar as

mulheres e a todos que buscam seus conselhos como última esperança. Elas como entidades de luz não aceitam a degradação da mulher, recriminam todo e qualquer desrespeito ao corpo, alma e espírito das suas semelhantes.

A dualidade entre bem e mal, certo e errado, persegue as condutas morais e religiosas desde tempos remotos. No imaginário popular acredita-se que a maldade do ser humano nasce das próprias mulheres, “o sexo feminino tem o estigma da perdição, que é marca bíblica, constitutiva da própria humanidade, desde Eva” (PRANDI, 2005, p. 82). Ainda, de acordo com o mesmo autor:

O pecado da mulher é o pecado do sexo, da vida dissoluta, do desregramento, é o pecado original que fez o homem se perder, numa concepção que é muito ocidental, muito católica. Então Exu foi também feito mulher, deu origem a Pombagira, o lado sexualizado do pecado. (PRANDI, 2005, p. 82),

Assim as entidades de Exus e das Pombagiras, são especificamente cultuadas dentro dos terreiros de Quimbanda – Linha Cruzada, não negando a existência de culto dentro dos terreiros de Umbanda. São entidades muito respeitadas que geralmente atuam em demandas mais pesadas. Poderíamos dizer que são a “linha de frente” na defesa de seus filhos.

6 RELIGIÕES AFRO-GAÚCHAS E O ENSINO DE HISTÓRIA

Apesar de todas as discussões, as correntes religiosas africanas continuam se expandindo e cada vez mais buscando seu lugar na sociedade. A própria identificação dos praticantes nas pesquisas do censo do IBGE⁵⁶ torna possível uma maior legitimação e quebra de paradigmas. Deve-se lembrar, ainda, que as religiões de matriz africana não são praticadas apenas por pessoas adultas, mas também por crianças, e ao desenvolver esse trabalho acredita-se estar contribuindo para a autoconfiança dessas crianças, que podem estar inibidas em se autodeclarar pelo medo de sofrer intolerância dos demais colegas (SILVA; MOREIRA, 2013).

Neste trabalho são apresentadas várias entidades de culto afro-religioso e uma diversidade de credos. No entanto, não foram analisadas as práticas ritualísticas das casas de religião, apenas, citamos algumas de suas especificidades e sua organização, para elucidar as diferenças de cada expressão religiosa, e assim tornar possível a compreensão das pessoas leigas, pois nem todos os rituais são abertos ao público e alguns, nem mesmo, podem ser relatados para estudiosos.

As religiões de matriz africana e as afro-brasileiras desenvolveram-se com a chegada dos primeiros africanos escravizados, e desde então muitos fundamentos⁵⁷ se perderam ao longo do tempo, ou não foram passados através das gerações de forma a se documentar, pois tratam-se de religiões de cultura oral. As informações que a história possui são abordadas através dos relatos e observação de estudiosos, mas que, muitas vezes, são informações fragmentadas ou distorcidas, e nesse sentido, a fragmentação ou mesmo equívocos podem ocorrer pelo fato de que pensamos a partir de uma visão ocidental e em muitos momentos não é possível ver a cultura religiosa africana dentro do seu contexto histórico social, já que a religião pode ser entendida como matriz explicativa na cultura africana.

Dessa forma, esse estudo buscou traçar uma linha de desenvolvimento das religiões afro-brasileiras pertencentes ao estado do Rio Grande do Sul, visto que, as demais variações brasileiras adotaram características e adaptação dos locais onde são cultuadas, conforme mencionado anteriormente.

Neste capítulo será discutido o ensino de história e como o contexto afro-religioso desenvolvido no Rio Grande do Sul pode ser discutido dentro deste ensino. É possível abordar didaticamente a história das culturas afro-brasileiras? E de que forma?

⁵⁶ Censos de 2000 e 2010.

⁵⁷ As religiões de matriz africana utilizam o termo “fundamento” como referência aos ensinamentos que são passados de forma oral através de gerações sobre como acreditam que a religião deve ser praticada.

De acordo com a Lei nº 10.639⁵⁸, o ensino da história da África e sua cultura deveria ser trabalhada em sala de aula após sua aprovação. Entretanto, as escolas da educação básica enfrentam grandes dificuldades de acesso a materiais com significativo grau de informação. Outra dificuldade enfrentada é a necessidade de capacitação dos professores para trabalharem assuntos relacionados à cultura africana. Faz-se necessário o incentivo à formação continuada onde os professores possam se qualificar para ministrar os novos temas com mais domínio teórico. Nestes quesitos Bakke (2011) aborda de forma descritiva e bastante clara as diversas ferramentas⁵⁹ que foram criadas a partir da criação da lei, no entanto, os professores ainda relatam dificuldades para trabalhar tais temas e dificuldades de acessar as informações disponíveis em ambientes virtuais.

Para iniciar a discussão sobre a necessidade de se trabalhar o ensino da cultura das religiões afro vamos partir do momento atual, o ano de 2017. Após quatorze anos da criação da lei, ainda assistimos atos de vandalismo devido à intolerância⁶⁰ religiosa e isso automaticamente gera um questionamento, se existe uma lei que determina o ensino de história da África e sua cultura (e neste caso as religiões de matriz africana englobam o assunto) por que ainda presenciamos tamanha intolerância religiosa?

⁵⁸ Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências (BRASIL, 2003).

⁵⁹ Conforme Bakke, após a promulgação da Lei nº 10.639, em janeiro de 2003, "houve uma intensa mobilização para a produção de textos, materiais didáticos, paradidáticos, coletâneas e trabalhos acadêmicos sobre a questão racial, a história da África e a cultura afro-brasileira que possibilitam trabalhar com a temática étnico-racial na escola" (BAKKE, 2011, p. 94).

⁶⁰ Se acessarmos a internet e digitarmos "intolerância religiosa" a quantidade de notícias relacionadas é surpreendente, o meio acadêmico e escolar trabalha para a diminuição da intolerância, mas o que podemos perceber é o significativo aumento das agressões de ordem física e matéria, onde casas de religião são destruídas, assim como inúmeros monumentos em homenagem aos Orixás. Disponibilizamos alguns links com informações sobre a intolerância:

- a) G1 BAHIA. **Povo de santo faz caminhada pelo fim da violência contra a mulher e intolerância religiosa em Salvador.** Salvador, 15 nov. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bahia/noticia/povo-de-santo-faz-caminhada-pelo-fim-da-violencia-contra-a-mulher-e-intolerancia-religiosa-em-salvador.ghtml>>. Acesso em: 16 nov. 2017.
- b) IG SÃO PAULO. **Manifestação no Rio de Janeiro pede o fim da intolerância religiosa.** São Paulo, 17 set. 2017. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2017-09-17/intolerancia-religiosa.html>>. Acesso em: 16 nov. 2017.
- c) PEREIRA, Sérgio Henrique da Silva. **A intolerância religiosa no Brasil é gravíssimo ato contra os direitos humanos.** Jus Brasil, 2016. Disponível em: <<https://sergiohenriquepereira.jusbrasil.com.br/artigos/342504847/a-intolerancia-religiosa-no-brasil-e-gravissimo-ato-contra-os-direitos-humanos>>. Acesso em: 16 nov. 2017.
- d) G1 RIO. **RJ registra mil casos de intolerância religiosa em 2 anos e meio.** Rio de Janeiro, 18 ago. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/08/rj-registra-mil-casos-de-intolerancia-religiosa-em-2-anos-e-meio.html>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

No intuito de “combater” a intolerância religiosa e tentar formar um conhecimento mais cultural propomos a criação de um material paradidático⁶¹ o qual professores e alunos terão acesso, tornando esse tema um dos pontos abordados dentro do ensino de história, desmistificando a visão distorcida criada pelo processo histórico.

Conforme Santos (2005), em 20 de novembro de 1995 ocorria, em Brasília, um dos eventos mais importantes organizado pelas entidades negras brasileiras, a *Marcha Zumbi dos Palmares Contra o Racismo, Pela Cidadania e a Vida*. Neste dia os organizadores foram recebidos pelo então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, no Palácio do Planalto, para denunciar a discriminação racial e condenar o racismo contra os negros no Brasil, além disso, entregaram ao presidente o Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial. Entre as propostas estava:

[...] implementação da convenção sobre eliminação da discriminação racial do ensino; monitoramento dos livros didáticos, manuais escolares e programas educativos controlados pela união; desenvolvimento de programas permanentes de treinamento de professores e educadores que os habilite a tratar adequadamente com a diversidade racial, identificar as práticas discriminatórias presentes na escola e o impacto destas na evasão e repetência das crianças negras (EXECUTIVA NACIONAL DA MARCHA ZUMBI, 1996, p. 62).

No ano seguinte, após a marcha zumbi, a educação tem suas diretrizes e bases determinadas pela Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. E somente em 2003 (oito anos, após a marcha Zumbi) fora promulgada a real inclusão e obrigatoriedade de ensino de história e cultura afro-brasileira no ensino de história em todas as escolas através da Lei nº 10.639. Com a inclusão surgem muitas dificuldades para se trabalhar e uma delas é a relutância da comunidade, pois mesmo que o estado seja laico e a “Constituição Federal não reconheça uma

⁶¹ Segundo Coelho e Santana, o livro paradidático é aquele “cuja matéria ou linguagem (via de regra, narrativa) resulta da fusão de duas intenções básicas: ensinar e divertir. Dependendo da orientação do professor ou da escola, pode ser utilizado em atividades dentro ou fora do horário escolar. O livro paradidático pode assumir duas formas: lúdica ou conceitual. O paradidático lúdico, como o próprio nome indica, é o que transmite informações através do jogo, propondo atividades ou experiências que estimulam as três esferas de vivências do ser: a das sensações (geradas pelos cinco sentidos: visão, audição, tato, olfato, paladar); a das emoções (sentimentos de prazer, alegria, medo, etc.) e a da razão (inteligência, capacidade de pensar, analisar, avaliar, refletir, escolher, sintetizar, etc.). O paradidático conceitual tem claro objetivo pedagógico (pode ser usado como complementação de informações no âmbito das disciplinas de História, Geografia, Matemática, Ciências, etc.). O que o diferencia do didático é o uso da linguagem ficcional, é a utilização do imaginário como suporte ou manipulação do conceitual” (COELHO; SANTANA, 2008, p. 3 apud BAKKE, 2011, p. 96).

⁶² As propostas estão disponíveis em Executiva Nacional da Marcha Zumbi (1996).

religião oficial, embora a hegemonia inspirada em valores europeus e cristão insista em desconsiderar o texto constitucional” (SILVA, 2005, p. 125).

Mas isso não era suficiente, faltava incluir outro grupo “esquecido” no processo histórico, os indígenas, esses foram incluídos através da obrigatoriedade da Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para Incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, e ao estar realizando a pesquisa sobre como ensinar a cultura religiosa afro-brasileira deparei-me com a dúvida de como está sendo tratada a questão do Indígena dentro do contexto de ensino histórico? Esse questionamento levanta muitas discussões e gera a possibilidade de uma nova pesquisa, infelizmente, não há tempo hábil para responder essa questão dentro desta pesquisa.

Dentre as leis criadas para incluir as temáticas de ensino da cultura afro e após as indígenas encontramos uma lei do município de Porto Alegre/RS, Lei nº 6.889, de 05 de setembro de 1991, a qual estabelece:

Art. 1. Fica incluído, nas escolas de 1º e 2º graus da rede municipal de ensino, da disciplina de História, o ensino relativo ao estudo da raça negra na formação sociocultural brasileira.

Art. 2. Ao lado dos grandes eventos da história da captura e tráfico escravagista, da condição do cativo, das rebeliões e quilombos e da abolição, torna-se obrigatório o ensino sobre a condição social do negro até hoje, bem como, sobre sua produção cultural e movimentos organizados no decorrer da história Afro-Brasileira.

Art. 3. Para efeito de suprir a carência da bibliografia adequada, far-se-á levantamento da literatura a ser adquirida pelas bibliotecas escolares; debates e seminários com o corpo docente das escolas municipais, a fim de qualificar o professor para a prática em sala de aula.

Art. 4. O município promoverá a interdisciplinaridade com o conjunto da área humanas: Língua Portuguesa, Educação Moral e Cívica, Geografia e Educação Religiosa, adequando o estudo da raça negra em cada caso.

Art. 5. É responsabilidade da SMED⁶³ e do corpo docente das escolas municipais, através de suas direções, conjuntamente com a comunidade escolar local, propiciar o amplo debate da matéria constante no artigo 2. da presente Lei, visando a superação do preconceito racista existente na sociedade. (SANTOS, 2005, p. 27).

Aproveitando a citação no artigo 5º, da Lei nº 6.889, de Porto Alegre/RS, podemos levantar a discussão de dois grandes conceitos que certamente não se conclui aqui, apenas se inicia: a intolerância religiosa e a intolerância étnica. Esses dois conceitos podem não parecer andar juntos, mas andam. Existe uma associação entre ambos, talvez de forma velada, talvez de

⁶³ SMED – Secretaria Municipal de Educação da cidade de Porto Alegre/RS.

forma explícita, já que se associa que a religião de matriz africana é coisa de negro, assim como todo negro é um afro religioso. Sendo assim, automaticamente, essas duas formas de preconceito acabam por atingir pessoas negras, no entanto, isso não quer dizer que não atinja outras pessoas, pois nos últimos anos muitas pessoas brancas aderiram as religiões de cultura africana. “Entre os censos de 2000 e 2010 houve um incremento de 4,8% no número de adeptos brancos das religiões afro-brasileiras. Já os adeptos pretos e pardos aumentaram em 30,4% e 15,7%, respectivamente” (DUCCINI; RABELO, 2013, p. 226).

Existe, ainda, uma chamada “negrofobia, ou medo de tudo que a população afrodescendente pudesse representar, que alcançou os bancos escolares e acabou sendo o responsável por uma série de erros que se mantiveram, em uma espécie de círculo vicioso entre educadores e educandos”⁶⁴ (SILVA, 2005, p. 125). Esses erros transformaram-se em intolerância religiosa, algo que, atualmente, a comunidade acadêmica e escolar trabalha para diminuir, as maneiras encontradas para buscar essa diminuição é desconstruindo a mentalidade “errônea” sobre as religiões afro e construindo conhecimento. Possibilitar que a comunidade escolar possa conhecer as riquezas da cultura afro, que por tanto tempo foi deixada a margem da sociedade e, ainda, luta para seu reconhecimento na formação cultural do Brasil, assim, concordamos com Silva:

Que é possível superar algumas incompreensões que se sedimentaram ao longo da história e que viabilizaram o respeito à religiosidade negra. Queremos afirmar que é possível tratar do assunto dentro de um processo cognitivo que não ponha em risco o caráter laico da escola pública. Isso significa dizer que defendemos a ideia de um programa nacional que ao tratar da cultura negra, em uma perspectiva absolutamente informativa e não doutrinaria, contemple as mitologias e filosofias religiosas oriundas das vários grupo étnicos africanos que compõe a sociedade brasileira, mesmo porque não existe cultura negra sem dimensão espiritual. Longe de cogitarmos um processo de doutrinação a partir das religiosidades africanas, para fazer frente à evangelização constante que ocorre nas escolas públicas, pretendemos e preferimos informar ao invés de doutrinar. (SILVA, 2005, p. 124)

Nesse sentido, afirmamos a necessidade de se estudar a história e a cultura da África, para que o indivíduo possa compreender não apenas o mundo em que vive mas, também, não reproduzir uma intolerância causada pela falta de conhecimento, para isso, “o conhecimento histórico deve servir como uma ferramenta de orientação temporal que levaria a uma leitura do mundo no presente e embasaria uma avaliação quanto às perspectivas de futuro alicerçadas nas experiências humanas do passado”. (SILVA; PORTO, 2012, p. 13).

⁶⁴ O termo negrofobia, “tem um reflexo enorme no plano do sagrado e afeta de modo contundente as religiões de matriz africana e todo o universo mítico que elas evocam”. (SILVA, 2005, p. 122).

Ensinar história é tornar o conhecimento acadêmico acessível, ou seja, significativo. Tornar possível o acesso das informações produzidas na academia à comunidade escolar, proporcionando a aprendizagem dos alunos, com conteúdos organizados de acordo com cada área do conhecimento (VAN ACKER; BERCITO, 2015) e, ao mesmo tempo, de forma interdisciplinar, tornando os alunos autores da construção do seu conhecimento, contribuindo para o seu reconhecimento como cidadãos conhecedores de sua história, promotores e disseminadores de uma cultura inclusiva.

Neste trabalho propomos a elaboração de um material paradidático, baseado na análise e didatização de textos disponíveis pela historiografia, bem como, visitamos algumas casas de religião para ter contato direto com o objeto de pesquisa. Também, consultamos as páginas virtuais de entidades, como a Federação das Religiões Afro-Brasileiras (AFROBRAS), Federação Brasileira de Umbanda (FBU) e a Federação Afro Umbandista e Espiritualista do Rio Grande do Sul (FAUERS), para localização de informações sobre organização dos terreiros. No sentido de compreender o arquétipo das entidades cultuadas em cada corrente religiosa presente no estado do Rio Grande do Sul, visitamos a página virtual de alguns terreiros como Ilê de Xangô, Umbanda de Caridade, Sereia de Aruanda, Batuque dos Orixás e Império de Quimbanda, todas essas páginas contribuíram na análise e reflexão dentro da visão acadêmica, bem como, permitiram fazer algumas ligações a respeito das descrições apresentadas. Com base nessas análises acadêmicas e visão das casas de religião foi possível elaborar um manual paradidático o qual “além de ensinar, também cumpre a função de divertir, nesse sentido explora, com mais frequência, a linguagem lúdica, usando as dimensões da razão, das sensações e das emoções para instruir” (BAKKE, 2011, p. 96). Esse paradidático em forma de um compilado de informações trará textos sobre a cultura religiosa descendentes das culturas africanas trazidas para o Brasil, as culturas dos povos Bantos e Sudaneses que se multiplicaram no Brasil.

No Rio Grande do Sul (estado em que focamos a pesquisa) desenvolveram-se as correntes religiosas, Batuque, Umbanda e Linha Cruzada às quais terão seus aspectos religiosos apresentados no material paradidático. Esse material será destinado para os alunos de ensino fundamental e médio, bem como, para os professores, pois,

Ao contrário do material produzido pelas ONGs ou pelo governo, os livros didáticos e paradidáticos demonstram preocupação menor com a questão de formação dos professores, a parte conceitual fica menos explícita e como são voltados para uso em sala de aula, tanto por alunos, quanto por professores, acabam tornando-se uma fonte de informação, a partir da qual se acessa um conteúdo. (BAKKE, 2011, p. 96).

A intenção do paradidático neste caso se dá para complementar o ensino sobre as religiosidades africanas, em específico, as predominantes no estado do Rio Grande do Sul. Trabalhar tais temas em sala de aula não irá erradicar a intolerância religiosa e nem mesmo acabara com os problemas existentes em nosso país, mas será mais um passo na direção de desconstruir a mentalidade preconceituosa que se formou durante muitos anos e assim contribuirá para a diminuição da intolerância, através da informação e respeito, abordando tais temas sem gerar desconforto para as crianças, professores e comunidade em geral, praticantes e não praticantes. O que propomos é a oportunidades de conhecer culturas religiosas que assim como tantas outras buscam o seu reconhecimento.

De acordo com Meirelles, muitas são as formas de se trabalhar a cultura afro, não precisa ficar restrita ao ensino de história, mas pode ser trabalhada de uma forma interdisciplinar,

nas aulas de matemática, trabalhar as diferenças entre o número de orixás no Candomblé e no Batuque, assim como, o chamado valor do axé, uma vez que, cada orixá tem um número. Nas aulas de português o mote poderia estar língua iorubá e no modo como está se faz presente no nosso dia-a-dia em diversas situações cotidianas como, quando, por exemplo, comemos uma “farofa” ou vemos um “camundongo”, um “marimbondo”, etc. (MEIRELLES, 2012, p. 152).

Inúmeras são as propostas de se trabalhar as religiões de matriz africana em sala de aula, nossa contribuição está na produção do paradidático para utilização como mais uma ferramenta de informação e ensino.

Dessa forma, o material proposto é o resultado da pesquisa realizada durante o Mestrado Profissional, o qual visa deixar uma contribuição à comunidade acadêmica, escolar e a todos aqueles que buscam conhecer essa cultura tão rica como a Afro-brasileira.

6.1 DESCRIÇÃO PRODUTO

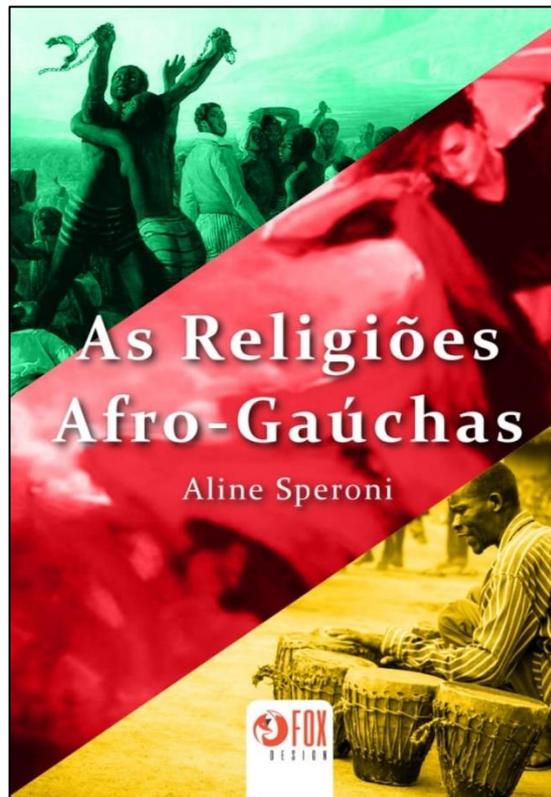
O fruto desse trabalho foi a produção do paradidático “As Religiões Afro-Gaúchas”. Propomos esse material para suprir a carência de materiais para trabalhar temas ligados à religiosidade afro. Esse material pode ser usado por alunos e professores do ensino fundamental e médio. Acreditamos que será mais uma ferramenta na luta contra a intolerância religiosa. Para elaboração do Manual paradidático didatizamos partes desta dissertação estando disponível no manual estações diferenciadas de leitura para aguçar o interesse do leitor, assim como, também

estão disponíveis quadros e tabelas com informações sobre o assunto, além de curiosidades. O intuito é levar um pouco da produção acadêmica para as salas de aula da educação básica.

É um manual impresso no formato 15cm x 20cm, frente e verso, com páginas coloridas. Seu acabamento tem as capas duras e é composto de 91 páginas, estando organizado em sete capítulos (cada capítulo ganhou uma cor⁶⁵ para todas as suas páginas). Ao final do manual disponibilizamos todas as referências, organizadas de acordo com o tipo de material usado (dissertações e teses, livros, artigos, sites, etc.). Para a realização deste trabalho contamos com a ajuda do profissional editor Franco Deon, o qual foi responsável pela edição do material, bem como, pela criação da capa e contracapa.

A capa e a contracapa são pintadas pelas cores da bandeira do estado do Rio Grande do Sul. Cada uma das cores ganhou uma imagem, o verde relembrando a escravidão, o vermelho traz a imagem de uma mulher que remete ao povo de religião ou mais especificamente uma Pombagira, por fim, temos o amarelo como um tropeiro que remete ao povo gaúcho.

Figura 28 – Capa do manual paradidático



Fonte: criação Franco Deon.

⁶⁵ Capítulo 1 – marrom; Capítulo 2 – laranja; Capítulo 3 – amarelo; Capítulo 4 – verde; Capítulo 5 – lilás; Capítulo 6 – azul; Capítulo 7 – vermelho; Referências – verde.

Para guiarmos a descrição desse material apresentamos o sumário do trabalho, conforme a Figura 29.

Figura 29 – Sumário do manual paradidático



The image shows a table of contents for a manual. The background features a stylized illustration of a person's head and shoulders in profile, with a yellow and orange color scheme. The text is in black and white, with the title 'SUMÁRIO' in bold. The table lists various sections and their corresponding page numbers.

SUMÁRIO	
Lista de Tabelas.....	04
Lista de Figuras.....	05
Capítulo 1 - ESCRAVIDÃO NO BRASIL.....	08
Capítulo 2 - OS POVOS ESCRAVIZADOS.....	11
Capítulo 3 - DA ÁFRICA PARA O BRASIL.....	15
Capítulo 4 - OS AFRICANOS NO RIO GRANDE DO SUL.....	19
Capítulo 5 - BATUQUE.....	25
Nações.....	28
Cosmovisão Africana.....	31
Iniciação.....	35
Orixás.....	38
Capítulo 6 - UMBANDA.....	50
Linhas.....	53
Divindades Africanas Dentro da Umbanda.....	56
Pretos-velhos.....	58
Caboclos.....	61
Bejis.....	66
Capítulo 7 - LINHA CRUZADA.....	68
Exus.....	72
Pombagiras.....	77
REFERÊNCIAS.....	80
Dissertações e Teses.....	80
Livros.....	80
Artigos.....	82
Disponíveis na Internet.....	83
Links Imagens.....	87

Fonte: NOVA ESCOLA (2017).

O capítulo 1 – Escravidão no Brasil – aborda, de forma breve, sobre a estimativa de pessoas que foram trazidas da África para o Brasil, entre os séculos XVI e XIX, através das rotas de tráfico transatlântico. De muitas etnias eram essas pessoas, no entanto, alguns grupos conseguiram deixar grandes marcas na cultura do Brasil, entre estes destacamos os povos Bantos e Sudaneses, que viviam em partes específicas da África, as quais podem ser identificadas na Figura 2.

No capítulo 2 – Os povos escravizados – priorizamos a abordagem das características dos povos Bantos e Sudaneses. Para interagir com o leitor instigamos a sua curiosidade para conhecer algumas das diversas línguas africanas (ver quadro 2) e, logo após, apresentamos algumas das leis criadas no período escravista, na tentativa de reprimir e, mais tarde, por um fim à escravidão.

O capítulo 3 – Da África para o Brasil – apresenta, rapidamente, a organização dos povos africanos, ainda quando estavam em sua terra natal, para após iniciar a abordagem de

como esses povos começaram a se reestruturar em terras brasileiras. Muitas foram as mudanças necessárias para esses povos, mas neste trabalho citamos as ocorridas na vida religiosa, visto que essas mudanças foram desdobrando-se em novas vertentes religiosas, as quais estão demonstradas no Quadro 3.

No capítulo 4 – Os povos africanos no Rio Grande do Sul – se inicia a apresentação dos escravos gaúchos, os quais a historiografia, ainda, se debate para saber a real procedência. O que se sabe é que um grande número de escravos da origem Banto vivia no estado do Rio Grande do Sul, porém esses escravos não chegaram a estruturar a sua cultura, mas deixaram grandes marcas em nossa cultura, exemplo disso são as palavras de seu idioma que foram agregadas a língua portuguesa. Finalizamos esse capítulo com a história do Príncipe Custódio, um africano que foi trazido para o Brasil e escravizado, e que mais tarde abriu sua própria casa de religião, tornando-se um ícone religioso de sua época e pai de santo do governador Borges de Medeiros.

No capítulo 5 – Batuque – iniciamos a abordagem da primeira religião de matriz africana a se estruturar no Rio Grande do Sul, o Batuque, ou como dizem seus participantes, “nação”. O Batuque segue uma série de normas e regras, no entanto não há um “código de conduta escrito”, todos os fundamentos são passados de forma oral aos mais novos. O Batuque divide-se em nações, entre elas temos Oió, Ijexá, Jeje, Nagô, Cabinda e Oiá, onde cada uma delas possui características específicas, mas todas seguem uma mesma linha de fundamentos. As religiões de matriz africana possuem uma cosmovisão que diz respeito ao entendimento da vida, e assim, a religião dos orixás possui grande influência na vida das pessoas que a praticam. Essa religião cultua, no Rio Grande do Sul, doze orixás, os quais apresentamos no Quadro 5. Os orixás seguem uma hierarquia podendo desdobrar-se em jovens e velhos, mas sempre sendo únicos.

No capítulo 6 – Umbanda – falamos sobre a religião nascida no Brasil e que tem como seu principal mito fundador o médium Zélio de Moraes, o qual foi incorporado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas para anunciar a nova religião. A Umbanda cultua entidades de linha africana, os orixás, como também espíritos de antigos escravos na roupagem de “Pretos velhos”, os “caboclos” que são espíritos de índios e, por fim, os “Bejis”, as entidades crianças. Diferente dos orixás do Batuque, as entidades de Pretos velhos e caboclos não tem sincretização, assim como o filho de santo na Umbanda pode receber até sete entidades, diferente do Batuque, onde o filho é incorporado apenas pelo seu orixá de cabeça. Outra diferença que é que a Umbanda possui uma doutrina e ampla bibliografia, além de não promover sacrifício de animais às entidades, como ocorre no Batuque. A Umbanda é uma religião que promove a caridade,

acolhendo a todos, independentemente de sua cor ou posição social, ela busca diminuir as diferenças sociais.

Por fim, o capítulo 7 – Linha Cruzada – onde, nesta vertente religiosa, vamos falar, especificamente, de Exus e Pombagiras. No entanto, há muito que se falar e problematizar sobre tais figuras, porém o propósito deste trabalho está em apresentar essas entidades dentro de uma perspectiva sucinta e informativa. Das religiões afro-gaúchas a Linha Cruzada foi a última a se estruturar, por volta da década de 70. Essa religião pode ser entendida de duas formas, uma por cultuar apenas Exus e Pombagiras (que é nosso foco de análise), e outra, como religião que concentra na mesma casa ritos de Batuque e Umbanda.

Tanto a figura de Exu como a da Pombagira, são conhecidas no mito popular, às vezes um tanto mal interpretadas, devido ao desconhecimento, e às vezes usadas de maneira incorreta pelos próprios médiuns. Essas entidades tiveram vida terrena e, dessa forma, conhecem os prazeres da carne, mas ambos também tiveram suas dificuldades e cometeram erros como todos os seres humanos, e hoje como espíritos de luz buscam redenção ajudando pessoas a encontrar conforto em horas difíceis, entretanto, o bem nunca anda sozinho, e sempre há quem faça o mal sob pena de pagar suas dívidas mais tarde. Exu e Pombagira de forma geral podem ser entendidos como entidades de linha de frente na proteção dos médiuns.

Por último, deixamos as referências bibliográficas pesquisadas, organizadas por tipo de material,

- a) dissertações e teses;
- b) livros;
- c) artigos;
- d) disponíveis na internet – páginas governamentais, instituições, sites de terreiros, etc.;
- e) fonte das imagens;

Desejamos que esse material seja utilizado no combate a intolerância religiosa e racial, assim como, torne os jovens de hoje promotores de uma comunidade mais inclusiva.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando os povos africanos chegaram ao Brasil, na segunda metade do século XVI, encontraram um país sendo colonizado por povos que pregavam a fé católica e, então, foram proibidos de cultuar suas crenças. No decorrer dos anos os africanos, na condição de escravos, encontraram no sincretismo católico uma maneira de cultuar a sua religiosidade. O sincretismo possibilitou aos nativos africanos não apenas uma maneira de continuar vivendo a sua cultura, mas, impulsionar uma reconstrução, em solo brasileiro, do que um dia fora a sua religião. Assim surgiram manifestações religiosas nascidas a partir da cultura africana, as chamadas religiões afro-brasileiras.

Essas religiões sempre sofreram com as repressões e a associação com práticas demoníacas e, mesmo hoje em dia, a comunidade afro ainda luta contra a intolerância religiosa voltada as suas crenças. Essa intolerância desperta a necessidade de se aprofundar os estudos sobre a pluralidade das religiões em nossa sociedade e um bom início seria nas escolas. Para tanto, o ponto de partida são os estudos iniciados pela academia, onde inúmeros estudiosos se debruçaram sobre o tema para investigar as características dessa cultura e as diversas contribuições incorporadas à cultura brasileira.

Ao trabalhar com a temática afro-religiosa na sala de aula será necessário, inicialmente, desconstruir a imagem estereotipada desta religião, pois o pensamento de que as religiões de matriz africana têm relação com práticas ligadas ao diabo é histórico e ainda persiste. Desconstruir a mentalidade negativa não é tarefa fácil, mas, se não trabalhada de forma eficiente, acabará por gerar mais atos de intolerância e dificultará, ainda mais, o trabalho dos professores.

Sabemos que a tarefa do professor é ensinar, mostrar os caminhos pelos quais os alunos irão construir seus conhecimentos, tanto para formação intelectual, quanto social. “Entender aspectos e a originalidade das religiões, as formas de mobilização e como se situam no tempo e no espaço, é tarefa urgente dos professores e educadores preocupados com a tolerância fundamental para o respeito entre pessoas e memória histórica”. (SILVA, 2005, p. 206).

Até alguns anos não poderiam ser trabalhadas outras religiões em sala de aula, que não fossem as cristãs. Com a criação da Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, esse cenário vem mudando, desde então a lei estabelece a obrigatoriedade de inclusão, no currículo oficial da rede de ensino, da temática de história e cultura afro-brasileira. Entretanto, junto com a obrigatoriedade da lei, surgem dificuldades, como a necessidade de materiais de apoio e a formação adequada dos professores. Passados quatorze anos da determinação da lei, muito já

foi feito, mas ainda há muito a se fazer, e quando falamos em muito a ser feito, voltamos a questão dos indígenas, que desde 2008, com a promulgação da Lei nº 11.645, aguardam a merecida atenção.

A contribuição desta pesquisa se iniciou há dois anos e, ao longo desse tempo de leituras e análises, esse trabalho proporcionou o contato direto com algumas casas de religião. Essa aproximação permitiu conhecer, na prática, o que foi lido nos textos e ouvido nos relatos de pessoas de religião. A necessidade de conhecer se apresentava pela mentalidade de não poder escrever sem conhecer, assim o contato possibilitou não apenas conhecer as práticas, mas entender como as pessoas que praticam essas religiões veem a vida, bem como, as dificuldades que essas pessoas enfrentam por se autodenominarem batuqueiras, umbandistas e, muitas vezes, até mesmo como macumbeiros (e esse último, normalmente entre risos).

Trabalhar com temas relacionados à religião não é algo simples, nem mesmo algo que terá qualquer discussão finalizada com um artigo ou fala, pelo contrário, é um tema que continuará levantando muitas pesquisas e inúmeros debates. Essa pesquisa buscou apresentar, através de textos historiográficos, e, por vezes, transitando pela área de conhecimento da Antropologia, juntar informações que pudessem ser pensadas dentro desta temática. Sabemos que a Antropologia desprende muitas pesquisas nesta área e a história vem buscando suprir necessidades de pesquisa dentro do contexto histórico. Dentro do campo da Antropologia utilizamos a etnografia⁶⁶ para poder entender como funcionam essas religiões, não para escrever esta pesquisa, mas para poder ter mais intimidade com o assunto e através da historiografia escrever as particularidades de cada vertente religiosa trabalhada.

Apresentamos o produto final em forma de um livro paradidático, com textos conceituais, bem como, ilustrações para tornar esse material prazeroso, também “aos olhos”. Propusemos que esse produto fosse direcionado a alunos do ensino fundamental e médio para que, desde sempre, os alunos possam ter contato com informações e conhecimento sobre as religiosidades de matriz africana.

No estado do Rio Grande do Sul, as três vertentes afro-religiosas mais expressivas são Batuque, Umbanda e Linha Cruzada, cada uma delas possuindo características específicas, as quais trabalhamos de forma detalhada no material paradidático. Isso resolve os problemas com

⁶⁶ Conforme Mello, “a etnologia ali aparece dividida em três outras disciplinas especiais: etnologia (em sentido estrito), etnologia e antropologia social. As três pertencem ao campo da etnologia geral ou simplesmente antropologia cultural. A etnografia é mais fácil de distinguir das duas outras, uma vez que ela, como indica o próprio termo, é mais dedicada a descrição dos costumes, da cultura e da vida dos povos”. (MELLO, 2013, p. 38).

intolerância? Certamente não irá resolver, muito menos findar os problemas com preconceito, mas certamente é mais um passo na construção de uma comunidade melhor, com mais informações disponíveis para formação de crianças e adolescentes autores de seu próprio conhecimento.

Assim, esse trabalho não esgota as possibilidades de pesquisa dentro desse tema. Ainda há muito a ser pesquisado dentro do campo da história e de outras áreas do conhecimento, cada uma dentro de sua visão analítica e conceitual para que, de forma interdisciplinar, a educação acadêmica possa gerar novos frutos e contribuir para a construção do conhecimento das religiões afro-brasileiras e, também, as afro-gaúchas. Essas pesquisas não irão apenas suprir as necessidades nascidas a partir da criação da Lei nº 10.639, mas, também, disponibilizar mais ferramentas para os professores que enfrentam as dificuldades de se trabalhar um tema tão rico de conhecimento e, ao mesmo tempo, pouco abordado.

Cada dia acreditamos mais na necessidade de um plano de formação inclusiva e tolerante. Justamente no momento em que concluímos esta parte (sim, esta parte, pois essa pesquisa não pode se encerrar, ainda há muito a buscar para contribuir), presenciamos atos de intolerância racial dentro de uma grande universidade do estado do Rio Grande do Sul, onde alunos invadiram e ocuparam a reitoria, em repúdio a tais atos. Com isso, reafirmamos a necessidade de continuar buscando meios para desconstruir o preconceito, formando pessoas com mais tolerância, para que todos possam ser incluídos em nossa sociedade. (MATGE, 2017).

Desejamos que essa pesquisa seja um estímulo para os pesquisadores se juntarem na luta contra a intolerância e preconceito e, desta forma, possamos deixar uma sociedade mais igualitária para aqueles que virão depois de nós. Desejamos que a comunidade escolar usufrua desse trabalho, que os alunos tenham sua curiosidade instigada pela vontade de buscar mais e, nesse mais, expandam seus conhecimentos e tornem-se pessoas disseminadoras de conhecimento e educação.

REFERÊNCIAS

A – DISSERTAÇÕES E TESES

BAKKE, Rachel Rua Baptista. **Na escola com os orixás: o ensino das religiões afro-brasileiras na aplicação da Lei nº 10.639.** 2011. 222 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

CORREA, Norton Figueiredo. **Os vivos, os mortos e os Deuses.** 1989. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1989.

_____. **Sob o signo da ameaça: conflito, poder e feitiço nas religiões afro-brasileiras.** 1998. 302 p. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

LEISTNER, Rodrigo Marques. **Encruzilhada multicultural: estratégias de legitimação das práticas religiosas afro-umbandistas no Rio Grande do Sul.** 2009. 191p. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo. 2009.

_____. **Os outsiders do além: um estudo sobre a Quimbanda e outras “feitiçarias” afro-gaúchas.** 2014. 388 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

MACEDO, Livia Alves dos Santos. **Estradas sem fim: a linha do Oriente e o povo cigano na Umbanda.** 2014. 104 p. Monografia (Graduação) – Programa de Bacharelado em Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

OLIVEIRA, Rachel de Souza da Costa. **Intolerância religiosa na escola: uma reflexão sobre estratégias de resistência à discriminação religiosa a partir de relatos de memórias de adeptos da Umbanda.** 2014. 114p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

PAIVA, Ilnete Porpino de. **A capoeira e os mestres.** 2007. 166 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

RECH, Tiago Bassani. **Casas de religião de matriz africana em Porto Alegre: territorialidades étnicas e/ou culturais a partir da colônia africana.** 2012. 125 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SILVA, Maria Helena Nunes da. **O Príncipe Custódio e a religião afro-gaúcha.** 1999. 226 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

SILVEIRA, Hendrix Alessandro Anzorena. **Não somos filhos sem pais: história e teologia do Batuque no Rio Grande do Sul**. 2014. 136 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdade EST, São Leopoldo, 2014.

B – LIVROS

ALVES, Lindomar. **Orixás: Uma Obra Do Afro-Gaúcho**. Porto alegre: edição do autor, 2009.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BLOCH, March. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARNEIRO, João Luiz. **Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CORREA, Norton Figueiredo. **O Batuque do Rio Grande do Sul: Antropologia de uma religião afro-rio-grandense**. 2. ed. São Luís: Editora Cultura e Arte, 2006.

COSTA, Emilia Viotti da. **Da senzala à colônia**. 5. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

COTRIM, Gilberto. **História global do Brasil e geral**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EXECUTIVA NACIONAL DA MARCHA ZUMBI. **Por uma política nacional de combate ao racismo e a desigualdade racial: Marcha Zumbi contra o racismo, pela cidadania e vida**. Brasília: Cultura Gráfica e Editora, 1996.

FONSECA, João José. Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido (Org.). **Espiritismo e religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais**. São Paulo: UNESP, 2012.

KARDEC, Allan. **O que é espiritismo**. 38. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997.

KLOPPENBURG, Boaventura. **A Umbanda no Brasil**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1961.

LAYTANO, Dante de. **A Igreja e os Orixás**. Vol. 29. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 1960.

LOPES, Nei. **Dicionário Banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 1998.

MAESTRI, Mario. **O escravismo no Brasil**. São Paulo: Atual, 1994.

_____. **O escravo gaúcho: resistência e trabalho**. Porto Alegre: Editoria UFRGS, 1993.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia cultural: iniciação, teoria e temas**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo**. 3. ed. São Paulo: Gaudi Editorial, 2012.

NEGRÃO, Lísias. **Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo Umbandista em São Paulo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

OLIVEIRA, Rafael Soares de. **Candomblé: diálogos fraternos contra a intolerância religiosa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Segredos guardados: Orixás na alma brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RAMOS, Arthur. **Antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

_____. **O negro brasileiro: etnografia religiosa**. São Paulo: Nacional, 1940.

REHBEIN, Franziska C. **Candomblé e salvação: a salvação na religião nagô a luz da teologia Cristã**. São Paulo: Loyola, 1985.

RIVAS NETO, Francisco. **Escolas das religiões Afro-brasileiras: tradição oral e diversidade**. 1. ed. São Paulo: Arché Editora, 2013.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Vol. IX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos Santos. **Formação de professores e religiões de matrizes africanas: um diálogo necessário**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. (Coleção Repensando África, volume 4).

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagôs e a morte**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SILVA, Marco; PORTO, Amélia. **Nas trilhas do ensino de história: teoria e prática nos anos iniciais do ensino fundamental regular**. Belo Horizonte: Rona, 2012.

SILVA, Vagner Gonçalves. **Candomblé e Umbanda**: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1994.

VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de todos os santos, dos séculos XVII a XIX**. São Paulo: Corrupio, 1987.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da religião**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1991.

C – ARTIGOS

BROWN, Diana. Uma história da Umbanda no Rio. In.: NEGRÃO, Lísias Nogueira; CONDONE, Maria Helena Vilas Boas. (Orgs.). **Umbanda e política**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, p. 9-46, 1985.

_____. Uma história da Umbanda no Rio. In: Umbanda e Política. **Cadernos do ISER**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 9-42, 1985.

CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues da. Faces das ciências da religião. In.: CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues da; JUNIOR, Manoel Ribeiro de Moraes (Orgs.). **Enfoques sobre religião**. São Paulo: Fonte Editorial UEPA, p. 161-180, p. 31-44, 2014.

CORDOVIL, Daniela. Religiosidade, tecnicidade territorialidade: novos aspectos da política para religiões de matriz africana no Brasil. In.: CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues da; JUNIOR, Manoel Ribeiro de Moraes (Orgs.). **Enfoques sobre religião**. São Paulo: Fonte Editorial UEPA, p. 161-180, 2014.

CORREA, Norton Figueiredo. Origens do Batuque. In.: SANTOS, Irene (Org.). **Negro em preto e branco**: história fotográfica da população negra de Porto Alegre. Porto Alegre: Do Autor, p. 111-113, 2005.

D'ÁVILA, Nícia Ribas. Batuque: das raízes afro-indígenas à Música Popular Brasileira. **II Congresso Brasileiro de Musicologia e III Congresso Internacional de Música Sacra**. Rio de Janeiro, p. 1-12, 1992.

DUCCINI, Luciana; RABELO, Miriam C. M. As religiões afro-brasileiras no censo de 2010. In.: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em movimento**: o censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 219-234, 2013.

FERREIRA FILHO, Aureliano Jose. Resistir, ressignificar e recriar escravidão e a reinvenção da África no Brasil – séculos XVI e XVII. **Anais do I Simpósio Internacional: Política, Gestão e Educação e VI Simpósio de Educação do Triângulo Mineiro**. Ituiutaba, s/p, Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

GIOVANETTI, José Paulo. Psicologia e espiritualidade. In.: AMATUZZI, Mauro Martins (Org.) **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, p. 129-145, 2005.

HERMANN, Jacqueline. História das religiões e religiosidades. In.: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion (Orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, p. 329-352, 1997.

HUBERT, Stefan. Manjar dos deuses: as oferendas nas religiões afro-brasileiras. **Primeiros Estudos**, São Paulo, n. 1, p. 81-104, 2011.

LEISTNER, Rodrigo Marques. A (re)construção da etnicidade nas religiões de matriz africana do Rio Grande do Sul. **África e Africanidades**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 1-16, 2010.

LEITE, Fábio. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos USP**, São Paulo, v. 18-19, n. 1, p. 103-118, 1995-1996.

LIA, Cristine Fortes. História das religiões e religiosidades: contribuições e novas abordagens. **Aedos**, v. 4, n. 11, set. 2012.

LIMA, Monica. Aprendendo e ensinando história da África no Brasil: desafios e possibilidades. In.: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; MAGALHAES, Marcelo de Souza. **A escrita de história escolar: memória e historiografia**. São Paulo: FGV Editora, p. 149-164, 2009.

MAESTRI, Mario. Pampa negro: quilombos no Rio Grande do Sul. In.: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, p. 332-379, 2012.

MEIRELLES, Mauro. Dos terreiros para a sala de aula: as religiões de matriz africana no RS, limites e possibilidades. **Anais do Congresso Internacional da Faculdade Est**, São Leopoldo, v. 1, p. 146-156, 2012.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. Entre a Macumba e o Espiritismo: uma análise do discurso dos intelectuais de Umbanda durante o Estado Novo. **CAOS**, n. 14, p. 60-85, set. 2009.

ORO, Ari Pedro. As religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 9, n. 13, p. 9-23, jan./jun. 2008.

_____. O atual campo Afro-Religioso Gaúcho. **Civitas**, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 556-565, set./dez. 2012.

_____. Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. **Estudos Afro-Asiáticos**, ano 24, n. 2, p. 345-384, 2002.

PESAVENTOS, Sandra Jatahy. Certa revolução farroupilha. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs.). **O Brasil Imperial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 233-267, 2011.

PRANDI, Reginaldo As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. **Civitas**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 15-33, jun. 2003.

_____. As religiões afro-brasileiras em ascensão e declínio. In.: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 203-218, 2013.

_____. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. **Revista USP**, São Paulo, n. 46, p. 52-65, jun./ago. 2000.

REIS, Osvaldo Ferreira dos. In.: SANTOS, Irene (Org.). **Negro em preto e branco: história fotográfica da população negra de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora do Autor, p. 108-110, 2005.

SANTOS, Sales Augusto dos. A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta antirracista do movimento negro. In: **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Brasília, p. 21-37, 2005.

SILVA, Elaine Moura da. Estudos de religião para um novo milênio. In.: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6. ed. São Paulo: Contexto, p. 205-214, 2010.

SILVA, Maria Rejane da; MOREIRA, Harley Abrantes. Religiões afro-brasileiras em sala de aula a partir da análise de uma turma de educação de jovens e adultos. **XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH: conhecimento histórico e diálogo social**. Natal, 22-26 jul. 2013.

SILVA, Nelson Fernando Inocência da. Africanidade e religiosidade: uma possibilidade de abordagem sobre as sagradas matrizes africanas da escola. In.: **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, p. 121-130, 2005.

VAN ACKER, Maria Teresa Vianna; BERCITO, Sonia de Deus Rodrigues. Ensino de história, material didático e formação de professores: entre práticas e saberes. **XXVIII Simpósio Nacional de História: Lugares dos Historiadores: Velhos e Novos Desafios**. Florianópolis, p. 1-15, 27-31 jul. 2015.

WEDDERBURN, Carlos Moore. Novas bases para o ensino de história da África no Brasil. In.: **Educação antirracistas: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, p. 133-166, 2005.

D – DISPONÍVEIS NA INTERNET

AFROBRAS – FEDERAÇÃO DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS. **Orixás**. Disponível em: <<http://www.afrobras.org/orixas.html>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BATUQUE DOS ORIXÁS. **Blog sobre Religião Afro e Umbanda**. Disponível em: <<http://batuquedosorixas.blogspot.com.br/2012/03/orixas-da-fatura-e-dos-excessos.html>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BORGES, Wagner. **Chacras: os centros energéticos e seus Bijas-Mantras**. Instituto de Pesquisas Projeciológicas e Bioenergéticas, 2015. Disponível em: <<http://www.ippb.org.br/bioenergia/chacras-definicao>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Pero Vaz de Caminha**. [S.d.]. Disponível em: <<https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/1554bc7bf6259129?projector=1>>. Acesso em: 29 jun. 2016.

_____. Presidência da República. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 02 jun. 2016.

_____. Presidência da República. **Lei nº 11.645, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 02 jun. 2016.

_____. Presidência da República. **Lei nº 2.040, 28 de setembro de 1871**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM2040.htm>. Acesso em: 17 ago. 2017.

_____. Presidência da República. **Lei nº 3.270, de 30 de setembro de 1957**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3270.htm>. Acesso em: 02 jun. 2016.

_____. Presidência da República. **Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3353.htm>. Acesso em: 17 ago. 2017.

_____. Presidência da República. **Lei nº 581, de 04 de setembro de 1850**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM581.htm>. Acesso em: 17 ago. 2017.

_____. Presidência da República. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 02 jun. 2016.

CASA DE OXALÁ. **Mito de Exu**. Disponível em: <http://www.casadeoxala.eti.br/exu_res.htm>. Acesso em: 08 dez. 2017.

CENTRO ESPÍRITA URUBATAN. **Sete linhas da Umbanda**. Disponível em: <<http://www.centroespiritaurubatan.com.br/estudos/sete-linhas-de-umbanda.html>>. Acesso em: 25 set. 2017.

CENTRO PAI JOÃO DE ANGOLA. **Caboclos na Umbanda**. Disponível em: <<http://www.centropaijoaodeangola.com/caboclos-na-umbanda.php>>. Acesso em: 25 set. 2017.

DIEGO DE OXOSSI. **Quimbanda: magia de Exu e Pombagira**. Disponível em: <<http://www.diegodeoxossi.com.br/quimbanda-exu-pombagira>>. Acesso em: 19 set. 2017.

ESTUDO DA UMBANDA. **As linhas vibracionais da Umbanda**. 2009. Disponível em: <<https://estudodaumbanda.wordpress.com/2009/02/27/7-as-linhas-vibracionais-da-umbanda/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

_____. **A magia dos Pretos velhos**. 2012. Disponível em: <<https://estudodaumbanda.wordpress.com/2012/05/12/a-magia-dos-pretos-velhos/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

FAUERS – FEDERAÇÃO AFRO UMBANDISTA E ESPIRITUALISTA DO RIO GRANDE DO SUL. **Site institucional**. 2017. Disponível em: <<http://fauers.com.br/>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

FBU – FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE UMBANDA. **Site institucional**. 2018. Disponível em: <<http://www.fbu.com.br/fbu/>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Borges de Medeiros**. Ebiografia, 10 mai. 2016. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/borges_de_medeiros/>. Acesso em: 08 nov. 2017.

FUNDO NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO. **Desenvolvimento da educação**. 2018. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-dados-estatisticos>>. Acesso em: 18 set. 2016.

G1 BAHIA. **Povo de santo faz caminhada pelo fim da violência contra a mulher e intolerância religiosa em Salvador**. Salvador, 15 nov. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bahia/noticia/povo-de-santo-faz-caminhada-pelo-fim-da-violencia-contra-a-mulher-e-intolerancia-religiosa-em-salvador.ghtml>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

G1 RIO. **RJ registra mil casos de intolerância religiosa em 2 anos e meio**. Rio de Janeiro, 18 ago. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/08/rj-registra-mil-casos-de-intolerancia-religiosa-em-2-anos-e-meio.html>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

GIPSY RED ROSE. **Pontos cantados de Exu**: Destranca Rua. Cante um Ponto, 06 out. 2010. Disponível em: <<http://canteumponto.blogspot.com.br/2010/10/pontos-cantados-de-exu-destranca-rua.html>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

HISTÓRIAS DA UMBANDA. **O mito da criação do mundo**. 2008. Disponível em: <<https://orixasdaumbanda.wordpress.com/2008/06/30/o-mito-da-criacao-do-mundo/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Território brasileiro e povoamento**. 2018. Disponível em: <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros.html>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

IG SÃO PAULO. **Manifestação no Rio de Janeiro pede o fim da intolerância religiosa**. São Paulo, 17 set. 2017. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2017-09-17/intolerancia-religiosa.html>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

ILÊ DE XANGÔ. **Bará**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=190>. Acesso em: 24 nov. 2017.

_____. **Iansã**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=163>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **Ibejis**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=169>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **Iemanjá**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=173>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **Obá**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=167>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **Odé**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=166>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **Ogum**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=162>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **Ossanha**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=168>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **Oxalá**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=175>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **Oxum**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=172>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **Xangô**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=165>. Acesso em: 20 nov. 2017.

_____. **Xapanã**. 2018. Disponível em: <http://www.iledexango.com.br/site/?page_id=171>. Acesso em: 20 nov. 2017.

MAIÊ, Mo. **De onde eram os africanos escravizados que vieram para o Brasil?** Terreiro de Griôs, 27 mar. 2015. Disponível em: <http://terreirodegriots.blogspot.com.br/2014/10/de-onde-vieram-os-africanos_6.html>. Acesso em: 24 nov. 2017.

MATGE, Pâmela Rubin. **UFSM pede reintegração de posse da Reitoria**. Diário de Santa Maria, 17 nov. 2017. Disponível em: <<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/geral-policial/noticia/2017/11/ufsm-pede-reintegracao-de-posse-da-reitoria-10047701.html>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

MENEZ, Lila. **Reino de Exu na Quimbanda (Kimbanda)**. Orixás e entidades da Umbanda e do Candomblé, 25 nov. 2012. Disponível em: <<https://lilamenez.wordpress.com/2012/11/25/reino-de-exu-na-quimbanda-kimbanda/>>. Acesso em: 19 set. 2017.

PAI MANECO. Disponível em: <<http://www.paimaneco.org.br/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

PARQUE DA REDENÇÃO. **O parque**. 2018. Disponível em: <<http://www.parqueredencao.com.br/o-parque/>>. Acesso em: 19 out. 2017.

PEREIRA, Sérgio Henrique da Silva. **A intolerância religiosa no Brasil é gravíssimo ato contra os direitos humanos**. Jus Brasil, 2016. Disponível em: <<https://sergiohenriquepereira.jusbrasil.com.br/artigos/342504847/a-intolerancia-religiosa-no-brasil-e-gravissimo-ato-contra-os-direitos-humanos>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

RAÍZES ESPIRITUAIS. **A importância dos Caboclos na Umbanda**. Disponível em: <<http://www.raizesespirituais.com.br/orixas/caboclos/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

_____. **Preto velho: um espírito evoluído**. Disponível em: <<http://www.raizesespirituais.com.br/preto-velho-espírito-evoluído/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

REI DO VUDU. **7 linhas da Quimbanda**. Disponível em: <<http://www.reidovudu.com/7%20Linhas%20da%20Quimbanda.html>>. Acesso em: 19 set. 2017.

SERIEIA DE ARUANDA. **Umbanda sagrada: Ibeji e Ibejada - As crianças na Umbanda**. Disponível em: <<http://sereiadearuanda.blogspot.com.br/2016/07/ibeji-e-ibejada-as-criancas-na-umbanda.html>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

UMBANDA DE CARIDADE. **Onibeijada**. 2011. Disponível em: <<http://umbandafecaridade.blogspot.com.br/2011/10/ibejis-na-umbanda.html>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

UMBANDA DE DEUS. **Linha de Preto velho**. Disponível em: <<https://umbandaedeus.blogspot.com.br/p/linha-dos-pretos-velhos.html>>. Acesso em: 25 set. 2017.

_____. **Linha dos Caboclos**. Disponível em: <<https://umbandaedeus.blogspot.com.br/p/linha-dos-caboclos.html?view=timeslide>>. Acesso em: 25 set. 2017

UMBANDA ESOTÉRICA. **Os caboclos e caboclas**. Disponível em: <http://www.umbandaesoterica.com.br/?page_id=587>. Acesso em: 25 set. 2017.

UMBANDA FILHOS DE FÉ. **As crianças Erês (Beijada)**. 2007. Disponível em: <<http://umbandafilhosdefe.blogspot.com/2007/08/as-crianas-ers-beijada.html>>. Acesso em: 19 set. 2017.

WE MYSTIC. **As características e lendas sobre a Pombagira Sete Saias**. 2018. Disponível em: <<http://www.wemystic.com.br/artigos/pomba-gira-sete-saias-caracteristicas-lendas/>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

E – FONTES DAS IMAGENS

PROF. CLAUDIO GUIMARÃES. **Tráfico negroiro**: principais rotas entre a África e a América Portuguesa. [S.d.]. Disponível em: <<http://claudioguimaraes.com.br/imahistoria/Mapa%20-%20Rota%20Comercio%20Escravo.jpg>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

GOOGLE. **Mapa da África**. 2018. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=mapas+da+%C3%A1frica&espv=2&biw=1280&bih=675&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiG9LTNudXNAhXIG5AKHZOoDyAQ_AUIBigB#imgrc=izY0_VtjHnH72M%3A>. Acesso em: 23 jul. 2017.

TERREIRO DE GRIÔS. **De onde eram os africanos escravizados que vieram para o Brasil?** 27 mar. 2015. Disponível em: <http://terreirodegriots.blogspot.com.br/2014/10/de-onde-vieram-os-africanos_6.html>. Acesso em: 24 nov. 2017.

GIRON, Loraine Slomp. **Colonos e escravos**: o trabalho os une. História Daqui, 15 fev. 2012. Disponível em: <<http://historiadaqui.blogspot.com.br/2012/02/colonos-e-escravoso-trabalho-os-une.html>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

BLOGSPOT. **Debret e a representação do cotidiano escravo**. [S.d.]. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/_1tVmj_iHUWE/TALMGb1b8dI/AAAAAAAAANQ/cNXi7TRvQws/s1600/Debret1-1.jpg>. Acesso em: 08 dez. 2017.

BLOGSPOT. **Orixá Bará**. [S.d.]. Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/-6_x7riEUSYQ/TulRbRcAOiI/AAAAAAAAAEY/98CgiJ-9hgg/s1600/bara.jpg>. Acesso em: 19 set. 2017.

ARMAZÉM DA ENERGIA. **Orixá Ogum**. Dez. 2014. Disponível em: <<http://armazemdaenergia.com.br/wp-content/uploads/2014/12/ogumorixu00E1.jpg>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

ELO7. **Orixá Iansã**. [S.d.]. Disponível em: <<https://img.elo7.com.br/product/zoom/1012D25/af201-quadro-em-madeira-dmf-iansa-umbanda.jpg>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BLOGSPOT. **Orixá Xangô**. [S.d.]. Disponível em: <<http://3.bp.blogspot.com/-mAALz7tFcNg/T-5Is6gtKiI/AAAAAAAAATE/gy2SP35rNLE/s1600/Dia+de+Xang%C3%B4+Orix%C3%A1.jpg>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

PINIMG. **Orixá Ibejis**. [S.d.]. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/originals/df/db/e9/dfdbe9e0e9629e858c13b150a951f31d.jpg>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BLOGSPOT. **Orixá Obá**. [S.d.]. Disponível em: <<https://3.bp.blogspot.com/-IWbXzrdGmXQ/WCnCIV1Fw3I/AAAAAAAAAVQ/inRBn2wcTZkzL9MoRG1FyvMpgz284LQXgCLcB/s1600/quadriculado.jpg>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BLOGSPOT. **Orixá Odé/Otim**. [S.d.]. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/-kSrWVT1zHjw/UKV6aPdiPpI/AAAAAAAAABBk/2jGyyb1ZH28/s400/ode_otim%5B1%5D.gif>. Acesso em: 20 nov. 2017.

PINIMG. **Orixá Ossanha**. [S.d.]. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/736x/9f/cd/36/9fcd36792d73eedc2bef76c53ea77440--yoruba-orishas-yoruba-religion.jpg>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

TUMBLR. **Orixá Xapanã**. [S.d.]. Disponível em: <https://78.media.tumblr.com/a772b96dfdf423493f57aa672b52a710/tumblr_on55caIhdA1t2y_rzno1_1280.jpg>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BLOGSPOT. **Orixá Oxum**. [S.d.]. Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/-FvTRUK059Lk/Unt1DxIw5PI/AAAAAAAAAAzA/xmCPxEEgQ_A/s1600/Oxum1.jpg>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BLOGSPOT. **Orixá Iemanjá**. Disponível em: <<http://3.bp.blogspot.com/-xuJhZsJj8U4/UsH-ylmTHJI/AAAAAAAAAbyA/NFr1Vd2coik/s1600/Iemanja%C3%A1+-+Umbanda+Astrol%C3%B3gica,+ax%C3%A9.jpg>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

WP. **Oxalá Orixá**. Ago. 2015. Disponível em: <<https://i1.wp.com/perdido.co/wp-content/uploads/2015/08/oxala23-673x10241.jpg>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

PAI RAFAEL DE OXALÁ. **Linhas da Umbanda**. Jan. 2017. Disponível em: <<https://www.pairafaeldeoxala.com.br/wp-content/uploads/2017/01/Umbanda-todos-as-linhas-desenho.jpg>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

PINIMG. **Preto velho**. [S.d.]. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/736x/7c/d6/cb/7cd6cb721b375f60472b2e80cd708764--american-art-angola.jpg>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

GOOGLE. **Caboclo Tupinambá**. [S.d.]. Disponível em: <http://lh3.googleusercontent.com/-3JfVdXFakH8/VsHakYPGlqI/AAAAAAAAAMo/Vb9ndfRCa80/s640/edited_1454337413162.jpg>. Acesso em: 08 dez. 2017.

IQUILIBRIO. **Ibejis**. Fev. 2017. Disponível em: <<https://www.iquilibrio.com/blog/wp-content/uploads/2017/02/ibejis.jpg>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

PINIMG. **Exu**. [S.d.]. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/736x/65/8a/3f/658a3f9f36f62e50c60d46da166a1312--black-art-afro.jpg>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

CULTURA MIX. **O que é a Pombagira**. 2017. Disponível em: <<http://cultura.culturamix.com/blog/wp-content/gallery/o-que-e-a-pombagira3/o-que-e-a-pombagira-9.jpg>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

NOVA ESCOLA. **África e Brasil**: unidos pela história e pela cultura. 2017. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/arquivo/africa-brasil/>>. Acesso em: 08 dez. 2017.